

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA

VICTOR HUGO NEDEL OLIVEIRA

**SOMOS JOVENS: O ENSINO DE GEOGRAFIA
E A ESCUTA DAS JUVENTUDES**

Porto Alegre

2015

VICTOR HUGO NEDEL OLIVEIRA

**SOMOS JOVENS: O ENSINO DE GEOGRAFIA
E A ESCUTA DAS JUVENTUDES**

Dissertação de Mestrado apresentada
como requisito parcial para obtenção do
título de Mestre em Geografia do Programa
de Pós-Graduação em Geografia do
Instituto de Geociências da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Nestor André Kaercher

Porto Alegre

2015

CIP - Catalogação na Publicação

Oliveira, Victor Hugo Nedel
Somos Jovens: o ensino de Geografia e a escuta
das juventudes / Victor Hugo Nedel Oliveira. -- 2015.
126 f.

Orientador: Nestor André Kaercher.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências,
Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre,
BR-RS, 2015.

1. Jovens. 2. Juventudes. 3. Ensino. 4.
Geografia. 5. Escola. I. Kaercher, Nestor André,
orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

VICTOR HUGO NEDEL OLIVEIRA

**SOMOS JOVENS: O ENSINO DE GEOGRAFIA
E A ESCUTA DAS JUVENTUDES**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: 01 de setembro de 2015.

BANCA EXAMINADORA:

Orientador: Prof. Dr. Nestor André Kaercher

Prof^a. Dr^a. Elisabete Maria Garbin

Prof^a Dr^a. Ivaine Maria Tonini

Prof^a. Dr^a. Lígia Beatriz Goulart

Prof. Dr. Xosé Manuel Souto González

Porto Alegre

2015

*À minha mãe
“que alimentou minha imaginação em fase de
crescimento e a vontade de aprender
mais sobre o mundo”.*

(John Boyne – O Palácio de Inverno).

AGRADECIMENTOS

À todos de maneira muito especial por terem contribuído – cada um de sua forma – na construção deste trabalho ou no amparo ao autor que ora escreve estas singelas palavras de gratidão:

- *à minha mãe, a quem agradeço o dom da vida e dedico este trabalho. Mãe, “tá” aí mais uma vitória dedicada a ti!*
- *à minha família: tios, tias, primos, primas, afilhado (Murilo Antônio), aos vivos e aos que já se foram;*
- *à Teka: por me amparar quando mais precisei;*
- *aos meus amigos: sem citar nomes, são poucos, mas de coração: obrigado!*
- *aos meus colegas de trabalho: que compartilham comigo das alegrias e angústias do ser professor;*
- *à UFRGS, pelo ensino público, gratuito e de excelência;*
- *ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, pela oportunidade de formalizar, nestes escritos, minhas inquietações;*
- *aos meus mestres formadores: Nestor (orientador, mestre e amigo), Ivaine, Bete, Castrogiovanni, Roselane, Lígia, Nelson, Rosa;*
- *aos meus professores, desde o maternal até a pós-graduação;*
- *aos meus alunos: obrigado por me fazerem ser e estar professor de Geografia.*

Por fim, agradeço a todos aqueles que eu gostaria de nominar, porém, me faltaria memória e espaço necessário. Cada um sabe da sua colaboração em meus estudos e meu trabalho. Muito obrigado e espero sempre e cada dia mais poder contar com vocês e retribuir para todos tudo de bom que a vida tem me dado!

ALOHA

(Renato Russo – Legião Urbana)

*“Será que ninguém vê
O caos em que vivemos?
Os jovens são tão jovens
E fica tudo por isso mesmo
A juventude é rica, a juventude é pobre
A juventude sofre e ninguém parece perceber
Eu tenho um coração
Eu tenho ideais
Eu gosto de cinema
E de coisas naturais
E penso sempre em sexo, oh yeah!
Todo adulto tem inveja, todo adulto tem inveja
Todo adulto tem inveja dos mais jovens
**A juventude está sozinha
Não há ninguém para ajudar
A explicar por que é que o mundo
É este desastre que aí está**
Eu não sei, eu não sei
Dizem que eu não sei nada
Dizem que eu não tenho opinião
Me compram, me vendem, me estragam
E é tudo mentira, me deixam na mão
Não me deixam fazer nada
E a culpa é sempre minha, oh yeah!
E meus amigos parecem ter medo
De quem fala o que sentiu
De quem pensa diferente
Nos querem todos iguais
Assim é bem mais fácil nos controlar
E mentir, mentir, mentir
E matar, matar, matar
O que eu tenho de melhor: minha esperança
Que se faça o sacrifício
Que cresçam logo as crianças”.*

RESUMO

O jovem contemporâneo vem surpreendendo a sociedade nos mais diferentes setores. Este mesmo jovem encontra-se em nossos bancos escolares e, por vezes, não damos a devida atenção às suas individualidades, coletividades e expressões. Esta pesquisa trata das culturas juvenis no âmbito escolar e suas relações com o ensino da Geografia. Objetivamos identificar os sentidos que jovens do ensino médio atribuem ao ensino de Geografia, mostrando como compreendem seu mundo/espaço e se a Geografia auxilia nestes processos de compreensão. O referencial teórico utilizado buscou colocar em diálogo as duas grandes linhas de investigação da pesquisa: as culturas juvenis e o ensino de Geografia. Para atingir os objetivos propostos, montamos um amplo questionário de pesquisa, dividido em três blocos: (a) a montagem de um perfil dos sujeitos-jovens; (b) as relações dos sujeitos-jovens com a Geografia; e (c) as relações dos sujeitos-jovens com sua escola. O referido questionário foi aplicado em três turmas de terceiro ano do ensino médio da escola escolhida como espaço de pesquisa e, posteriormente, analisado, resultando a construção do texto final de pesquisa. Os resultados da pesquisa indicam que o jovem-aluno contemporâneo é composto de múltiplas e transitórias identidades e, com isso, está adaptado a múltiplos pertencimentos. Mesmo tratando-se de uma realidade específica que foi analisada, entendemos que o perfil de jovem elencado pela pesquisa pode ser assim entendido em outros espaços, na medida em que vai se moldando a estas configurações identitárias. No tocante à Geografia escolar, nos ficou bem claro que o jovem-aluno vincula muito fortemente aos temas físicos da ciência, ao citar exemplos como localização geográfica e fusos horários. Há o questionamento, então, sobre a condução das aulas de Geografia, no ensino básico, a saber, se as mesmas dão conta do conceito pleno do espaço geográfico, no sentido de trabalhar as temáticas físicas, mas também as humanas da ciência. Percebemos que há relação direta entre as práticas juvenis e possíveis temas a serem trabalhados na aula de Geografia. Há muito que se avançar neste tipo de pesquisa, uma vez que tratamos, além dos objetos já previstos, de nossa prática docente.

Palavras-chave: Jovens. Juventude. Ensino. Geografia.

RESUMEN

El joven contemporáneo viene sorprendiendo a la sociedad en muchos sectores diferentes. Este mismo joven se encuentra en nuestros bancos de la escuela y, a veces no les damos la debida atención a sus leyendas, las comunidades y las expresiones. Esta investigación se ocupa de las culturas juveniles en el entorno escolar y su relación con la enseñanza de la geografía. Este estudio tuvo como objetivo identificar los significados que se atribuyen a los estudiantes de la escuela secundaria a la enseñanza de la Geografía mostrando cómo entender su mundo / espacio y si la geografía ayuda a la comprensión de estos procesos. El marco teórico trató de justificar en las dos principales líneas de diálogo esta investigación: culturas juveniles y la enseñanza de la geografía. Para lograr los objetivos propuestos, se reunió una encuesta grande, dividido en tres bloques: (a) el montaje de un perfil de los encuestados jóvenes; (B) la relación del sujeto-joven encuestados con la geografía; y (c) la relación del sujeto-joven encuestado con su escuela. Este cuestionario se aplicó en tres clases de tercer grado de la escuela de secundaria como un área de investigación y posteriormente analizada, dando a la construcción de la búsqueda del texto final. Los resultados de la encuesta indican que el joven estudiante contemporáneo se compone de múltiples identidades y transitorias y por lo tanto se adapta a múltiples afiliaciones. Incluso en el caso de una realidad específica que se analizó, entendemos que el joven parte de perfil que aparece en la encuesta puede ser bien entendido en otras áreas, como el joven se perfila estas configuraciones de identidad. En cuanto a la geografía de la escuela, quedó patente que el joven estudiante se vincula muy fuertemente a los problemas físicos de la ciencia, citando ejemplos como la ubicación y el tiempo de las zonas geográficas. Esta la cuestión, entonces, sobre la realización de clases de Geografía en la educación primaria, es decir, explican el concepto completo del espacio geográfico con el fin de trabajar los problemas físicos, sino también la ciencia humana. Se observó que existe una relación directa entre las prácticas de los jóvenes y los posibles temas que se trabajan en la clase de geografía. Hay mucho que avanzar en este tipo de investigación, además de los objetos ya siempre analizados en nuestra práctica docente.

Palabras clave: Joven. Juventud. Enseñanza. Geografía.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Correspondência entre os objetivos específicos, os eixos do referencial teórico e as partes do questionário de pesquisa.....	43
Quadro 2 – Distribuição das turmas de aplicação dos questionários de pesquisa....	47
Quadro 3 – Correspondência entre as partes do questionário da pesquisa e os eixos analíticos.....	48
Quadro 4 – Correspondência entre as funções do tempo livre categorizadas e as respostas dos alunos.....	58

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização do Colégio Estadual Júlio de Castilhos	18
Figura 2 – Parte da fachada do Colégio Estadual Júlio de Castilhos	20
Figura 3 – Exemplo de uma das tribos encontradas no Parque da Redenção em Porto Alegre	30
Figura 4 – Modelo de Pirâmide Etária brasileira 2010.....	62
Figura 5 – Esquema das relações entre o Jovem e o ensino da Geografia	84
Figura 6 – Exemplo de Vídeoaula no <i>YouTube</i>	89
Figura 7 – <i>Shopping</i> Praia de Belas	93
Figura 8 – Formação do “rolezinho” em um <i>shopping</i>	94
Figura 9 – Parque Farroupilha.....	95
Figura 10 – Um domingo qualquer no Parque Farroupilha	96
Figura 11 – Mapa do Bairro de residência dos alunos	98
Figura 12 – Sacada do Julinho.....	100
Figura 13 – Corredor do Julinho.....	101
Figura 14 – Vista de Satélite dos pátios do Julinho.....	102
Figura 15 – Foto dos pátios do Julinho	102
Figura 16 – Sala de aula do Julinho	103
Figura 17 – Sala de aula do Julinho	104
Figura 18 – Palavras que representam o primeiro dia de aula dos alunos no Julinho.....	105

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Sexo.....	50
Gráfico 2 – Turno em que estuda.....	50
Gráfico 3 – Idade dos alunos.....	51
Gráfico 4 – Cor/raça/etnia dos alunos.....	52
Gráfico 5 – Pertencimento às tribos	52
Gráfico 6 – Estilos musicais dos alunos	53
Gráfico 7 – Escuta música em sala de aula?	56
Gráfico 8 – O que faz no tempo livre.....	57
Gráfico 9 – visões de futuro dos alunos	61
Gráfico 10 – Uso de bebidas alcoólicas	65
Gráfico 11 – Condição de fumantes ou não	66
Gráfico 12 - Relação de trabalho dos alunos	69
Gráfico 13 – Tempo de estudo diário – além da sala de aula	72
Gráfico 14 – Realização de curso extra	73
Gráfico 15 – Tipo de curso extra realizado.....	73
Gráfico 16 – Tipos de leituras realizadas	74
Gráfico 17 – Orientação sexual.....	76
Gráfico 18 – Pertencimento familiar da religião ou culto	77
Gráfico 19 – Religião ou culto	78
Gráfico 20 – Tempo conectado por dia	80
Gráfico 21 – Possui <i>Facebook</i> ?	81
Gráfico 22 – Uso do <i>Facebook</i>	81
Gráfico 23 - Aparelho de acesso à <i>internet</i>	82
Gráfico 24 – Influência da Geografia.....	85
Gráfico 25 – Três palavras que lembram Geografia.....	86
Gráfico 26 – Onde mais é possível aprender Geografia	90
Gráfico 27 – Já viajou?.....	91
Gráfico 28 – Espaços de Porto Alegre	92
Gráfico 29 – Escolha pelo Julinho	97
Gráfico 30 – Espaços do Julinho.....	99
Gráfico 31 – Julinho é	106
Gráfico 32 – Julinho não é.....	106

Gráfico 33 – Julinho tem	108
Gráfico 34 – Julinho não tem.....	108

SUMÁRIO

1	DOS DESCAMINHOS! DE COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI E PARA ONDE QUEREMOS IR	14
1.1	UM POUCO DESTE QUE VOS FALA.....	15
1.2	DELIMITANDO O ESTUDO	17
1.3	PERGUNTA DA PESQUISA	21
1.4	OBJETIVOS DA PESQUISA	21
1.4.1	Objetivo Geral	21
1.4.2	Objetivos Específicos	21
2	JOVENS, JUVENTUDES E CULTURAS JUVENIS: DA HETEROGENEIDADE DOS ALUNOS DO COLÉGIO ESTADUAL JÚLIO DE CASTILHOS ÀS AULAS DE GEOGRAFIA	23
2.1	UM BREVE ESTADO DA ARTE DOS TEMAS DA PESQUISA	23
2.2	OS JOVENS CONTEMPORÂNEOS	25
2.3	OS JOVENS E O ENSINO DE GEOGRAFIA	32
2.4	OS JOVENS DO COLÉGIO ESTADUAL JÚLIO DE CASTILHOS	36
3	DOS PERCURSOS INVESTIGATIVOS DA PESQUISA	41
3.1	INVESTIGAÇÕES INICIAIS, REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E MONTAGEM DOS QUESTIONÁRIOS	41
3.2	APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS E OBSERVAÇÕES EM CAMPO	46
3.3	ANÁLISE E SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS COLETADOS	47
3.4	CUIDADOS ÉTICOS	49
4	DOS ACHADOS DA PESQUISA	50
4.1	CONSTATAÇÕES INICIAIS: O PERFIL DOS SUJEITOS-JOVENS	50
4.2	O JOVEM POR ELE MESMO: SENDO QUEM ELE É	58
4.3	O JOVEM E A CONECTIVIDADE: TEMPOS <i>ONLINE</i>	79
4.4	O JOVEM E A GEOGRAFIA: TÃO PERTO E TÃO LONGE.....	83
4.5	O JOVEM E SUA ESCOLA: ENTRE GOSTOS E DESGOSTOS.....	97

5	DAS DISCUSSÕES, DAQUILO QUE SURPREENDEU E AS CENAS DOS PRÓXIMOS CAPÍTULOS.....	110
	REFERÊNCIAS.....	115
	APÊNDICE A - Termo para Instituição.....	120
	APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	121
	APÊNDICE C - Modelo de questionário aplicado.....	122
	ANEXO A - Pesquisa de Interesse, realizada pela Fundação de Apoio ao Colégio Estadual Júlio de Castilhos em 2012.....	126

1 DOS DESCAMINHOS! DE COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI E PARA ONDE QUEREMOS IR

“Una vez, yo tuve una ilusión y no supe que hacer [...]”.

Somos tão jovens? Ainda persiste, em nossa sociedade, a busca pela eterna beleza, a eterna juventude? E o sonho de beber o elixir mágico da juventude e não envelhecer mais? Por longos anos a juventude foi tema de debate dos gregos e seus sucessores. Atualmente, vemos os avanços das áreas médicas em postergar a velhice. As capas de revista, apresentando formas jovens e esculturais, formando um ideal de beleza quase utópico. Mas não é sobre esta juventude que este trabalho se dispõe a tratar. Aqui, queremos discutir sobre essa fase que todos passamos: a juventude – que, por vezes se estende muito além do delimitado pela idade – e suas relações com a Geografia, enquanto disciplina escolar e, por consequência, formadora de cidadãos presentes e atuantes no mundo. Queremos ver mais de perto as diferentes culturas juvenis e como podem nos ajudar a docenciar.

É evidente que uma pesquisa no nível de mestrado deve seguir alguns padrões básicos, pelas normativas do uso da língua e da apresentação das etapas do trabalho, ora pelos padrões impostos pela história da academia e sua constituição enquanto instituição, seus ritos e seus costumes. Entretanto, antes de tecer diretamente os primeiros escritos em relação à presente pesquisa em si, considero ser importante realizar uma breve apresentação revelando os caminhos trilhados por mim até agora, enquanto aluno de mestrado, licenciado em Geografia e professor da escola pública e privada. Tal “memorial descritivo”, por assim dizer, pode até ser, para alguns, uma forma implícita – e até subliminar – de revelar alguns dos porquês deste trabalho, bem como as escolhas feitas, que serão apresentadas no decorrer da escrita.

Bem, vamos às apresentações: Sou licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS – 2012). Atualmente leciono a mesma disciplina em uma escola pública, o Colégio Estadual Júlio de Castilhos, e em uma escola da rede privada de ensino de Porto Alegre, laica, totalizando 38 horas-aula por semana.

Durante meu processo formativo enquanto profissional professor de Geografia e cidadão do mundo, as minhas vivências pessoais, acadêmicas e profissionais,

juntamente com os diálogos com meu orientador, foram esboçando as linhas e os limites deste trabalho de pesquisa.

Em certa aula de uma disciplina que realizei no mestrado, o professor comentou algo do tipo “das nossas pesquisas, sempre investigamos o que somos, o que não fomos ou aquilo que gostaríamos de ter sido”. Essa fala me marcou muito, pois, ao pensar minha história de vida e o que mantive interesse em pesquisar – os jovens que encontro diariamente nas salas de aulas e em outros ambientes das escolas nas quais eu trabalho –, percebo que me enquadro na parte da fala que pesquisamos aquilo que “não fomos”. Para que essa fala desse professor e todo o restante deste texto se encontrem e façam sentido para o leitor, necessito continuar meus escritos contando um pouco de minha história, de maneira a contextualizar e apresentar este que vos escreve.

1.1 UM POUCO DESTE QUE VOS FALA

Sou filho de uma família simples e humilde, no sentido econômico, classe média baixa, sem muitas regalias. Passei uma infância normal e tranquila, a maior parte em Porto Alegre, brincando com amigos da minha rua e colegas da escola. Meu pai, quando eu tinha 14 anos, saiu de casa e trilhou uma nova vida. Minha mãe, quando eu tinha 16 anos, descobriu um câncer na mama, passando por todo o doloroso tratamento, mas, poucos dias depois dos meus 18 anos, veio a falecer.

Estudei em uma escola privada confessional católica, o Colégio Marista São Pedro durante toda minha vida escolar. Escola esta na qual fui trabalhar depois de formado. Quando meus pais se separaram, minha mãe dirigiu-se ao irmão diretor para verificar a possibilidade de uma bolsa de estudos, e obteve a seguinte resposta: “o Victor não sai da escola. Em time que está jogando bem, não se mexe”. E nos concedeu a bolsa, oportunidade esta na qual ainda mais valorizo meus estudos e o colégio no qual estudei.

Iniciei a trabalhar com 16 anos, por minha vontade própria, como estagiário em um órgão público. Quando venceu o período do estágio, meu chefe imediato interessou-se em me manter trabalhando consigo e conseguiu para mim um cargo em comissão. Nesse emprego realizava tarefas administrativas, o que me deu uma grande noção do mundo do trabalho, como redação de cartas e ofícios, organização de eventos, cerimonial, protocolos, etc.. Nessa mesma fase, ia pensando em minha

escolha profissional. No segundo ano do ensino médio decidi que iria ser professor. Ciências Sociais ou Geografia? Não tinha certeza da disciplina. Após participar de algumas feiras de profissões nas universidades e de conversar com professores das duas áreas, no final do mesmo ano, decidi: serei professor de Geografia.

A decisão de ser professor se deu muito além da tradição familiar. Muitos em minha família trabalham com a docência em nível básico ou superior. Mas, queria ser o professor que eu não tive e não ser alguns professores que eu tive. Também escolhi essa profissão pelo poder social que tem, no sentido de formar cidadãos que atuam no mundo, pelo contato com a juventude e seus anseios de novidade, de liberdade e de justiça social.

A escolha pela Geografia não se deu em virtude do fato de que minha mãe era licenciada em Geografia. Na verdade, ela exerceu a docência no interior, por aproximadamente 3 anos e frustrou-se com a escolha, tornando-se comerciante. Decidi ser professor de Geografia pelo que em breve iria estudar: a capacidade desta ciência de analisar, com tanta propriedade, elementos e fenômenos ambientais e sociais ao mesmo tempo, fornecendo uma visão global daquilo a que se propõe discutir. Claro que, tendo uma ótima professora de Geografia no ensino médio, minha escolha foi facilitada.

Ao completar os 19 anos, pedi exoneração do meu cargo no órgão público em que trabalhava e entrei para o magistério público estadual, já que havia alcançado o 4ª semestre do curso de Graduação em Geografia e a legislação vigente permitia o ingresso de graduandos a partir desta etapa como professor contratado. Fui designado para uma escola em uma região de periferia de Porto Alegre, na qual trabalhei por dois sofríveis anos, dada a precariedade das condições da escola e a falta de uma gestão escolar mais eficiente. Lembro-me do momento em que pisei pela primeira vez na escola, já na condição de professor. Faltavam alguns minutos para o primeiro sinal. Todos olhando e se indagando: “este que é o novo professor de geografia?”. Pois bem, fui conversar com a supervisora pedagógica, pensando que teríamos uma longa tarde de conversas e explicações sobre o Projeto Político-Pedagógico, entre outras questões pedagógicas. Mas apenas me entregou os cadernos de chamada, os referenciais curriculares e disse que eu já estava atrasado para o primeiro período na turma da 7ª série.

Quando me dei conta, eu estava sozinho, sem orientador, sem supervisor, sem observador, com trinta alunos, em uma sala de aula. Evidente que meu

“batismo” profissional começara naquele mesmo instante, e não fora dos mais alvissareiros. O que não faltaram foram frases de efeito para tentar desequilibrar o professor novato que ali se apresentava. Frases como: “será que ele aguenta os tiroteios?” ou “se ele me rodar, mando meu pai descarregar o revólver [...]” ou, ainda, “tá muito certinho [...] temos que colocar ele nos eixos [...]” foram as mais delicadas que ouvi naqueles momentos. Confesso que não fiquei abalado com isso, uma vez que estava muito ciente de que, por algum período, de aproximação, a convivência não seria tão fácil.

Passados 2 anos fui transferido – a pedido – para o Colégio Estadual Júlio de Castilhos. Outro espaço, outros alunos, outras experiências. Ali consegui desenvolver um trabalho noutra nível, realizando-me profissionalmente e mantendo contato com outro tipo de jovem, que durante este texto procurarei descrever. Nesse meu primeiro ano nessa escola consegui realizar e efetuar um planejamento com certo grau de complexidade e me senti extremamente satisfeito com os resultados dos alunos, tanto em termos de aproveitamento em sala de aula como em participação e relacionamento com os mesmos. Após concluir a graduação (2012), as oportunidades de trabalho em instituições privadas surgiram, possibilitando novos olhares e também novas práticas.

Logo que comecei a lecionar, meu orientador na época da graduação, e agora de mestrado, aconselhou-me a levar para a sala de aula uma caderneta, aquela que seria minha “caderneta de campo”, para anotar situações, falas, constatações interessantes para serem abordadas no meio acadêmico e, assim, discutir a realidade escolar. Isso se tornou significativo, pois me possibilitou efetuar, constantemente, uma análise reflexiva sobre minha prática profissional. Esse material de análise resultou em alguns artigos durante meu período de graduação e, agora, na delimitação da problemática de pesquisa aqui apresentada.

1.2 DELIMITANDO O ESTUDO

Nesta definição do que pesquisar procurei realizar um estudo que contribua para a melhoria da educação e do ensino de Geografia, na medida em que o trabalho possa responder não apenas as minhas perguntas que faço atualmente, mas também possa ter significado para outros professores. Não digo que responderei as perguntas e que ajudarei outros professores, mas indico a minha

intenção de contribuir com o avanço das discussões sobre o ensino de maneira geral e especificamente sobre o ensino da Geografia. Conhecer os jovens com os quais trabalhamos é importante, porque possibilita entendê-los para além do trabalho com as competências as quais “devemos dar conta até o final do ano”. É importante porque estabelecemos relações afetivas entre professor e alunos, mesmo que estas sejam relações profissionais. Eu preciso conhecer quem é meu aluno, para buscar ser um melhor professor.

Quanto ao espaço de pesquisa, escolhi o Colégio Estadual Júlio de Castilhos (CEJC), localizado na região central de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul (RS). Essa é uma das escolas nas quais trabalho atualmente e, destas, é a escola pública na qual exerço minhas funções docentes. O compromisso com o retorno do que pesquisamos diretamente pela sociedade também se envolve na presente pesquisa.

Figura 1 – Localização do Colégio Estadual Júlio de Castilhos



Fonte: Google Maps (2015).

O CEJC é a maior escola pública estadual do Estado do RS. Possui tradição e nome no ensino, além de forte presença histórica, sendo que importantes acontecimentos ocorreram em suas dependências ou relacionados a seu nome, fazendo da escola parte da história do Rio Grande do Sul e de Porto Alegre. Nos últimos anos, a escola modificou-se paulatinamente, deixando de ser a referência em excelência no ensino do Estado do RS, mas ainda mantém a visibilidade que tinha desde sua fundação. Pode-se dizer que ocorreram mudanças em alguns principais eixos:

- a) **mudanças no público docente:** havia seleção interna até a década de 70 para docentes do CEJC, além da seleção própria do Estado. Os professores deveriam ter no mínimo titulação de licenciado e experiência em sala de aula. Atualmente, conta como forma de ingresso docente na escola ou o concurso padrão do Estado do RS ou a contratação emergencial, esta que não exige formação concluída no ensino superior;
- b) **mudanças no público discente:** havia seleção para ingresso como aluno até a década de 80, na qual se realizavam provas de conhecimentos gerais e específicos, sendo os alunos classificados e selecionados os com melhores notas. Além disso, uma significativa parcela do alunado daquela época provinha do interior, já que as escolas de ensino médio eram escassas nestas regiões do Estado. Esse aluno vinha com outros hábitos e rotinas de estudo. Maior comprometimento era natural desses jovens. Atualmente a população de alunos do CEJC é mais variada, como já se afirmou e se comprovou através da pesquisa. Dado importante é que o alunado atual da escola provém de diferentes bairros da cidade, e, em sua grande maioria, dos bairros Restinga e Lomba do Pinheiro, dois bairros de região periférica de Porto Alegre;
- c) **mudanças na gestão pública escolar:** o CEJC, historicamente, foi a escola que primeiramente recebia projetos, inovações, criação e manutenção de laboratórios de ponta, novas técnicas e metodologias. Além disso, a mantenedora da escola, Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, mantinha especial atenção neste espaço de ensino, destinando, além de recursos físicos, recursos humanos para quaisquer problemas que surgissem na escola. Atualmente, o CEJC tornou-se uma a mais na lista das escolas estaduais em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul.

Mesmo que continue marcando presença pela sua história, o CEJC, uma das maiores escolas públicas do Estado do RS, recebe atenção por parte de sua mantenedora tal qual qualquer outra da mesma rede.

Figura 2 – Parte da fachada do Colégio Estadual Júlio de Castilhos



Fonte: Acervo do autor (2015).

Vemos, na foto acima, por exemplo, um trecho da fachada do prédio principal do CEJC. Pode-se ter ideia de sua dimensão, ao perceber que não se consegue enquadrar toda sua fachada em uma mesma foto. O CEJC apresenta parcela significativa e representativa da população do alunado de Porto Alegre, uma vez que este vem de todas as regiões da cidade, incluindo cidades próximas, sendo composto por diferentes classes sociais, raças, credos religiosos, gêneros e opções sexuais. Entre outras palavras, trata-se de uma escola grande, com muitos alunos – aproximadamente 2.500 – e, acima de tudo, com grande diversidade, condições ideais para o desenvolvimento da pesquisa.

O CEJC trata-se de uma escola pública, como já apresentado. E a escolha por esse espaço de pesquisa não foi aleatória. Vários são os motivos que me levaram a escolher a escola pública para pesquisa e realização do presente trabalho:

- a) é inegável o “massacre” que a escola pública vem passando nas últimas décadas, por este ou aquele governo. Nesse sentido, procuro refletir sobre este espaço no ímpeto de querer contribuir para a melhoria na qualidade do ensino destes estabelecimentos por onde passam milhões de brasileiros anualmente;
- b) há, sem dúvidas, um compromisso da pesquisa com o retorno social a que ela se propõe. De fato, uma pesquisa realizada em uma Universidade pública, como a UFRGS, com financiamento de professores através de verbas públicas (no meu caso, sem bolsa de estudos, mas em quantos

- outros com a referida bolsa) deve pensar, igualmente, a educação em espaços públicos, neste caso, na educação básica pública – ensino médio;
- c) mesmo não havendo estudado em escola pública, percebi, ao ingressar enquanto docente nesse espaço, o quão carente em recursos financeiros a escola pública é, mas, o que mais me preocupou, de imediato, foi a carência em recursos humanos que pensem a organização, o currículo, a didática, o funcionamento destes estabelecimentos de ensino. Nesse sentido, se dá a escolha pela escola pública: colaborar, ainda que de maneira modesta e pequena, nas discussões sobre o pertencimento dos jovens a estes espaços e suas relações com as aulas/disciplina da Geografia escolar.

1.3 PERGUNTA DA PESQUISA

Para a realização da presente pesquisa, efetuo uma pergunta-base, que servirá como pergunta norteadora, guiando o desenrolar da pesquisa: **“Quem são os jovens alunos de ensino médio de escola pública e quais sentidos atribuem ao ensino de Geografia?”**

Nesse sentido, a pergunta dispõe-se a alinhar as leituras e posterior construção metodológica deste projeto.

1.4 OBJETIVOS DA PESQUISA

1.4.1 Objetivo Geral

Identificar os sentidos que jovens do ensino médio atribuem ao ensino de Geografia, mostrando como compreendem seu mundo/espço e se a disciplina auxilia nestes processos.

1.4.2 Objetivos Específicos

- a) Mapear e conhecer quem são os alunos atuais do CEJC, através de questionário próprio para montar um perfil geral do alunado da escola;

- b) compreender o que esses alunos pensam de Geografia, o que aprendem em Geografia e o que gostariam de aprender em Geografia, por meio de questionários;
- c) analisar as representações sobre escola e o ensino de Geografia de jovens alunos do Ensino Médio, buscando compreender os sentidos a ela atribuídos nesta fase da escolarização.

2 JOVENS, JUVENTUDES E CULTURAS JUVENIS: DA HETEROGENEIDADE DOS ALUNOS DO COLÉGIO ESTADUAL JÚLIO DE CASTILHOS ÀS AULAS DE GEOGRAFIA

“Soy como el agua del rio, y por el camino me dejo llevar [...]”.

2.1 UM BREVE ESTADO DA ARTE DOS TEMAS DA PESQUISA

Ao buscar minhas primeiras referências de leitura, em minhas inquietações e indagações particulares, muito antes de me candidatar às provas de acesso ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, senti falta de textos que relacionassem, diretamente, os dois grandes temas centrais da pesquisa: jovens (culturas juvenis) e o ensino de Geografia. Na ausência desses textos, dediquei meus esforços a buscar e ler mais os dois referenciais separadamente, para poder tecer minhas considerações neste capítulo do texto e, posteriormente, nas escritas dos resultados ou “achados” da pesquisa.

Essa pesquisa-inventário sobre textos de pesquisas (artigos, dissertações e teses) que possivelmente envolvem as duas áreas da presente pesquisas se deu através de repositórios digitais nacionalmente conhecidos, como o Sistema de Bibliotecas da UFRGS¹, o Sistema de Bibliotecas da USP² e o Sistema de Bibliotecas da UFG³. A escolha por essas três universidades, para pesquisar especificamente sobre o tema, se dá pela consolidação de linhas de pesquisa na área do ensino de Geografia há mais tempo no país. Em relação aos artigos acadêmicos sobre o assunto, foram pesquisados no banco de dados da CAPES⁴, no repositório Scielo⁵ e no *Google* acadêmico⁶. Para que houvesse uma padronização nas pesquisas, foram colocadas quatro palavras-chave em todos os sistemas, a saber:

- a) juventude;
- b) culturas juvenis;
- c) Geografia; e
- d) ensino.

¹ <<http://www.ufrgs.br/bibliotecas>>.

² <<http://www.sibi.usp.br>>.

³ <<http://www.bc.ufg.br>>.

⁴ <<http://www.periodicos.capes.gov.br>>.

⁵ <<http://www.scielo.br>>.

⁶ <<http://www.scholar.google.com.br>>.

Dessa forma, ao longo da pesquisa – e pesquisar é, efetivamente, um trabalho árduo – encontrei alguns textos que, de maneira um pouco tímida ou por vezes tangenciada, tocam nas relações desses referenciais: jovens e ensino de Geografia.

Ao final da escrita do presente texto, deparo-me com a Dissertação de Mestrado de Ferreira (2014), intitulada “Canoas como lugar: o mundo dos jovens contemporâneos a partir de suas representações sociais”. Ferreira (2014) apresenta as relações de jovens concluintes do ensino fundamental, de duas escolas municipais da cidade de Canoas (RS), com o conceito geográfico do lugar, através da construção de fanzines em sala de aula. A autora apresenta referencial teórico denso no que diz respeito ao ensino de Geografia. Por outro lado, não utiliza os mesmos referenciais teóricos do presente trabalho ao tratar da categoria “jovem” com maior intensidade do que tratamos aqui, enquanto “cultura juvenil”, uma vez que são conceitos distintos.

Um texto importante, também encontrado durante as pesquisas com o intuito de montar um breve estado da arte do tema aqui desenvolvido, foi o artigo de Pires, Simão e Pozzer (2013), intitulado: “Representações Espaciais, Juventude e Periferia: Guajuviras/Canoas/RS e seus desafios urbanos”. Coincidências à parte, o artigo publicado também se refere aos jovens do município de Canoas (RS), relacionando, aqui, com os conceitos de Lugar e Território, e, a partir dessas análises, cita as tramas de relações das representações sociais que esses jovens (de 15 a 25 anos, alunos de uma escola pública estadual) realizam em torno de seus espaços.

O terceiro texto encontrado é o artigo de Cavalcanti (2011), denominado “Aprender sobre a cidade: a geografia urbana brasileira e a formação dos jovens escolares”, que trata de uma pesquisa que investiga a contribuição da Geografia urbana na formação dos jovens escolares. O texto afirma que a juventude é uma categoria social e avalia as potencialidades do ensino da Geografia urbana na formação cidadã dos jovens alunos.

Por fim, o quarto texto encontrado, dentro dos moldes de pesquisa elencados anteriormente, traz uma relação nem tímida nem tangencial ao tema proposto para a presente pesquisa, visto que foi elaborado por duas autoras das duas áreas propostas nesta investigação: ensino de Geografia e culturas juvenis. O texto intitulado “Geografando práticas juvenis que (de)marcam a metrópole: uma questão

de currículo escolar?”, de autoria de Garbin e Tonini (2012), traz à tona a questão dos pertencimentos identitários dos sujeitos jovens ao (de)marcarem a metrópole, através de pichações ou grafites. O texto traz à discussão o referencial teórico adotado pela pesquisa: as culturas juvenis, e o relaciona com a temática urbana. É notória a presença desses elementos urbanos em nossas cenas cotidianas na cidade: grafites e pichações, e sabemos que os mesmos, em sua grande maioria, são produzidos por jovens que, por sua vez, estão em nossos bancos escolares. Se os mesmos percebem ou não a relação dessas atitudes com os conceitos geográficos de lugar e território, por exemplo, é o que procuraremos investigar ao longo do texto. Afirmam Garbin e Tonini (2012, p. 16) que

[...] é preciso que saibamos que os processos cotidianos de fragmentação somados ao poder da cultura da massa, inscrita em códigos e estilos, gestos e performances, têm nas cenas juvenis um terreno próprio para a formação de identidades.

Pois, nesse entendimento, há que se manter sempre presentes as importantes relações conceituais da Geografia no âmbito da sala de aula. O trabalho constante com os conceitos geográficos aqui cercados, como lugar e território, estão presentes nas culturas juvenis, mesmo por vezes não sendo explicitados/correlacionados nas aulas de Geografia.

Antes de partir ao capítulo que embasa teoricamente esta pesquisa, em si, cabe ressaltar que os textos citados aqui colaboraram na formação dos objetivos da pesquisa, uma vez que pretendemos entender as relações da Geografia escolar com as culturas juvenis como um todo e não em um enfoque específico, como a cidade, a relação do conceito geográfico de lugar, etc. Buscamos verificar, a priori, e sem pretensões de afirmações de verdades absolutas o que o jovem vê de Geografia em sua prática cotidiana e o que a Geografia escolar emprega da cultura destes jovens em suas aulas.

2.2 OS JOVENS CONTEMPORÂNEOS

Ao entrar em uma sala de aula, é impossível não notar a presença deles. Estão à nossa frente, falam com linguagem própria, gesticulam, utilizam vestimenta própria, escutam música, digitam no celular: são os jovens contemporâneos. Meu interesse em entendê-los mais e melhor partiu de reflexões que iniciei em meu cotidiano docente,

questionando-me sobre comportamentos juvenis que percebi e percebo em meus alunos. Durante a etapa formativa em aulas no mestrado, cursei a disciplina “Introdução aos estudos sobre juventudes na perspectiva dos estudos culturais”, no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFRGS. Nessa disciplina tive a oportunidade de aprofundar e discutir muito do que vejo em sala de aula e, de certa forma, contribuir na discussão que ora é apresentada, bem como na sistematização metodológica que *a posteriori* será encaminhada no presente. A principal categoria de análise da pesquisa é, portanto, a de “Juventudes”. Essa temática das culturas juvenis é amplamente trabalhada por Feixa (1998, p. 32), quando afirma que:

En un sentido amplio, las culturas juveniles se refieren a la manera en que las experiencias sociales de los jóvenes son expresadas colectivamente mediante la construcción de estilos de vida distintivos, localizados fundamentalmente en el tiempo libre, o en espacios intersticiales de la vida institucional.⁷

Observamos, nos estudos de Feixa (1998), que as culturas juvenis se formam na coletividade. É claro que existem muitos espaços não formais de aprendizagem e que os jovens se encontram em muitos outros espaços. Além de investigar os espaços não formais de aprendizagem, este estudo propõe-se a verificar os comportamentos e falas dos sujeitos-jovens-alunos e sua relação com o ensino da Geografia.

Feixa (2004, p. 78) complementa sua definição de juventudes como sendo

[...] uma fase natural do desenvolvimento humano que se encontraria em todas as sociedades e momentos históricos, explicado pela necessidade de um período de preparação e amadurecimento entre a dependência infantil e a plena inserção social.

E essa fase de entremeio entre a infância e a inserção social, se definida em termos de escolarização, encontra seu encaixe no ensino médio, época escolar que varia, regularmente, dos 15 aos 17 anos de idade. Caberia questionar aqui o papel da formação do ensino médio nessa etapa de preparação e amadurecimento. Como nossos currículos vêm tratando essas questões? É possível que a formação do aluno abarque, para além dos programas curriculares, uma formação plena e cidadã? Como ensinamos Geografia aos nossos alunos? Percebemos, na história brasileira, que as juventudes normalmente foram grupo integrante, atuante,

⁷ Tradução: Em um sentido amplo, as culturas juvenis se referem à maneira em que as experiências sociais dos jovens são expressadas coletivamente mediante a construção de estilos de vida distintos, localizados fundamentalmente no tempo livre, ou em espaços intrínsecos da vida institucional.

pensante e participante de muitos movimentos sociais e políticos. Entretanto, nosso aluno hoje possui senso crítico de sua realidade e executa, de fato, algo para mudá-la? Nesse caso, também entra em cena o papel da formação da Geografia, no sentido de discutir os temas atuais da sociedade brasileira com os alunos. Caccia-Bava e Costa (2004, p. 15) já afirmaram esse histórico da juventude brasileira, ao proferir que

[...] a formulação de uma primeira síntese da história da juventude brasileira permitiu-nos identificar **um traço constante que caracteriza os grupos e movimentos de jovens: a ingenuidade e a honestidade**. A exposição das motivações e intenções culturais e políticas apareceu como traço marcante da condição juvenil, que rejeitaria o maquiavelismo como forma de ser dominante. [grifo nosso].

Nesse sentido, cabe lembrar que rebeldia, inquietação e inconformidade fazem parte das culturas juvenis, não só nos tempos de outrora, mas também nos jovens contemporâneos que encontro em minhas salas de aula. O fato é que muitas vezes, ao recebermos esses alunos, não há uma base conceitual clara e sólida, que já deveria ter sido trabalhada desde o ensino fundamental. Não quero aqui jogar a culpa para os professores dessa etapa formativa. O que se faz é a conclusão necessária de que, sem uma base clara para discussões em sala de aula, o professor pouco pode agir, devendo estar constantemente retomando os assuntos anteriores. Sobre essa temática da inconformidade com gerações anteriores ou com o momento atual estabelecido, outro autor muito conhecido e admirado nos estudos de culturas juvenis, Pais (2003, p.44), já nos aponta que “[...] as culturas juvenis definem-se por relativa oposição à cultura dominante das gerações mais velhas, como uma forma de ‘resistência’ à cultura da ‘classe dominante’, quando não mesmo a sua expressão linear”.

Mas, como favorecer um ambiente adequado de aprendizagem a esse aluno para que possa discutir e formular ideias do que pensa de diferente em relação às gerações mais velhas? É possível, em sala de aula, estabelecer, com os alunos, padrões de como eram seus pais quando jovens e quais as relações sociais que os mesmos tinham. A resistência, aqui descrita, não somente se refere ao meio social, mas, também, na sala de aula. Quantas e quantas vezes nós, professores, e nossas propostas, são alvo de resistência dos alunos! O fato é que, em alguns casos, infelizmente, o aluno tem razão em não querer realizar determinadas tarefas ou propostas. Entretanto, em muitos outros casos – e acredito que em sua maioria – o

aluno cria resistência ao trabalho proposto, mesmo sabendo que isso acarretará em seu crescimento caso o faça, porque não há empatia com o professor que o propõe.

Nesse sentido, comecei a perceber que, mais que simplesmente “dar aula”, é necessário dialogar com o jovem, ouvi-lo, escutá-lo, estar atento ao que vem falando, como vem se portando e as suas preocupações. Há os que dirão que é tarefa árdua, trabalhosa e impossível. De fato, não há como conhecer particularmente cada aluno, com seus problemas e inquietações! Mas, “[...] compreender o que é ser jovem exige escuta, pois a realidade poderá ser diferente e, para se chegar a ela, torna-se necessário penetrar nos meandros do cotidiano dos jovens” (STECANELA, (2010, p.55) Já nos afirma Pais (2003, p.70): “Percebo também, que para ‘penetrar nos meandros dos jovens’, não basta apenas estar em seu meio, ingressar na sala de aula e dar aula”. Há que ter escuta qualificada e disponível às suas ansiedades. Quando circulo no meio da sala de aula e converso com os alunos, percebo, efetivamente, quem eles são: pessoas jovens com muitas dúvidas, muitas incertezas, algumas verdades de mundo e muitos outros atributos morais, sociais, intelectuais e sentimentais. E são nesses meandros das culturas juvenis que percebo o quão rica é a realidade vivida e sonhada pelos jovens. O mundo da diversidade encontrado em uma escola é tão grande que dar conta de toda esta discussão em uma pesquisa apenas seria ilusão, porém, não podemos, de outro lado, dar às costas para tamanha riqueza teórica e conceitual, mas, acima de tudo, prática. Pais (2003, p. 98) continua e defende

[...] que a juventude deva ser olhada “não apenas na sua aparente unidade, mas também na sua diversidade”, pois não há um único conceito de juventude, que possa envolver todos os campos semânticos que a ela estão associados.

Nem em termos conceituais nem na gama incontável de diversidade humana conseguiríamos discutir e formular um padrão único para as juventudes contemporâneas. Contudo, há que delimitarmos, para fins óbvios da pesquisa, alguns aspectos importantes e relevantes para serem questionados, referentes aos jovens que encontro diariamente em meus espaços de trabalho. Esses dados foram selecionados para a pesquisa pela evidência que tomaram em meu cotidiano docente. Acredito que qualquer docente também os tenha percebido, porém, me atrevo a questionar os jovens sobre: suas residências, suas idades, suas cores de pele, sua sexualidade, seus gostos musicais e literários, seus hábitos coletivos e particulares, entre outros, que serão

explicitados no questionário da metodologia de pesquisa. Nessas informações encontramos relações diretas com a Geografia, pois não somente os comportamentos dos jovens, como também eles mesmos, são Geografia!

Ao questionar o sujeito jovem sobre seus espaços, dentro e fora da escola, há que nos remetermos às relações de poder, claras e automaticamente efetuadas nesses espaços. Falamos, então, das relações territoriais dos sujeitos jovens. Feixa (1998, p.87) já nos aponta que “[...] a relação dos jovens com o território é das mais significativas perspectivas de análise das culturas juvenis, considerando que historicamente, se constituíram com fenômeno essencialmente urbano”. As culturas juvenis que despontam como um fenômeno urbano podem amplamente serem trazidas para as aulas de Geografia. Eu, particularmente, em minhas aulas, estou dispensando tempo em discutir com maior profundidade os fenômenos e processos urbanos, dado que nossa constituição, nas escolas que trabalho em Porto Alegre, é majoritariamente urbana. Nossos alunos transitam pela cidade, muitas vezes sem notar as marcas do espaço e como nós mesmos grafamos a cidade com nosso vai-e-vem cotidiano. Alertar o jovem contemporâneo para isso também é parte da aula de Geografia. Não quero aqui encher mais do que já está cheia a grade de conteúdos e programas curriculares a serem cumpridos. Minha intenção, verdadeiramente, é aportar minhas percepções de sala de aula, juntamente com minhas leituras, de como trazer à realidade as vivências dos alunos-jovens contemporâneos, e problematizar, discutir e comparar estas evidências nas aulas de Geografia. Ao questionar meus alunos sobre os espaços que mais gostam de frequentar, sejam eles na escola ou na cidade, refiro-me ao conceito de “espaço social praticado”, já alertado por Stecanela (2010, p.65) quando afirma que

[...] os “espaços sociais praticados”, especialmente no tempo livre dos jovens, contribuem para a constituição de redes de sociabilidade que, por sua vez, ajudam na construção das múltiplas identidades juvenis, a partir da relação consigo, com o outro, com o grupo e com a cidade.

Em Porto Alegre, por exemplo, um espaço de encontro semanal das diferentes tribos de jovens é o Parque Farroupilha, mais conhecido como Parque da Redenção, localizado próximo ao centro de cidade e também muito próximo ao Colégio Estadual Júlio de Castilhos. Aos sábados e domingos pela tarde ocorrem verdadeiras manchas no espaço, se analisamos por imagens aéreas. Os diferentes grupos se reúnem, e, quando não há invasão territorial de um elemento de um grupo em outro território que

não o seu, o convívio ocorre tranquilamente. Um exemplo são os grupos de “*Cosplay*” (Costume Play – representação de personagem a caráter), os quais são grupos de atividades lúdicas praticadas em sua maioria por jovens, que consiste em se disfarçar ou se paramentar de algum personagem real ou fictício de algum anime (desenho animado japonês), mangá (quadrinhos japoneses), revista em quadrinhos ou similar.

Figura 3 – Exemplo de uma das tribos encontradas no Parque da Redenção em Porto Alegre



Fonte: Acervo do autor (2015).

Ressaltamos que essa mesma juventude encontrada na foto é a recebida nos bancos escolares. Como lidar com essas diferentes maneiras de ver o mundo? O que, de fato, têm a ver essas fantasias e vestimentas com o que tratamos em sala de aula? Esses são exemplos de questionamentos que venho me fazendo, ao encontrar na sala de aula, por exemplo, algumas vezes, alunos fantasiados com roupas de “anime”, festivais de desenhos relacionados à cultura japonesa. Ir além do óbvio, nesse caso, que seria aproveitar o ensejo e falar sobre a “Geografia do Japão”. É falar também de como a indústria cultural vem modificando nosso cotidiano e nos inserindo, cada vez mais, no mundo globalizado no qual vivemos. Não se pode falar das relações dos jovens com o mundo globalizado sem falar e questioná-los sobre a forma com a qual a *internet* está bricolada em sua rotina e suas vivências. Sobre isso, encontramos apoio nos estudos de Garbin (2009, p.18), quando versa sobre as culturas juvenis contemporâneas e as diferentes facetas destas culturas, que encontram na *internet* a sociabilização, como novas formas de se relacionarem:

[...] para os jovens do século XXI, dada a centralidade das tecnologias digitais nas quais foram nascidos e criados conectados à Rede, a comunicação com os outros passa a ser base de quase todas as suas relações.

Posso afirmar que não há uma aula na qual não perceba ao menos um aluno mexendo, nem que apenas uma vez, em seu aparelho de *smartphone*, atualizando ou verificando seu *status* no *Facebook*, *WhatsApp*, *Twitter*, *Instagram* ou outra rede social. Há que ceder às pressões da tecnologia? Há que aboli-las, abruptamente, de nossa sala de aula? Nem tão ao céu, nem tão ao inferno. O bom senso, nessas horas, ajuda. Confesso que permito o uso do telefone celular, para fins de pesquisa em sala de aula, quando autorizado por mim. Na era da informação há que saber ensinar ao aluno a filtrar o que vê na *internet* e transformar esta informação em conhecimento, e posteriormente, em sabedoria para sua vida.

Outro processo que percebo claramente, principalmente com alunos dos turnos da tarde e noite no Colégio Estadual Júlio de Castilhos, trata-se da “dilatação da juventude”, onde um grupo considerável de alunos permanece na escola – muitas vezes forçando sua reprovação – com o intuito de manter seus contratos com estágios e/ou bolsas de emprego. Daí a intenção de questionar a relação série/idade do aluno, verificando este ponto, bem como, posteriormente, a análise dos índices de reprovação. Sobre a dilatação da juventude, Canevacci (2005, p.102), nos aponta que “[...] é possível ‘dilat’ a permanência na categoria jovem, se o sujeito continuar estudando, ou passar para a vida adulta entrando logo no mercado de trabalho”. Esta é a realidade que vejo muitas vezes: sujeitos jovens, mas com responsabilidades de adultos, já mantendo uma vida financeira ativa e colaborando de maneira significativa na economia de suas casas.

Quem são os jovens contemporâneos? Como tratar as culturas juvenis em sala de aula hoje? Serrano (1998, p.118) já nos intui a pensar no sentido de que

*[...] talvez las culturas juveniles hoy más que ser una contracultura se presentan como la expresión evidente de lo que son las tendencias del momento actual, de las cuales ellos son unos de los interpretes de una partitura que tocamos todos, de una gran representación en la que somos actores y espectadores.*⁸

⁸ Tradução: Talvez as culturas juvenis hoje mais que ser uma contracultura, se apresentam como a expressão evidente do que são as tendências do momento atual, das quais eles são alguns dos intérpretes de uma partitura que tocamos todos, de uma grande representação, na qual somos atores e espectadores.

Serrano (1998) incita o debate das culturas juvenis como a expressão das tendências do momento atual. E, de fato, os jovens apresentam o estereótipo de imortalidade, força, ultrapassagem de barreiras. Certamente também todos nós estamos envolvidos nessa “grande representação” apontada pelo autor, muitas vezes observando e seguindo regras sociais impostas pelas mídias e outras vezes ditando estas regras para nossos alunos. Ser jovem é eterno e não passageiro, o espírito da juventude pode fazer parte da vida de uma senhora de muitos anos de vida. Ser jovem é ver o mundo com o olhar do novo e estar aberto às mudanças dos novos tempos.

Nesse emaranhado de redes e conceitos para melhor entender os processos que perpassam as múltiplas identidades dos jovens, surge a identidade de aluno – importante para a presente pesquisa – já que é o elo entre as identidades já anunciadas e o ensino de Geografia. Neste sentido, Xavier (2014, p.101) nos alerta que o processo de construção social da categoria “aluno” não se dá naturalmente na relação de sala de aula, na medida em que

[...] a incorporação [das crianças] a uma instituição do Estado como é a escola, regida por um conjunto de convenções novas e [...] em grande parte desconhecidas, supõe a internalização dessas convenções para sua transformação [na] categoria social [...] de alunos.

Sob essa ótica fica claro que, para que a criação da identidade do aluno se efetive, não basta apenas criarmos e colocarmos em prática as normas e o regramento tão costumeiros em nossas escolas. Há que perpassarmos por uma questão histórica de culturas escolares, muitas vezes passadas de pais para filhos, com as quais não nos deparamos, atualmente, em nossas salas de aula. O aluno não chega pronto à escola. O professor também não. Trata-se de processos que ocorrem a cada geração, os quais estão plenamente imbuídos de convenções atitudinais, morais, éticas e culturais. É nossa intenção aprofundar este tema durante os desdobramentos dos achados da pesquisa, uma vez que trabalharemos com muitos dados encontrados e poderemos correlacioná-los com os conceitos já apresentados aqui. Vejamos as relações entre os jovens contemporâneos e o ensino de Geografia.

2.3 OS JOVENS E O ENSINO DE GEOGRAFIA

Como pensar uma Geografia para os jovens? Quais aportes teóricos e metodológicos devem portar o professor de Geografia, em relação ao conhecimento

dos/nos sujeitos-jovens-alunos? Há que se elucidar o leitor que, após densa pesquisa bibliográfica, pouquíssimos materiais trabalham diretamente com a relação do ensino de Geografia e os Jovens Contemporâneos/Culturas Juvenis. O que encontrei aqui foram materiais que ou tangenciam a temática e podem me ajudar na discussão proposta, ou que falam diretamente sobre o ensino de Geografia, e coloco, neste momento, para a discussão e elaboração das redes de conceitos necessárias à pesquisa. Ao ingressarmos no tocante ao ensino de Geografia, há que ressaltarmos o que é a Geografia Escolar! Como já nos alerta Cavalcanti (2008, p.23), trata-se da ciência que possui uma especificidade

[...] que advém em parte dos conhecimentos acadêmicos, em parte do movimento autônomo dos processos e práticas escolares e em parte das indicações formuladas em outras instâncias, como as diretrizes curriculares e os livros didáticos.

Ou seja, não estamos tratando aqui das temáticas puras e aplicadas da Geografia, como: Geografia Urbana, Climatologia, Geografia dos Conflitos Mundiais, ou outra subdivisão qualquer. Em Geografia Escolar, entendemos este tríplice movimento: a) conhecimentos acadêmicos; b) práticas escolares; e c) diretrizes curriculares e livros didáticos. Logo, é errônea a concepção de que a Geografia ensinada na escola seria uma cópia do que a academia pura e simplesmente está produzindo. A Geografia Escolar tem vida própria, e vai se estabelecendo como tal, cada vez mais aumentando sua pesquisa e debate. Penso que a maior discussão na atualidade é a função da Geografia e de seu professor.

Vivemos na sociedade da rapidez e da informação, isto é inegável. Em tempos onde as informações percorrem o mundo em velocidades incríveis e os jovens acompanham com muita facilidade estas transformações e esta velocidade, o professor de Geografia deve saber como reinventar sua prática pedagógica, uma vez que já nos alertava Lacoste (1988, p.96) que, “no caso da geografia, a relação pedagógica veio a ser transtornada, pois o mestre não tem mais como outrora e como ainda acontece em outras disciplinas, o monopólio da informação”. O que fica muito claro para mim é o seguinte: em se tratando de jovens alunos contemporâneos, a aula, quando é depósito de informações, pouco tem valor. O que chama atenção dos jovens, e principalmente na aula de Geografia, é quando a informação passa a ter sentido e se transforma em conhecimento, mais ainda se o conhecimento se aplica a situações cotidianas e se transforma em sabedoria. E este processo não

compreendemos como tarefa de fácil resolução. Há que efetuar o planejamento de aulas com muita atenção, para que o que for trabalhado possa de fato corroborar na construção do conhecimento e sua conseqüente aplicação em situações reais. Conforme Castrogiovanni (2011, p.79) há que estar atento ao fato de que “[...] o conhecimento é a representação da realidade através das formas de linguagem. Portanto, por sermos inteligentes, o conhecimento transforma-se através do tempo, assumindo verdades provisórias no presente”.

Logo, o que é verdade hoje, amanhã pode não ser. O fato é que está sendo apresentada como verdade hoje, agora. Entender melhor quem é meu aluno é, portanto, uma maneira de saber como trabalhar estas informações com eles e, desta forma, a partir da condução dos conhecimentos geográficos de seu cotidiano, fazendo com que os mesmos tenham sentido e tornem-se, de fato, conhecimento.

Nesse sentido, voltamos à discussão curricular. Grenn e Bigun (1995, p.66), nos questionam: “Têm as escolas e as autoridades educacionais desenvolvido currículos baseados em pressupostos essencialmente inadequados e mesmo obsoletos sobre a natureza dos/as estudantes?”

Que currículo, para quais alunos? Procuro, em minha prática docente, instigar o aluno para que perceba, como já dito, que a realidade que o circunda também é Geografia. Esta pesquisa propõe-se a verificar, nesse sentido, qual o papel do ensino de Geografia para os jovens contemporâneos e, desta forma, também contribuir humildemente na discussão curricular da disciplina. Cavalcanti (2011, p.55) complementa a discussão curricular e adiciona a questão das pesquisas em ensino de Geografia, as quais são realizadas na contemporaneidade, ao acenar que

[...] a reflexão sobre o que ensinar em Geografia, tendo em vista a sociedade contemporânea e suas demandas, tem sido uma preocupação de muitos investigadores de ensino e de muitos professores, no Brasil e em outros lugares do mundo, devido ao interesse que se tem em **aproximar o ensino dessa matéria às demandas formativas da sociedade, em permanente e acelerada transformação.** [grifo nosso].

Não basta apenas ficarmos no âmbito das pesquisas ou da preocupação. Acredito que é necessário, também, partir para a ação. Como, de fato e efetivamente, o professor de Geografia pode aproximar suas aulas à realidade circundante? Defendo a tese de que conhecer melhor seu aluno, e, a partir disto, pensar em suas aulas, aproximando-as da realidade do mesmo, é a melhor forma de conquistá-lo em termos afetivos e cognitivos. Ou seja, quando o aluno percebe que

o professor está interessado nele, e não apenas em encaminhar uma lista de conteúdos, torna-se aberto ao que se propõe e, ao mesmo tempo, as chances reais de o aprendizado acontecer são enormemente maiores.

Falar sobre Geografia escolar é também pensar no professor de Geografia. Kimura (2010, p.77) afirma-nos que, “[...] diante da dificuldade de uma leitura do mundo, o trabalho do professor de Geografia torna-se muito mais complexo”. E quão complexo é o trabalho do professor de Geografia na atualidade, com a carga imensa de informações que são despejadas diariamente sobre nossos alunos-jovens, e sobre cada um de nós. O trabalho em sala de aula, que deve ir além da mera, pura e simples informação, passa a se tornar complexo no sentido de que cabe também ao professor a seleção daquilo que colocará em prática/discussão de tudo o que vem acontecendo na realidade. A mesma autora segue na discussão da relação do professor de Geografia com seu aluno, a qual, muitas vezes, torna-se complicada e complexa, dadas as relações de empatias ou não formadas entre alunos e professor. Sabemos que nem todos os professores são do agrado de todas as turmas, e isto é absolutamente normal, dado que entramos na seara das relações interpessoais. Kimura (2010, p.45) nos alerta para que a Geografia seja um ponto de ligação entre alunos e professores, na medida em que o professor se utiliza da mediação dos conhecimentos para aproximar-se de seus alunos (jovens):

O professor pode encontrar na relação dialógica com o aluno um caminho que ofereça pistas com possíveis esclarecimentos sobre as razões de os alunos fazerem uma determinada representação do mundo pouco usual para a Geografia. Este é um bom modelo de partida para o aluno ir incorporando e acrescentando novas apreensões sobre a realidade, tendo na mediação do professor de Geografia, as possibilidades de construir novas referências.

E essa relação dialógica, em alguns casos, pode encontrar conflitos, na sala de aula, na escola e em outros espaços. Castellar (2011, p.145) aponta para a necessidade de compreensão da realidade do aluno, para que os conflitos que porventura possam surgir sejam motivos para a compressão de uma realidade toda mais complexa do que apenas o mundo escolar:

[...] ao entender esses conflitos existentes na escola que a aula pode fazer diferença, conforme o aluno, ao ser colocado em situação de desafios, é estimulado a estabelecer nexos entre o que aprende e a realidade, o que pode lhe dar instrumentos para romper com as desigualdades.

Com essa fala quero lembrar a importância dos conflitos presentes na escola e de como as aulas de Geografia podem romper e acrescentar novos conhecimentos aos alunos, já que estes podem – e deveriam – ser constantemente estimulados.

Fazer da aula de Geografia um espaço para pensar nossa constituição como sujeitos é colocar a realidade a nossa frente e, a partir dela, pensar sobre o mundo e como nós o interpretamos. Já afirma Kaercher (2011, p.206), que “[...] a aula de Geografia pode contribuir para fazer as pessoas pensarem suas imagens de mundo, o modo como foram construídas, as razões pelas quais se mantém e as maneiras outras de imaginar esse mesmo mundo”.

Nesse sentido, percebemos a importância da aula de Geografia e a sua real contribuição. O sujeito-jovem-aluno, com seus anseios e inquietações, também possui imagens de mundo e é dever do professor de Geografia ajudá-lo a interpretar estas imagens, bem como as maneiras de imaginar o mundo. Um exemplo para estimular isso seria através das ferramentas da “perguntação”, já apontadas por Kaercher (2011). Perguntar sobre as visões de mundo dos alunos e suas representações, bem como sobre as mais variadas formas de percepção do espaço forma parte de estratégias conceituais fundamentais para a construção das relações espaciais dos jovens.

Em suma, “[...] a Geografia escolar não se ensina. Ela se constrói, ela se realiza”. (CAVALCANTI, 2008, p.45). A Geografia escolar se realiza em nosso cotidiano docente, quando estamos trabalhando não apenas os conceitos que nos cabem, mas a diversidade que encontramos em sala de aula e como esta diversidade pode nos ajudar a melhor docenciar, a sermos melhores professores. Para trabalharmos com estes sujeitos-jovens, é preciso conhecê-los melhor: e é a isto que este trabalho se dedica!

2.4 OS JOVENS DO COLÉGIO ESTADUAL JÚLIO DE CASTILHOS

Ao buscar entender quem é o jovem contemporâneo e suas relações com a Geografia, busco entender também, e especificamente, como está composto o quadro de alunos da escola na qual trabalho. Nesse sentido, Michalski (2010)

apresenta a identidade do aluno Juliano⁹, destacando aspectos importantes como: a liberdade que o aluno encontra dentro da escola, os diferentes espaços e grupos que a escola proporciona ao aluno e as oportunidades extracurriculares que são fornecidas ao aluno.

O Julinho proporciona contatos sociais dos mais diversos, e isso vem a ser um diferencial desta escola. Dou-me conta de suas identidades são enriquecidas nas relações sociais que ocorrem dentro do colégio, o que necessariamente leva a um amadurecimento, ao aprendizado da tolerância e da solidariedade. (MICHALSKI, 2010, p. 11).

E segue a autora, sobre os diferentes significados que o Julinho fornece e constrói em seus alunos:

O “Julinho” é um lugar repleto de significados para todos aqueles que estudaram e estudam lá. Ao longo desses cento e dez anos, o colégio é principalmente lembrado como escola-padrão, com professores marcantes e um ensino qualificado. Mais recentemente, principalmente através dos meios de comunicação, a escola tem sido associada algumas vezes ao uso de drogas e brigas que de fato ocorreram em 2006 no coreto da praça em frente ao colégio envolvendo alunos de outras escolas próximas, alguns do Julinho e outros que não eram de escola nenhuma. A questão da drogadição e da violência invadiu quase todos os espaços da cidade, inclusive o espaço escolar, seja ele público ou privado. (MICHALSKI, 2010, p. 13).

Realmente, a violência escolar é um fato presente nas mais variadas escolas, e o Colégio Estadual Júlio de Castilhos também sofreu e sofre deste mal. Esses significados apresentados por Michalski são confirmados em pesquisa recente realizada pela Fundação de Apoio ao Colégio Estadual Júlio de Castilhos (Fundação), entidade responsável por assessorar e congregar alunos, professores, ex-alunos e ex-professores. Nas pesquisas, realizadas pelo Departamento de Ensino desta Fundação, afirma-se que 56,8% dos alunos já mantinham interesse em estudar na escola, mesmo antes de se matricular (Anexo A), fato este que confirma a tese, mesmo em tempos de mudanças na escola, de que mais da metade dos alunos ingressantes gostariam de estudar nesta escola e não em outras, o que ainda, *a priori*, a mantém como escola de referência. Michalski (2010, p.19) continua e afirma outros espaços sociais nos quais os alunos transitam dentro da escola:

⁹ Entende-se, por aluno Juliano, o aluno que está atualmente matriculado no CEJC ou que já foi aluno desta escola. Este termo é utilizado justamente para reforçar esta ideia de pertencimento identitário ao colégio.

Ao longo dos três anos (no mínimo) que os jovens que estudam no Julinho, também namoram, fazem parte do time de vôlei, futebol e futsal, participam de oficinas de teatro, escultura, desenho, gravura, pintura ou cerâmica (um dos diferenciais do colégio), atuam no Grêmio Estudantil, participam de reuniões do Kaa-eté (grupo ambientalista) ou ainda, até pouco em atividades do DTG.

Atualmente, ainda permanecem algumas das atividades supracitadas. Tais atividades são formadoras também destas características plurais e que tornam esta uma escola de ensino médio diferenciada das demais de mesmo nível da rede pública estadual. Ao matricular-se, o aluno seleciona em qual modalidade esportiva realizará as aulas de educação física: *vôlei*, futebol, *futsal*, academia de ginástica, alongamentos e caminhadas. Da mesma forma, os alunos elegem a especialidade de arte que estudarão (esta apenas no primeiro ano do ensino médio, conforme a grade curricular vigente): teatro, escultura, desenho, gravura, pintura ou cerâmica. Outros espaços atuantes para o aluno, atualmente, são: o Grêmio Estudantil – que mantém, muito claramente, forte ligação com partidos políticos de extrema esquerda, fato não isolado nesta escola, e no qual não entraremos na seara do debate. O fato é que este é um importante espaço de socialização de muitos alunos, simpatizantes desta linha política. O DTG (Departamento de Tradições Gaúchas), recentemente reativado, o qual propõe dar seguimento ao Movimento Tradicionalista Gaúcho, que teve origem nesta escola, na figura popular de Paixão Cortes. A Banda Marcial Juliana, em formato de orquestra, que também realiza apresentações em forma de marcha. É outro espaço que tem recebido a procura de alunos que desejam estudar música, como sendo um programa extracurricular. Mesmo com todos estes atrativos e diferenciais na escola, um fenômeno teima em se repetir: a recusa aos modelos de socialização dos conhecimentos, já apontado por Corti (2009, p.110), afirmando que “[...] os adolescentes e jovens de baixa renda que estão incluídos na escola expressam recusa ao modelo de socialização do conhecimento”.

Este fenômeno, de recusa aos modelos de socialização dos conhecimentos, é notadamente visível em grande parte dos alunos da escola, na medida em que os espaços já citados tornam-se espaços de atração ao aluno. Já a sala de aula, dita convencional, torna-se espaço de repulsão, em grande parte dos casos. O que estamos fazendo com esse aluno em nossas aulas? O que faz o aluno gostar dos espaços da escola, gostar de estar na escola, mas não da sala de aula? Nesse

sentido Corti (2009, p.115) segue dando pistas para pensarmos esses problemas ao afirmar que, nesses casos, trata-se de um

[...] público juvenil diversas contradições de uma sociedade que avança na inclusão educacional sem transformar a estrutura social desigual. As desigualdades sociais tendem a tensionar a escola produzindo novos conflitos.

Para mim, tais conflitos estão muito claros, nas falas de muitos colegas, em conversas nos intervalos, quando são relatados alguns momentos de sala de aula, os quais são nominados como conflitos com alunos. Esses episódios abarcam grande parte de exemplos, como: falta de interesse dos alunos, falta de respeito, desmotivação, eventuais brigas, retirada de alunos de aula, entre outros. Não gostaria aqui, de forma alguma, de culpabilizar o professor pela ocorrência de tais atitudes, mas caberia o questionamento de como estão nossas aulas hoje. São, efetivamente, atrativas para o aluno? Conseguimos manter a atenção dos alunos? Penso que não somente através das aulas, mas do próprio relacionamento com os alunos. Esse relacionamento, dentro do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, já é apontado como “democrático”, por Michalski (2010, p.25) apontando que:

Há um convívio democrático com pessoas de bairros diferentes, homossexuais masculinos e femininos, jovens cadeirantes e com outras limitações físicas, com gostos musicais diferentes, com opções partidárias diferentes.

Essa fala da autora reflete um importante elemento considerado nesta pesquisa, tanto como forma de justificar a realização da mesma, no sentido de elencar a escola para o espaço da pesquisa e também nas relações com o ensino de Geografia: a diversidade. É afirmado que existe um convívio pacífico com alunos de diferentes bairros de Porto Alegre, o que é refletido já na entrada dos alunos na escola, quando vêm de bairros diferentes de Porto Alegre, a grande maioria de bairros de periferia. Quando o aluno entra em contato com uma escola grande e sai de seu bairro, nota-se claramente uma mudança comportamental, já que o mesmo se encontra em novos espaços, com novas pessoas, o que implicaria comportamentos diferentes dos de sua realidade de origem, já que os espaços também vão construindo as pessoas e seus comportamentos.

Outro enfoque especial de Michalski (2010) é sobre a questão da sexualidade dos alunos. Há alunos heterossexuais, homossexuais, bissexuais, transexuais

assumidos, ou seja, que se afirmam ser e ter comportamentos sexuais desses tipos. O fato é que existe, em número muito reduzido, falas e comportamentos de preconceito em relação a estes alunos, mas, em sua grande parte, são respeitados.

Por fim, a autora trata da questão de alunos com deficiências físicas. De fato, o Julinho recebe uma quantidade significativa de alunos cadeirantes, já que a escola possui elevador de acesso aos seus três andares. Há também alunos com deficiências mentais, os quais, normalmente, ingressam na escola com laudo médico, e o mesmo é apresentado aos professores das turmas com estes alunos, tendo os mesmos uma avaliação diferenciada. Silva (1999, p.198) realizou seus estudos de mestrado em educação e utilizou o Colégio Estadual Júlio de Castilhos como um de seus espaços de pesquisa, no sentido do que já tratamos aqui, aponta que:

Os jovens com os quais tive oportunidade de maior contato no colégio discordam da visão essencialista que tende a rotulá-los/as da mesma forma, no levando em conta suas especificidades. Os/as jovens não se definem de uma maneira única, pois as tribos, conforme referi anteriormente, se diferenciam não só no que diz respeito ao grupo de tradições gaúchas, grupos de capoeira, ecologia, teatro, grêmio estudantil, mas também no que tange às suas sexualidades e às formas de representá-las. “Sexo não é a mesma coisa pra todo mundo”, disse-me um aluno. “Aqui dentro tem de tudo”, afirmou-me outra estudante, ressaltando as diferenças. “Tem para todos os gostos: *punks, fashions, gays* e *sapatões*”. [grifo nosso].

Aqui aponta-se, além dos tópicos já trabalhados, a questão das tribos. Mas não apenas a questão da divisão em grupos de interesses comuns, e sim na construção de identidades próprias dos alunos, que se identificam, se afirmam e se portam como pertencentes a determinado grupo.

A diversidade presente na escola, como já referido, torna-se chave para o entendimento dos jovens e seus comportamentos, bem como de sua relação com o ensino de Geografia. Não quero afirmar que em outras escolas não existam grupos e organizações como as que aqui foram apresentadas. Outro fator importante para a escolha deste como espaço da pesquisa, assim como já foi elencado no capítulo introdutório, é o fato de que é nesta escola que realizo minhas funções docentes, como professor de Geografia do magistério público estadual. Assim, este referencial teórico procurou costurar os três grandes eixos da pesquisa: o jovem, o ensino de Geografia e o Colégio Estadual Júlio de Castilhos, eixos estes que estarão notadamente visíveis no questionário que será aplicado aos alunos pesquisados.

3 DOS PERCURSOS INVESTIGATIVOS DA PESQUISA

“Caminante, no hay camino. El camino se hace al caminar [...]”.

Embora saibamos que a citação acima, da letra da consagrada música que está presente no ideário latino-americano, seja uma verdade para muitas das situações enfrentadas em nosso cotidiano pessoal, sabemos que não se aplica, totalmente, ao âmbito da pesquisa. É necessário projetar o caminho da pesquisa. É necessário buscar uma forma exequível de encontrar pistas para as respostas das perguntas às quais buscamos. É necessário dar sentido, ainda que plural, aos dados que levantamos e relacionar estes com os teóricos que nos acompanham!

Na presente pesquisa, que busca tratar das relações supracitadas no capítulo anterior, entre o jovem contemporâneo – na posição de aluno – e o ensino de Geografia, muitas seriam as opções metodológicas a serem adotadas. Nesse contexto, conforme os estudos realizados por Esteban (2010), quando discorre sobre a temática da pesquisa qualitativa em educação, a pesquisa realizou-se em três momentos, a saber:

- a) investigações iniciais, revisão bibliográfica e montagem dos questionários;
- b) aplicação dos questionários e observações em campo; e
- c) análise e sistematização dos dados coletados.

Para que a construção desses caminhos fosse coerente e reflexiva, alguns esclarecimentos cabem ser feitos sobre cada etapa da realização da pesquisa, aprofundando algumas discussões teórico-acadêmicas, que, posteriormente, justificarão muitos dos “achados” da pesquisa.

3.1 INVESTIGAÇÕES INICIAIS, REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E MONTAGEM DOS QUESTIONÁRIOS

Para que pudéssemos montar os questionários – com perguntas abertas e fechadas – um importante levantamento teórico teve de ser realizado no que diz respeito aos três pontos do referencial teórico da presente pesquisa. Nessa montagem, conforme aponta Veiga-Neto (2007, p.43) há que se ter a clareza acadêmica de que

[...] temos de saber onde estamos e de onde falamos – queiramos ou não, saibamos ou não – sempre nos localizamos em um paradigma, a partir do qual constituímos nossos entendimentos sobre o mundo e nossas representações.

Esse pensamento, importante no âmbito desta pesquisa, diz respeito ao lugar de onde se fala: o pesquisador é professor e aluno ao mesmo tempo. Professor de Geografia em sete turmas da escola pesquisada, aluno de mestrado e, ao mesmo tempo, pesquisador. As representações descritas no decorrer do texto não dizem respeito unicamente aos alunos ou às observações da escola escolhida, mas dizem respeito também ao pesquisador, uma vez que

[...] estamos falando aqui do trabalho do pesquisador como aquele que transforma, em primeiro lugar, a si mesmo: aquele que, como filósofo, é chamado a ultrapassar não só o senso comum, ordinário ou acadêmico, mas a ultrapassar a si mesmo, seu próprio pensamento. (FISCHER, 2007, p. 58).

Não há como pensar nas escolhas desta investigação sem relacionar, diretamente, as vivências do pesquisador. Por que escolhemos, como pergunta de pesquisa: **Quem são os jovens alunos de ensino médio de escola pública e quais sentidos atribuem ao ensino de Geografia?** Justamente porque queremos entender melhor esse sujeito que se encontra diariamente em nossa frente, nos bancos escolares! Escolhemos essa pergunta para poder compreender qual a real contribuição desta ciência – que para nós, geógrafos, é muito atrativa e interessante – na formação social desses jovens.

Propusemos esse questionamento para ver se nós, professores, estamos realmente dando sentido a essa ciência e, se não, como melhorar nossas práticas a partir do **conhecimento de quem é nosso aluno**. E por que assim o fizemos? Por estarmos cansados de ver, cotidianamente, a evasão escolar, as críticas aos professores, a desvalorização da escola pública, entre outros tantos problemas que, se fossemos citá-los individualmente, nos faltaria tempo e sobriariam lágrimas.

Nesse sentido, o questionário da pesquisa é montado e dividido em três partes, correspondentes aos três objetivos específicos e aos três eixos teóricos da pesquisa:

- a) o jovem contemporâneo;
- b) o jovem e o ensino de Geografia; e

- c) o jovem do Colégio Estadual Júlio de Castilhos. Vejamos a tabela de correspondência entre os objetivos específicos, os eixos do referencial teórico e as partes do questionário de pesquisa.

Quadro 1 – Correspondência entre os objetivos específicos, os eixos do referencial teórico e as partes do questionário de pesquisa

Objetivos específicos	Eixo do referencial teórico	Parte do questionário de pesquisa
a) Mapear e conhecer quem são os alunos atuais do CEJC, através de questionário próprio para montar um perfil geral do alunado da escola.	Os Jovens Contemporâneos	Parte I – Com relação a você
b) Compreender o que estes alunos pensam de Geografia, o que aprendem em Geografia e o que gostariam de aprender em Geografia, por meio de questionários.	Os Jovens e o Ensino de Geografia	Parte II – Com relação à Geografia
c) Analisar as representações sobre escola e o ensino de Geografia de jovens alunos do Ensino Médio buscando compreender os sentidos a ela atribuídos nesta fase da escolarização.	Os Jovens do Colégio Estadual Júlio de Castilhos	Parte III – Com relação ao Julinho

Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

A primeira parte do questionário busca saber algumas informações básicas sobre o jovem contemporâneo. Para que pudéssemos montar o perfil desse jovem sobre algumas de suas preferências, muitas delas citadas pelos autores que abordam as temáticas das culturas juvenis, o bloco de perguntas foi construído contemplando os seguintes questionamentos:

Parte I – Com relação a você

- 1) O que é ser jovem?
- 2) Sexo?
- 3) Turno em que estuda no CEJC?
- 4) Idade?
- 5) Trabalha?
- 6) Faz algum curso extra?
- 7) Religião?
- 8) Cor ou raça?
- 9) Orientação sexual?
- 10) Pertence a alguma “tribo”?
- 11) Bairro onde mora?
- 12) Quais são os sonhos? O que quer estar fazendo em 5 anos?

- 13) O que faz no tempo livre (fora estudo/trabalho)?
- 14) Possui *Facebook*?
- 15) Como/onde acessa a *internet*?
- 16) Quantas horas fica conectado na *internet* por dia?
- 17) Que tipo de música gosta?
- 18) Qual a viagem mais longa que já fez? Para onde foi? Como foi?
- 19) Fuma?
- 20) Faz uso de bebida alcoólica?
- 21) Que tipos de leituras realiza?
- 22) Quanto tempo de estudo, além da sala de aula, dedica por dia?
- 23) Qual espaço em Porto Alegre mais gostas de freqüentar?

Nesse contexto, até podemos entender que o trabalho tem um cunho etnográfico, na medida em que apresenta um rol de perguntas que quais se destinam a conhecer melhor os os sujeitos/alunos da pesquisa, buscando uma compreensão sobre seus hábitos, crenças e costumes. Afirmamos isso em sintonia com André (2012, p.27), quando coloca que

[...] a etnografia é um esquema de pesquisa desenvolvido por antropólogos para estudar a cultura e a sociedade. Etimologicamente etnografia significa “descrição cultural”. Para os antropólogos, o termo tem dois sentidos: (1) um conjunto de técnicas que eles usam para coletar dados sobre os valores, os hábitos, as crenças, as práticas, e os comportamentos de um grupo social; e (2) um relato escrito resultante do emprego dessas técnicas.

Portanto, a construção desta seção do questionário de pesquisa se dá pela busca do entendimento de alguns dos valores dos alunos, alguns de seus hábitos (escolares e extraescolares), suas crenças, suas práticas (individuais e algumas coletivas). Buscamos amparo no autor supracitado, já que as perguntas estão ao encontro daquilo que o mesmo apresenta e que, na posterior análise das respostas, construiu-se o texto final do trabalho investigativo.

Em relação à segunda parte do questionário, busca-se verificar a relação destes jovens-alunos com a Geografia, enquanto ciência escolar. Cabe ressaltar que muitas das perguntas realizadas na primeira parte do questionário também dizem respeito às questões tocantes à Geografia, o que, por si só, já dá veracidade à tese proposta na pesquisa, de que **há uma relação direta entre o jovem contemporâneo e a Geografia escolar**. Entretanto, preferimos deixá-las separadas entre essas duas partes. Sobre a Geografia e suas relações com os alunos, o

modelo de perguntas utilizado foi retirado da Dissertação de Mestrado de Kaercher (1999), uma vez que os mesmos permitem visualizar com maior clareza os dados encontrados, a saber:

Parte II – Com relação à Geografia

- 1) Com relação à disciplina de Geografia, pode dizer que: [...];
- 2) Com relação à resposta anterior, pode dizer que foi influenciado principalmente por: [...];
- 3) Ao lembrar a palavra Geografia quais são as três principais palavras que vem à cabeça?
- 4) Qual é a utilidade da Geografia para você?
- 5) Como você faz para aprender/estudar Geografia?
- 6) Onde mais – além da sala de aula com o professor – é possível aprender Geografia?
- 7) O que é Geografia para você?

Com essas informações, contrapomos a ideia de que a Geografia é uma ciência exclusivamente visualizada em sala de aula, através dos “objetos do professor de Geografia” (mapas, globos, rochas [...]). Por exemplo, através do item seis dessa parte do questionário, saber se o aluno evidencia que é possível aprender Geografia para fora dos muros da escola, colocando em diálogo com as respostas da parte um do questionário, que pede, por exemplo, sobre as relações do jovem com a cidade na qual vive.

Por fim, a parte três do questionário apresenta perguntas que relacionam as vivências do jovem em relação ao espaço de pesquisa, o Colégio Estadual Júlio de Castilhos. Essa etapa do questionário foi baseada no trabalho de Michalski (2010), um dos primeiros trabalhos a pensar, com exclusividade, a identidade do aluno do espaço eleito para esta pesquisa. Nesse sentido, formam-se as perguntas para a parte final do questionário de pesquisa:

Parte III – Com relação ao Julinho

- 1) Por que escolheu estudar no Julinho?
- 2) O que representa sair do bairro e vir até o Julinho para estudar?
- 3) Quais espaços do Julinho, além da sala de aula, mais frequentas?
- 4) Se gosta de estudar no Julinho. Por quê?

- 5) Resumir, em três palavras, o que sentiu no teu primeiro dia de aula no Julinho.
- 6) O Julinho é:
- 7) O Julinho não é:
- 8) O Julinho tem:
- 9) O Julinho não tem:

Aqui, podemos incluir também, como opção metodológica, o denominado “estudo de caso”, já que trabalhamos, investigamos e tiramos conclusões de um único espaço de pesquisa, o qual pode – ou não – ter respostas únicas, individuais, que não se compartilham com outros espaços, pois conforme relata André (2012, p.30): “[...] o estudo de caso aparece há muitos anos nos livros de metodologia da pesquisa educacional, dentro de uma concepção descritiva de uma unidade, seja uma escola, um professor, um aluno ou uma sala de aula”.

Nesse sentido, não queremos determinar ou rotular a pesquisa como partícipe deste ou daquele eixo metodológico exclusivo. Não cabe a nós excluir outras possibilidades analíticas à pesquisa, dado que o intuito maior é colaborar, através de nossas discussões, com a qualidade do ensino em espaços escolares, através do presente estudo, em escola pública, que pode ser entendido em outros espaços de ensino igualmente.

Tendo construído o questionário de pesquisa, passamos para a etapa metodológica de aplicação dos questionários e das observações feitas em campo – que ocorreram juntamente com a catalogação dos achados da pesquisa, para melhor entendê-los – etapa tão importante quanto a presente, já que nela obteremos dados/informações para o desenrolar do processo de investigação.

3.2 APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS E OBSERVAÇÕES EM CAMPO

Para a aplicação dos questionários de pesquisa, escolhemos a terceira série do ensino médio, uma vez que a mesma já está em fase final da educação básica e já vivenciou praticamente toda a sua formação escolar, na qual se encontra a Geografia. O modelo oficial do questionário de pesquisa (ver Apêndice C) foi aplicado nas seguintes turmas, divididas aqui por turnos.

Quadro 2 – Distribuição das turmas de aplicação dos questionários de pesquisa

	Manhã	Tarde	Noite
3º ano	31 J	32 A	33 B

Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

Essa distribuição está composta pela amostragem de uma turma de cada 3º ano da escola em cada turno (manhã, tarde e noite). Assim, abrangemos, por amostra, o alunado da escola, que está completando suas vivências escolares no que se refere ao ensino de Geografia, encerrando, assim, o ciclo de escolarização básica. É importante lembrar que, no ato de aplicar os questionários/entrevistas, como bem coloca Silveira (2007, p.119):

[...] ainda que partilhem de algumas características comuns – entre as quais a existência da diáde denominada entrevistador/entrevistado, assim como pressuposto de que cabe ao primeiro perguntar e ao segundo responder – as entrevistas não seguem todas as restrições como gênero discursivo.

Portanto, montamos o questionário com perguntas fechadas – para marcar uma opção entre algumas elencadas ou outra não elencada, afirmando qual seria – e perguntas abertas, para que o entrevistado pudesse escrever livremente, expressando suas ideias e, desta forma, permitindo ao entrevistador perceber falas recorrentes, expressões mais utilizadas e respostas que saem da curva média do que já fora respondido, dando a entender as relações nas quais mais alunos ou menos alunos concordam, entre outras análises que serão explicitadas no capítulo posterior.

Sobre o tema das observações em campo, cabe citar que realizamos observações a partir da análise dos resultados encontrados nos questionários aplicados, percebendo as relações dos alunos com sua escola (espaço de pesquisa) ou com sua cidade (uma das hipóteses elencadas: de que há relação entre a Geografia e as vivências dos alunos, muito embora não as percebam, em seus andares diários pela cidade, por exemplo.).

3.3 ANÁLISE E SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS COLETADOS

Por fim, os dados coletados nas entrevistas foram analisados, proporcionando a construção do texto final da pesquisa, com seus resultados, conclusões e observações. Entretanto, sobre a construção final do texto do trabalho nos parece ser muito clara a colocação de Costa (2007, p.147) que “[...] a cartografia total de

uma idéia ou problema vem se mostrando impossível. Parece que não existe a possibilidade de mapear todas as alternativas de configuração de um campo. (COSTA, 2007, p.147).

E é por isto que a presente pesquisa não se objetiva, como já fora anunciado, em ser uma conclusão fechada, uma vez que se trata de um estudo pontual em uma escola, com sujeitos de pesquisa de uma série, alunos de três professores distintos. O que ocorre é que pode haver similaridade com as práticas ou os registros encontrados por outros docentes/pesquisadores em outras partes do Estado ou do país, corroborando para a validação científica da mesma, além dos pró-formes já conhecidos. Nesse espírito, da busca por respostas ou verdades, é sempre importante pensar que

[...] nossas escolhas de pesquisa são sempre éticas, são sempre de algum modo políticas. Então, diante de uma folha em branco, de um projeto que teima por vezes, desesperadamente, em não ser escrito, talvez um bom começo seja perguntar-nos: que perigos a educação enfrenta ou precisaria enfrentar, precisamente hoje, agora? (FISCHER, 2007, p. 52).

Nossas escolhas de pesquisa dizem muito sim sobre nossa vida, sobre quem somos ou gostaríamos de ter sido, e toda a constituição metodológica perpassa, evidentemente, sob a ótica das perguntas apresentadas por Fischer (2007, p.23): “[...] que perigos a educação enfrenta ou precisaria enfrentar, precisamente hoje, agora?” Não há pesquisa sem perguntas e se nós questionamos quais são os sentidos que os jovens veem na Geografia a eles apresentada na escola, parece-nos que se trata de um perigo, já que, como inúmeros textos (de pesquisa ou não) apresentam, há um descompasso entre o ensino de Geografia e a juventude contemporânea.

Cabe informar ao leitor que a construção dos eixos analíticos desta pesquisa está intimamente relacionada com os eixos do referencial teórico e dos blocos do questionário de pesquisa, como observamos no quadro seguinte.

Quadro 3 – Correspondência entre as partes do questionário da pesquisa e os eixos analíticos

Parte do questionário de pesquisa	Eixo analítico dos resultados de pesquisa
Parte I – Com relação a você	1. Constatações iniciais: o perfil dos sujeitos-jovens 2. O jovem por ele mesmo: sendo quem ele é 3. O jovem e a conectividade: tempos <i>online</i>
Parte II – Com relação à Geografia	4. O jovem e a Geografia: tão perto e tão longe
Parte III – Com relação ao Julinho	5. O jovem e sua escola: entre gostos e desgostos

Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

3.4 CUIDADOS ÉTICOS

A pesquisa propôs a opção pela liberdade de participar ou não. Contudo, a totalidade dos alunos convidados participaram da pesquisa, após a fala explicativa que justificou a necessidade da realização da mesma. Como direito dos sujeitos elaboramos e foi entregue o uso de termo de consentimento esclarecido e informado. Assim, a pesquisa, que inclui sujeitos em seu *corpus*, utilizou-se de dois termos, a saber: para Instituições, via seus gestores (ver Apêndice A); para sujeitos, quando maiores de idade ou através de seus responsáveis, quando adolescentes (ver Apêndice B). Cabe ressaltar, ainda, que o banco de dados preservou o anonimato dos sujeitos.

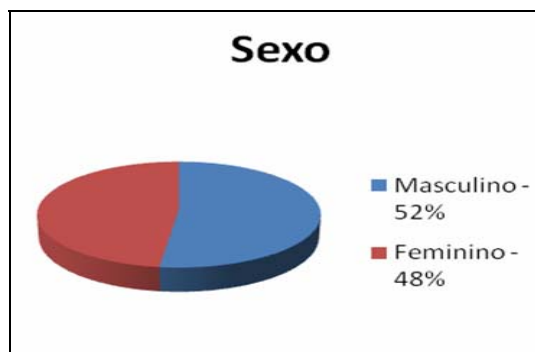
4 DOS ACHADOS DA PESQUISA

4.1 CONSTATAÇÕES INICIAIS: O PERFIL DOS SUJEITOS-JOVENS

Quanta ousadia em questionar aos sujeitos/alunos, já na primeira pergunta, “para você, o que é ser jovem?” Pois essa ousadia gerou um bloco analítico denso e curioso ao mesmo tempo. E claro, como toda ação de pesquisa, essa também não foi escolhida aleatoriamente. Decidimos perguntar aos alunos como eles se veem. Quem é o jovem na visão deles mesmos? Eis que temos respostas variadas, que nos revelaram o jovem contemporâneo, em seus múltiplos entendimentos, suas múltiplas escolhas e suas **múltiplas identidades**. Antes de iniciarmos as referidas análises, cabe-nos apresentar o perfil geral dos sujeitos da pesquisa que responderam o questionário proposto.

De um total de 78 alunos, um pouco mais da metade são do sexo masculino (52%), e por turno oferecido pela escola: manhã (29%), tarde (40%) e noite (31%), conforme observamos nos gráficos 1 e 2, explícitos na sequência.

Gráfico 1 – Sexo



Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

Gráfico 2 – Turno em que estuda

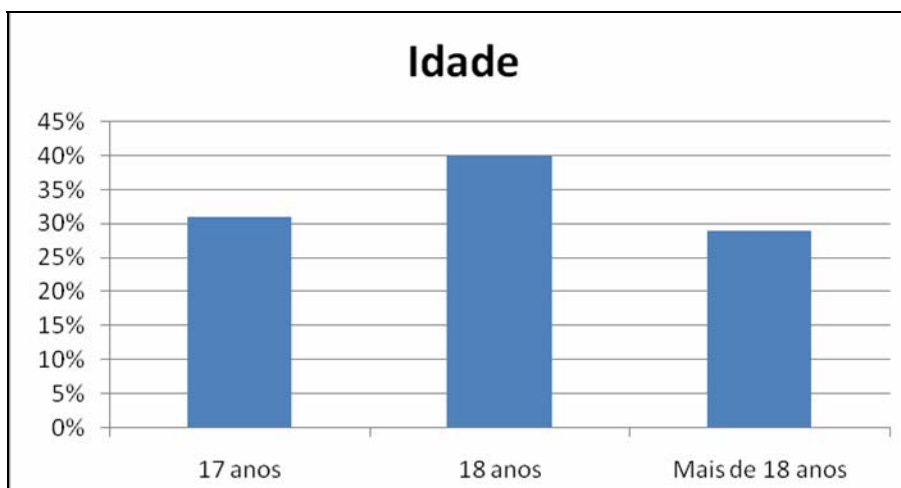


Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

Ao observarmos o próximo gráfico, verificamos que apenas 31% dos alunos estavam em idade regular para a série que frequentavam (3ª série do ensino médio), a qual se entende por 17 anos, em uma perspectiva de que o aluno ingresse com 6 anos no 1º ano do ensino fundamental. Dos alunos, 40% possuíam 18 anos, o indicativo de um ano de reprovação ou a matrícula no primeiro ano de escolarização atrasada por um ano. Constatamos, igualmente, que 29% dos jovens-alunos possuíam mais de 18 anos quando da aplicação dos questionários de pesquisa, um indicativo de que já haviam reprovado mais de uma vez. A média de idade desses alunos com mais de 18 anos não passou de 24 anos, o que se trata de uma média elevada, visto que estavam matriculados em uma escola de modalidade convencional e não em uma escola de modalidade “educação de jovens e adultos”, o EJA. Essa última média está, da mesma forma, superior ao dado da média geral do RS, que está em 20,9%, segundo a Secretaria Estadual de Educação.

Cabe ressaltar, aqui, que esses dados mostram que a reprovação no ensino médio depende também de aprendizado e da retenção no ensino fundamental, ou seja, muito dos problemas que causaram a reprovação dos sujeitos não nasceram no ensino médio, já vieram desde o ensino fundamental, como dizemos no âmbito interno das escolas: há alunos que vieram “empurrados” de outras séries, o que dificulta o aprendizado nas séries subsequentes.

Gráfico 3 – Idade dos alunos

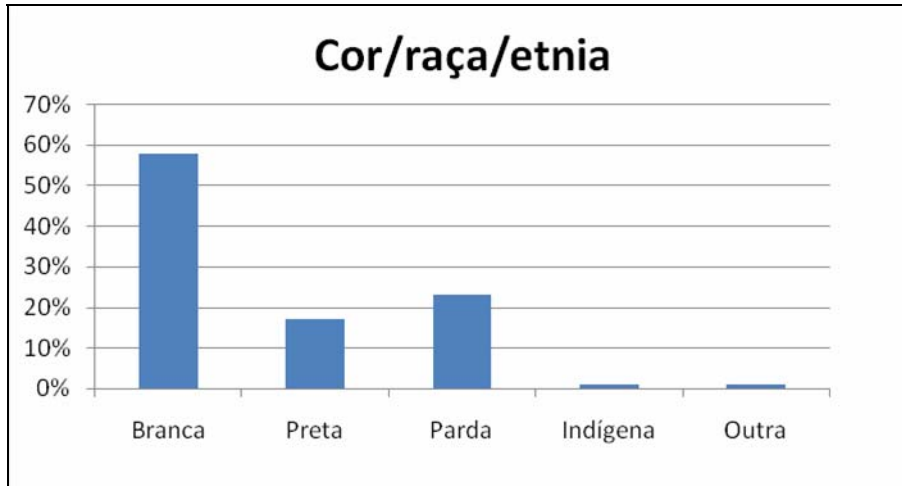


Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

No tocante à autodeclaração de cor ou raça dos alunos, as três autodeclarações que prevaleceram foram: branca, parda e preta, nesta ordem: 58%

se declararam brancos, 17% se declararam de cor preta, 21% se declararam de cor parda, o que segue o padrão da região sul do Brasil.

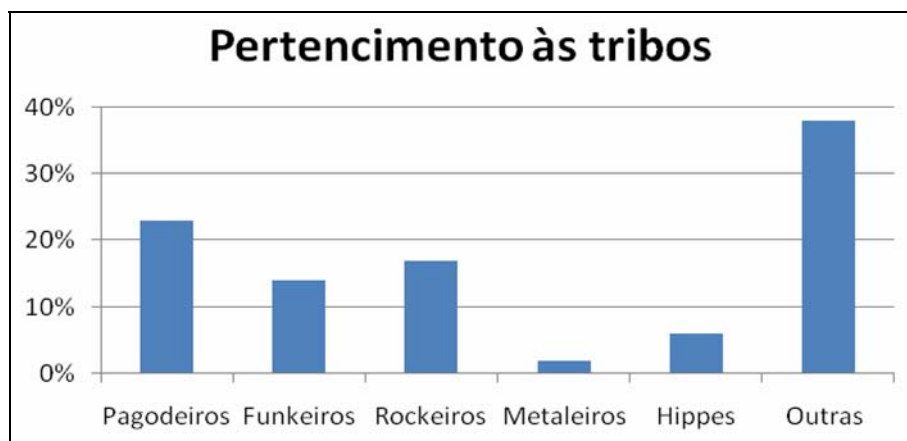
Gráfico 4 – Cor/raça/etnia dos alunos



Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

Quando questionamos se os jovens-alunos consideravam-se pertencentes a alguma “tribo”, elencamos algumas das mais conhecidas e mais citadas na literatura que versa sobre o tema em Feixa (1998), por exemplo. Ao tabularmos os dados para análise, constatamos algo que para nós não seria surpresa: dos alunos, 38% declaram-se de outras tribos que não das elencadas no questionário de pesquisa, por exemplo, *hiphop*, *gospel*, *ecléticos*, *rap*, *alternativos*, o que indica as vivências múltiplas desse jovem, que se vê em diferentes tribos. Ainda assim, *pagodeiros*, *roqueiros* e *funkeiros* são os que obtiveram maior representatividade na tabulação das respostas, conforme podemos observar no gráfico seguinte.

Gráfico 5 – Pertencimento às tribos



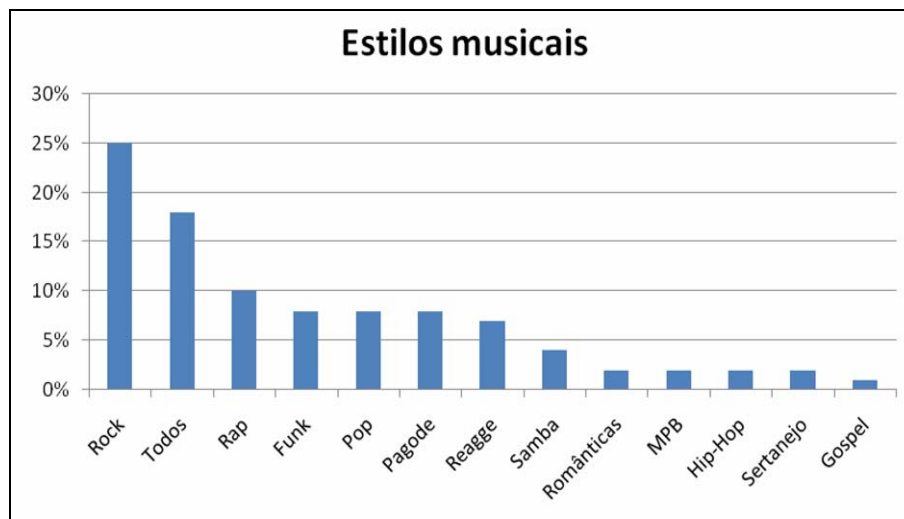
Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

Ao falar de “tribos”, fica inegável a sua relação estreita com os estilos musicais preferidos pelos jovens, dado este também questionado no documento de pesquisa. Fica tão evidente essa importância e essa característica multifacetada ao observarmos que 38% dos alunos se incluíram em “outras” tribos que não as oferecidas nas opções da pergunta contida no questionário de pesquisa. Quando entendemos a relação entre as “tribos” vivenciadas pelos jovens contemporâneos, seus gostos musicais, suas preferências artísticas, por exemplo, estamos falando nas manifestações culturais destes sujeitos. Nesse sentido Oliveira (2009, p.63) entende que

[...] as manifestações culturais não podem ser apagadas, nem ignoradas. Não podemos esquecer a nossa história. Hoje, ninguém negaria o papel de extrema importância que a escola tem na defesa, na promoção e na difusão das culturas populares.

E é pensando justamente no papel da escola em entender, defender, promover e difundir as culturas populares – no caso desta pesquisa, as culturas dos jovens-alunos – que buscamos entender não só a identificação de pertencimento às “tribos” pelos alunos, como suas preferências musicais, como apresentamos no gráfico que segue.

Gráfico 6 – Estilos musicais dos alunos



Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

Há que se destacar, a nitidez do gráfico no que diz respeito às diversas manifestações culturais dos alunos quando questionados sobre seus estilos musicais preferidos. Isso reforça o argumento de que estamos tratando, novamente, da multiplicidade de gostos e formações identitárias desses jovens. O estilo musical

que mais se destacou, com a marcação de 25% dos alunos, foi o *rock*. Dado este igualmente já esperado, uma vez que o *rock* se trata de um estilo musical que representa, há muitos anos, o espírito do jovem, no que se refere ao caráter de oposição à cultura dominante que o estilo musical imprime em sua identidade primeira e nas variações que surgiram no decorrer dos anos. Apoiamos esta tese nas palavras de Gastaldo (2009, p.80), ao afirmar que “[...] poucos elementos culturais [como o *rock*] se identificaram tanto com a juventude, pois o *rock* se mantém jovem, apresentando “rebeldia” e “atitude” tatuadas em seu peito”. [grifo nosso].

Mas como a escola vê essa inserção do *rock* em seu cotidiano? Existe espaço, de fato, para a livre expressão cultural dos alunos? Oliveira (2009), quando destaca a necessidade de a escola estar em sintonia com as manifestações culturais dos alunos, está afirmando que estes também são espaços de autoafirmação da identidade do jovem, uma vez que a mesma se concretiza em ações como o pertencimento a uma “tribo”, escutar, ouvir e performatizar algum estilo musical, etc.. A escola, por sua vez, possui a necessidade – vital – do regramento. É preciso que existam regras para o bom andamento e funcionamento do ambiente escolar. Aí temos um embate de ideais: por um lado, uma juventude que necessita se autoafirmar, utilizando diferentes formas de expressões e, por outro lado, a escola que, constantemente, regra os alunos, tolhendo-os de executar tais manifestações culturais. Segue Gastaldo (2009, p.87): “[...] a escola sempre foi vista como um lugar avesso ao *rock*, tendo sido acusada por músicos de possuir muitas regras e não permitir a livre expressão criativa dos alunos”.

Veja bem, caro leitor, não queremos aqui afirmar que há a necessidade de quebrarmos todas as regras existentes na escola para liberarmos as manifestações culturais dos jovens! O que queremos concluir é que existe, indiscutivelmente, um dualismo – entre regras propostas/ofertadas pela escola e as próprias práticas dos alunos – que, por vezes, pouco conversam para chegarem a acordos comuns.

E sobre esse estilo musical que tomou conta das escolas no Brasil? Não importa a classe social frequentada, o tipo de escola – confessional ou laica, a região do país, o *funk* é um ritmo que chegou de forma muito forte e influente! Praticamente 10% dos alunos marcaram exclusivamente o *funk* como estilo musical preferido, além dos 18% que preferiram marcar todos os estilos musicais, representando um caráter eclético em suas escolhas, ou seja, como os mesmos jovens preferem dizer “*eu curto de tudo, sor*”. O *funk* é um estilo musical que foi

[...] conquistando espaço significativo não só nas comunidades de periferia, desceu o morro, ganhou o asfalto e principalmente o gosto dos jovens, não só do Rio de Janeiro, mas pelo Brasil afora. Nas escolas, na maioria dos casos, o seu espaço é marginal, o *funk* é proibido nas caixas de som nos recreios e festas escolares. Por outro lado, invade a cabeça e os quadris dos jovens em seus aparelhos portáteis. (MUNDO JOVEM, 2009, p.72). [grifo nosso].

Tenho que confessar que, particularmente, o *funk* não me agrada nem um pouco. Contudo, reconheço que esse estilo musical está verdadeiramente dentro da cabeça dos alunos. Para quebrar o estigma de que o *funk* é música de pessoas de baixa renda, reafirmo que não importa a classe social, este estilo está na cabeça do jovem. Afirmando isto, pois como já anunciado no início deste texto, trabalho em uma escola privada, e lá igualmente percebo a preferência dos alunos pelo *funk*. Recentemente acompanhei uma saída de estudos dessa escola privada e foi uma surpresa quando o motorista do ônibus que nos conduzia colocou no rádio um *funk* e a grande maioria absoluta da turma começou a cantar, enlouquecidamente, junto com “MC”¹⁰, que soava nas caixas de som internas do ônibus.

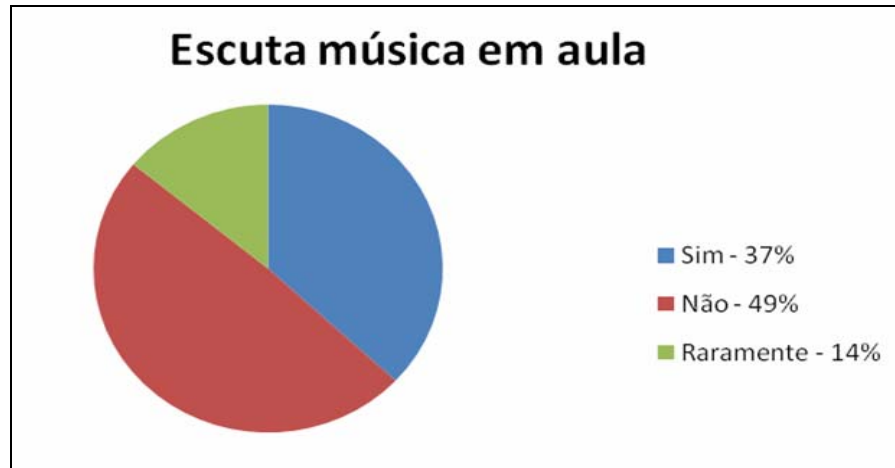
Assim sendo, poderíamos aqui dissertar sobre cada estilo musical apresentado nos questionários analisados; todavia, não é nossa intenção. Percebemos, ao analisar o gráfico, que é ampla, diversa e profunda a preferência musical dos alunos-jovens-sujeitos da pesquisa e como isto colabora na formação de um perfil ou de uma identidade própria da condição do “ser jovem”. O que a escola faz com essa diversidade? É algo notado e verdadeiramente importa à escola? Parece-nos que não! Haveria de ser notado? Acreditamos que sim! É importante que essa diversidade seja notada na medida em que auxilia a escola em seu planejamento e organização, ao entender o jovem-aluno como ele é, como se expressa e como ele percebe o espaço ao seu redor.

Ainda sobre preferências musicais e hábitos dos jovens em relação à música, questionamos se os jovens-alunos escutavam música na sala de aula, durante a aula, na presença do professor. Fizemos questão de perguntar isso aos alunos, uma vez que constatamos dois importantes fatores: (a) o gosto pela música, por parte dos jovens, e como esta música torna-se uma forma de expressão de identidade; e (b) a presença – constante e ininterrupta – de aparelhos *smartphones* dos alunos em aula. É notório que tais instrumentos tecnológicos vieram para ficar em nossas realidades de sala de aula. Não interessa o público com o qual estamos lidando (rico

¹⁰ MC é o termo que designa o cantor/solista de *funk* – mestre de cerimônias.

ou pobre), ele terá algum aparelho eletrônico, e, em sua maioria, um *smartphone*. Analisemos o gráfico de respostas para: você escuta música em sala de aula?

Gráfico 7 – Escuta música em sala de aula?



Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

Os dados demonstraram que existe uma parcela importante que assume escutar música em aula (37%) e ainda que 14% assumem escutar música apenas quando o professor não está presente ou quando não há alguma atividade para ser feita. Pensamos em três constatações:

- um jovem que se utiliza da música como forma de afirmação identitária;
- um jovem que possui uma ampla variedade de preferências musicais;
- um jovem que assume escutar música em sala de aula (muitas vezes porque a música lhe parece mais atraente do que as explicações do professor).

Esses dados nos fazem questionar uma realidade importante: estamos nós, professores de Geografia, interados deste mundo dos jovens? Utilizamos, em nossas aulas, a música como elemento e recurso didático? Na seção 4.4 - O jovem e a Geografia: tão perto e tão longe – retomaremos essas relações entre o que temos e o que fazemos.

Na montagem desse perfil inicial do jovem, questionamos o que preferem fazer em seu tempo livre, e, novamente, a diversidade se manifesta. Conforme observamos no gráfico, são inúmeras as práticas juvenis em seu tempo livre, fora dos muros da escola.

Gráfico 8 – O que faz no tempo livre



Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

Em um primeiro momento, cabe elucidar o leitor que tempo livre é um conceito que já vem sendo tratado academicamente como um tempo para realização de diversas atividades, as quais não se encontram na rotina diária dos sujeitos. Compete-nos lembrar Martins (2012, p. 10), quando afirma que

[...] se considera tempo livre nesta contemporaneidade, fundada em valores pós-revolução industrial, se estruturou de acordo com padrões assimilados sobre a maneira de como se deve dispor desse tempo para as diversas atividades.

Sob essa ótica, há que ressaltarmos ressaltar que a grande maioria dos alunos trabalha – como estagiário ou efetivo – no turno inverso ao da escola e que, tendo poucos momentos semanais de tempo livre, executa as ações descritas no gráfico anterior com o intuito de descansar de suas atividades rotineiras. Com isso, há que entendermos que esses momentos de lazer são importantes para os jovens, uma vez que cumprem importantes funções, como menciona Bonato (2012, p.103):

[...] estabelecimentos de relações, compreensão dos próprios processos psíquicos, construção da independência emocional, formação de identidade, tomada de consciência da própria originalidade e criatividade, adoção de uma escala de valores que permite a integração social e a preparação para o desempenho de funções sociais.

Analisemos algumas dessas funções e as respostas dos alunos no quadro seguinte.

Quadro 4 – Correspondência entre as funções do tempo livre categorizadas e as respostas dos alunos

Funções do tempo livre*	Respostas dos alunos
Estabelecimentos de relações	Sair com amigos <i>Internet</i> Festas
Compreensão dos próprios processos psíquicos	Dormir Relaxar
Construção da independência emocional	Namorar Escutar música
Formação de identidade	Leitura TV
Tomada de consciência da própria originalidade e criatividade	Pratica esportes Videogame Cinema
Adoção de uma escala de valores que permite a integração social	Família

Fonte: *Bonato (2012), adaptado pelo autor.

Nesse processo de catalogação do que seriam as funções do tempo livre com as respostas obtidas nos questionários de pesquisa é importante entendermos que o jovem é responsável por suas ações e não deve ser ignorado por estar em processo formativo (SCHUTZ, 2012, p.51). Cabe ressaltar que a classificação elencada na tabela anterior é proposta no sentido de clarear o leitor, através de exemplos com as respostas dos alunos, de como estas práticas de tempo livre podem ser distribuídas nas funções do tempo livre. É evidente que uma resposta pode se encaixar em mais de uma função – e se encaixam – pois as práticas de tempo livre, sejam quais forem, também cumprem diferentes funções. Ora, se meu aluno – que é jovem – realiza tais atividades em seu tempo livre, o que eu – professor de Geografia – posso aproveitar em sala de aula? Será que sair com os amigos, acessar a *internet*, ir a festas, dormir, namorar, escutar música, ler, assistir TV, ir ao cinema, não é Geografia? Acreditamos que sim, e que o professor aí encontra muitos espaços para realizar duas funções básicas: a) elaborar sua ação pedagógica e b) aproximar-se de seus alunos, criando vínculos afetivo-profissionais.

4.2 O JOVEM POR ELE MESMO: SENDO QUEM ELE É

O questionamento “o que é ser jovem?” tratou-se de uma pergunta aberta no questionário de pesquisa, o que possibilitou aos sujeitos/alunos escreverem, em um parágrafo, aproximadamente, o que acreditam que eles mesmos são. Para nossa surpresa, apareceram as mais diferentes respostas, as quais não formaram um

grande e único bloco analítico. Propomos, então, seis blocos analíticos. A complexidade das análises apenas reforça os argumentos de que o jovem contemporâneo é múltiplo em todos os sentidos, inclusive ao se autodeclarar jovem. Não queremos afirmar, igualmente, que os jovens/alunos se encaixam unicamente nesta ou naquela classificação por nós elencada. O que fizemos foi distribuir as repostas em blocos analíticos, que permitissem olhares mais ampliados sobre a ótica do jovem por ele mesmo.

Antes de analisarmos cada bloco analítico elencado, queremos citar uma definição de juventude de um entrevistado de 16 anos quando afirma que ser jovem:

É ser louco, mas ter responsabilidade. É ter incertezas do que realmente quer. Jovem é difícil de entender. Gostar das coisas perigosas, mas tem alguns que são mais responsáveis e não curtem muito as coisas perigosas. Jovem é foda de entender, né?

Talvez a definição aqui apresentada seja uma das mais simples e complexas ao mesmo tempo. Esse escrito saltou aos nossos olhos logo nas primeiras análises dos questionários, uma vez que o sujeito apresenta uma juventude assim como a vemos nas salas de aula: um jovem que por momentos é “louco”, mas apresenta responsabilidades (ou está na fase de apresentá-las); um jovem com incertezas em relação ao seu futuro (e quem de nós não passou por isto?); um jovem que se vê “difícil de entender” (e talvez aqui uma das mais importantes justificativas desta pesquisa); uns jovens mais responsáveis que outros; um jovem “complicado” de se entender. Acreditamos que essa “definição” pode sintetizar os argumentos e análises que descreveremos na sequência. Nesse espírito de escutar o jovem sobre ele mesmo, me vejo obrigado a concordar com Garbin (2009, p. 17), quando afirma que “[...] a questão central está, então, em conhecer e entender essa mistura de ânsias e imaginários juvenis. Propor-se, por exemplo, a conhecer, ouvir/escutar esses imaginários talvez seja o nosso grande desafio”.

E não é por acaso o título da presente pesquisa ser “Somos Jovens: o ensino de Geografia e **a escuta das juventudes!**” O que estamos propondo aqui é escutar o jovem por ele mesmo para, a partir desta escuta, conhecê-lo melhor, e, oxalá, realizarmos um melhor trabalho no ensino da Geografia.

Junto e ao final de cada bloco analítico elencamos uma lista de temáticas que julgamos pertinentes para incentivar esta relação: o ensino de Geografia e a interação com o jovem-aluno.

Encontramos os seguintes blocos de respostas quando questionamos quem é o jovem. Observemos a tabela que distribui o número de respostas, suas porcentagens e, na sequência, as análises de cada bloco analítico.

Tabela 1 – Respostas dos alunos e proposição de blocos analíticos

Classificação	Tomada de decisões	Curtição (pela curtição)	Curtição (com responsabilidades)	Transição	Estudos	Descobertas
Número de respostas	10	25	10	12	9	8
Porcentagem das respostas	13%	34%	13%	16%	12%	12%

Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

Analisamos as respostas apresentadas à pergunta “o que é ser jovem?” e classificadas como “tomada de decisões”:

- a) um jovem que considera o período da juventude como uma fase de tomada de decisões:
- correr atrás dos teus sonhos mesmo com dificuldade. Ter várias decisões ao mesmo tempo;
 - ter muitas dúvidas e medos;
 - preocupar-se com seu futuro;
 - conviver com a pressão diária relativa ao que vai ser do meu futuro;
 - estar em uma fase da vida em que precisamos tomar atitudes muito precocemente. Por isso os jovens têm a responsabilidade de decidir o seu futuro;
 - estar num período da vida em que as maiores decisões são tomadas e afetam nosso futuro;
 - é onde começamos a construir os alicerces da vida, como modo de pensar e objetivos;
 - chegar a um estágio da vida que decidimos o que será de nós no futuro;
 - estar em constante aprendizado na vida, errando e crescendo com meus próprios erros;
 - ser jovem é uma fase da vida que nos proporciona todo o nosso futuro, pois é nessa fase que fazemos as mais importantes escolhas.

Neste bloco de respostas, percebemos uma definição de juventude como uma fase na qual, importantes decisões precisam ser tomadas. Os alunos referem, mais de uma vez, palavras como “decisões” e “futuro”, o que nos faz pensar que estes

alunos entendem o período jovem como aquele no qual existem caminhos a serem trilhados e, neste momento, as escolhas para estes caminhos devem ser feitas, e apontou para seu futuro, mostrando-nos que o “ser jovem” é uma passagem, um estágio provisório.

Se formos analisar o gráfico com as respostas para a pergunta “o que queres estar fazendo daqui a cinco anos?”, podemos perceber, da mesma forma, que as respostas se complementam com a categorização de jovem que vê este período como uma fase de transição.

Gráfico 9 – Visões de futuro dos alunos



Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

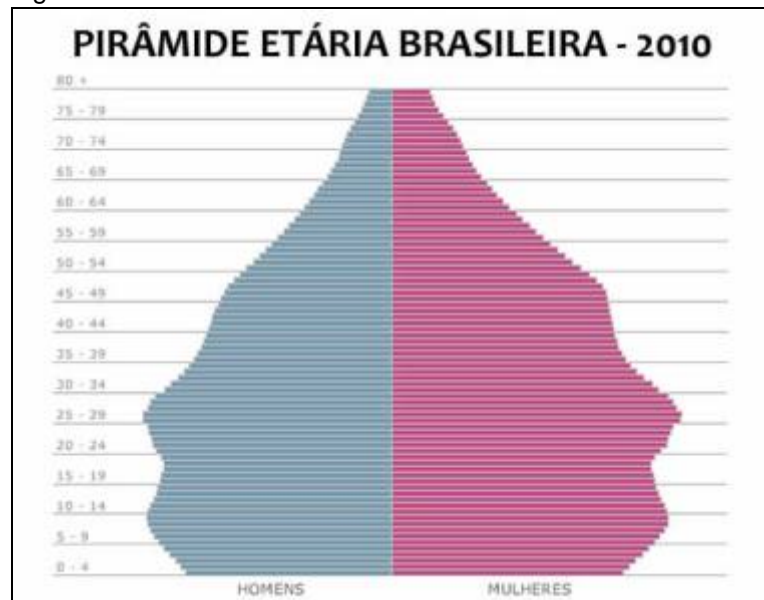
Estar na faculdade (cursando ou formado); estar trabalhando; morar sozinho, ascender na vida, ter um carro, ter filhos/família – que foram as respostas mais elencadas – são extremamente compatíveis com esta categoria do jovem em fase de transição, já que, no momento da entrevista, os jovens assim categorizados não estavam naquilo que descreveram como futuro, mas assim o vislumbravam.

Uma juventude que se vê em transição parece ser uma juventude que pensa seus objetivos e acredita que assim fará de tudo para alcançá-los, mesmo enfrentando as barreiras que a vida lhe dá, como más condições de estudo, poucas condições financeiras, dificuldades psicológicas, entre muitas outras.

Pois, num primeiro momento, essa categorização nos faz lembrar as aulas de Geografia! Por que não trabalhar esta fase – em transição – com os dados de estudos demográficos, por exemplo? Quando trabalhamos as pirâmides etárias, nos

parece muito clara a divisão entre as faixas etárias ali estabelecidas. Uma possibilidade seria questionar os alunos, primeiramente, em qual posição eles se encaixariam na pirâmide etária (na base) e logo questioná-los: e quando vocês passarem para a outra faixa etária da pirâmide, o que gostariam de estar fazendo?

Figura 4 – Modelo de Pirâmide Etária brasileira 2010



Fonte: IBGE (2010).

Ao mesmo tempo, podemos elucidar questões importantes, que certamente os afetarão e, desde já, os farão refletir:

- 1) Como estariam as questões de empregabilidade, moradia e mobilidade urbana?
- 2) E a previdência social? Haverá aposentadoria para todos?
- 3) E a saúde pública? Seu filho nascerá em boas condições de higiene?
- 4) E quando você passar para o topo da pirâmide e for idoso, haverá medicamentos, médicos e assistência necessária?

Dessa forma, agrupamos conceitos importantes para a análise da questão populacional, por exemplo, e ao mesmo tempo incentivamos os alunos a conjecturarem sobre seu futuro e pensar nos problemas – e suas soluções – que estão por vir. Há que se atentar ao fato e, como aponta Meirieu (1998, p.134) de que “[...] o ensino é estéril se não forem estabelecidas situações de aprendizagem em que o educando possa estar em atividade na elaboração, isto é, de integração de novos dados em sua estrutura cognitiva”.

Aí está uma chave que pode abrir as portas para quando trabalhamos os conceitos que nos são solicitados: colocar o aluno (jovem) em atividade de elaboração! Percebo claramente isso em minha prática quando solicito que os alunos produzam algo – seja uma discussão, um texto, uma argumentação, uma maquete, etc. –, pois constato que os novos dados/conceitos são muito melhor construídos quando partimos para a prática, ao invés de ficarmos teorizando e simplesmente expondo estes conteúdos. A discussão proposta acima, em relação às pirâmides etárias, quando abordamos a temática da *juventude como fase de transição*, é um exemplo de atividade prática que gera resultados positivos com os alunos e satisfatórios para o professor.

Aqui já continuamos a perceber, caro leitor, como é estreita esta relação entre ensino de Geografia e as culturas juvenis. Através das próprias construções sociais dos alunos podemos relacionar com temas a serem trabalhados em nossas aulas de Geografia. Não quero, no entanto, reafirmar a velha máxima – que escutamos muito – de que “tudo é Geografia”. O que queremos aqui é elucidar o leitor de que, se bem preparadas, existem inúmeras possibilidades de construir conceitos sólidos entre os conteúdos programáticos dos programas de ensino e as vivências juvenis. Vejamos a segunda categorização proposta:

b) um jovem que considera o período da juventude como uma fase de **curtição** (pela curtição):

- ser feliz, não se importar com o amanhã;
- sair para se divertir com mais frequência;
- se divertir, viver, adorar, brincar de amor. Viver todas as emoções;
- aproveitar tudo o que quiser e tudo no futuro;
- ter desculpa para fazer besteira, ser infantil, querer ser livre;
- período aonde vamos a festas, queremos descobrir sobre muitas coisas e dominar o mundo;
- vivenciar as melhores coisas da vida e curtir a vida do jeito que ela é;
- curtir com os amigos, namorado e afins. sair para comer, dançar, jogar sinuca;
- aproveitar cada segundo como se fosse o último;
- ser proativo em tudo. Sair, beber, curtir, estudar, ser louco;
- curtir a vida, aprender o que é bom e o que não é;

- não ter preocupação com nada e pensar que não tem responsabilidades com quase nada. Só se divertir e zoar;
- aproveitar a vida, curtir bastante;
- ser eu mesmo, viver aproveitando a vida ao máximo;
- curtir, aproveitar e festejar a juventude enquanto temos tempo;
- aproveitar os bons momentos da vida;
- ter vontade de conhecer a vida, ser inconsequente, ter a mente aberta.
- não ter responsabilidade;
- fazer tudo o que quiser, sem se importar com as conseqüências;
- fazer loucura sem saber o que vai acontecer;
- curtir o agora sem pensar no amanhã;
- sair por aí com seus amigos, sair para ir a festas, ir à casa de seus amigos e eles para a sua. Fazer o que se gosta;
- ser eu mesmo, aproveitar a vida, fazer as coisas que eu gosto;
- ser intelectual, comunicativo, bem humorado, aproveitar a vida para não se arrepender num futuro mais próximo;
- aproveitar a vida ao máximo, principalmente para construir uma vida melhor, para aproveitar a vida adulta.

Aqui já percebemos outro estilo de jovem: aquele que acredita que a juventude é uma fase na qual tudo deve ser aproveitado, sem pensar ou se preocupar com as conseqüências. Palavras ou expressões como “divertir”, “sair para festas” e “aproveitar” aparecem na maioria das respostas, o que nos leva a crer que esses alunos acreditam que a fase da juventude é um período no qual se deve aproveitar a vida, dando a impressão de que há a sensação de que este período não voltará mais, por isto deve ser aproveitado, para não causar arrependimentos.

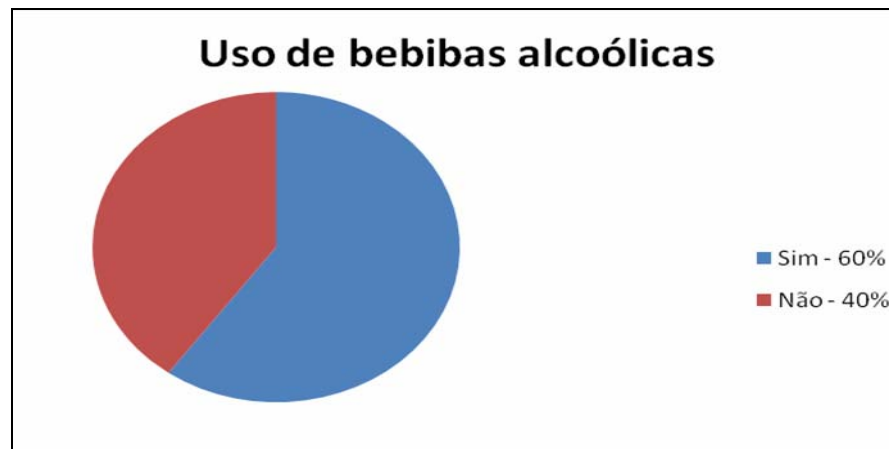
Esse nos parece ser o perfil mais conhecido popularmente, como o jovem. E é tão comum que foi o mais inferido pelos alunos, se compararmos a quantidade de respostas que se encaixam nesta categoria, em detrimento das outras categorias apresentadas (25% das respostas enquadraram-se nesta categorização). Isso nos parece claro, quando analisamos o que relata Freire Filho (2008, p.53): “[...] a maior parte da juventude parece incapaz, ainda, de efetuar solitariamente algumas distinções vitais – é próprio do adolescente buscar o prazer sem se importar com as conseqüências”.

Quando nos deparamos com uma resposta para a pergunta “o que é ser jovem para você?” como “Aproveitar cada segundo como se fosse o último”, por exemplo, temos, concretamente, esta incapacidade solitária a que o autor se refere, para que o jovem possa, lucidamente, distinguir as consequências de seus atos.

Entendemos que a construção histórica da juventude está intimamente ligada a uma fase de rebeldia, de oposição, de contraposição [...]. Entretanto, quando nos deparamos com respostas muito agressivas em relação a essa categoria criada, nos vem à tona o ímpeto profissional do professor, aquele que também alerta para as possíveis consequências de atitudes impensadas nessa faixa etária.

Quando verificamos os dados apresentados sobre o uso de bebidas alcoólicas, não nos impressiona mais que 60% dos alunos admitam utilizá-las. Basta apenas verificarmos o que ocorre nas festas de debutantes ou 15 anos, por exemplo, quando os alunos relatam em sala de aula o abuso no uso do álcool. Já tive alunos nesta faixa etária que entraram em coma alcoólico, dada a tamanha ingestão de bebidas das mais variadas graduações.

Gráfico 10 – Uso de bebidas alcoólicas



Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

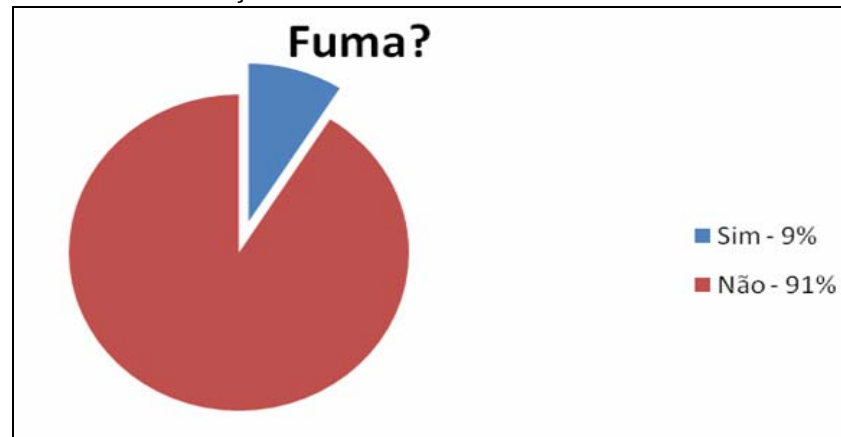
Sob essa ótica, estamos inteiramente ligados aos autores Abarca e Sepúlveda (2005, p. 162), quando nos clareiam que: “*El joven es irresponsable, despreocupado, apasionado, idealista, sin ataduras, un rebelde por esencia ([...] es revolución, es caos)*”.¹¹

Interessante que, quando questionamos os alunos em relação ao hábito de fumar, a grande maioria (91%) responde negativamente. Esse dado nos

¹¹ Tradução: O jovem é irresponsável, despreocupado, apaixonado, idealista, sem ataduras, um rebelde por essência (é revolução, é caos).

surpreendeu, na medida em que vemos, diariamente, uma grandíssima quantidade de alunos que fumam nos corredores da escola e em outros espaços, como sacadas, pátio externo, grêmio estudantil, entre outros.

Gráfico 11 – Condição de fumantes ou não



Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

Podemos supor que muitos dos alunos que, hipoteticamente, fumam, não marcaram a opção sim do questionário de pesquisa por motivo de vergonha ou mesmo dificuldade em se assumir fumante, mesmo em idade não permitida pela Lei, caso igual ao do uso de bebidas alcoólicas.

Na aula de Geografia vários temas estão ligados a essas visões desse grupo categorizado como um jovem “da curtição”: taxa de mortalidade (mortes por acidentes de trânsito, câncer de pulmão); taxa de natalidade (relações sexuais sem preservativos); questão econômica (movimentação financeira do mundo das drogas, festas e jogos), por exemplo. E ainda algumas interessantes problematizações podem ser feitas, no que diz respeito aos dados analisados:

- 1) Temos ideia do índice de mortes em acidentes devido ao uso de álcool? Conhecemos a legislação brasileira nesse sentido?
- 2) Se você tivesse um carro, como seria seu uso quando estivesse em uma festa com bebidas alcoólicas?
- 3) Acompanhamos, na mídia, os relatos de quem tem câncer de pulmão? Observamos isso nos maços de cigarro, através das fotos que estes estampam?
- 4) O aborto deveria ser legalizado? Você concorda, discorda, possui argumentos?

Tais questionamentos funcionam como gatilhos para discussões e apresentações de temáticas que perpassam os temas discutidos, a partir das realidades vivenciais – ou imaginárias – dos alunos. Vejamos a terceira categorização. Analisamos as respostas apresentadas à pergunta “o que é ser jovem?” e classificadas como “curtição (com responsabilidades)”:

c) um jovem que considera o período da juventude como uma fase de **curtição**, mas com responsabilidades:

- curtir ao máximo a vida, com responsabilidade;
- curtir a vida a todo custo, mas tendo responsabilidade. Fazer tudo o que gosta com quem mais gosta;
- ter liberdade e consciência do que fazer. Curtir a vida sem exageros;
- ser feliz não importa a situação. Sair, curtir com os amigos, mas, claro, nunca esquecer suas responsabilidades;
- curtir a vida intensamente, porém com muita consciência no futuro e na carreira;
- é ser livre, mas ao mesmo tempo ser responsável. Saber os limites da vida sem deixar de aproveitá-la;
- se divertir, zoar bastante, mas ao mesmo tempo estudar e ter em mente um futuro planejado;
- curtir a vida com responsabilidades, trabalhando, mas, ao mesmo tempo, aproveitando para fazer as coisas que gosto;
- é ser louco, mas ter responsabilidade. É ter incertezas do que realmente quer. Jovem é difícil de entender. Gostar das coisas perigosas, mas tem alguns que são mais responsáveis e não curtem muito as coisas perigosas. Jovem é *foda* de entender, *né?*
- saber aproveitar a vida, tanto nos estudos como nas festas.

Nesse bloco, por sua vez, encontramos sujeitos que acreditam que a juventude seja, igualmente aos classificados anteriormente, uma fase de “curtição”, porém inferem em suas respostas preocupações/afirmações no tocante à responsabilidade apresentada nestes momentos de divertimento. Podemos classificá-los como jovens que aproveitam os momentos desta fase da vida, mas se preocupam com sua integridade física, por exemplo. Palavras ou expressões como “responsabilidade”, “sem exageros”, “com consciência” aparecem nas respostas deste bloco de análises, dando o entendimento, quiçá, de sujeitos que já se

preocupam com seu futuro, aproveitando a vida e os momentos de juventude, contudo, tendo parcimônia em seus atos.

A diferença básica que encontramos aqui, em relação ao bloco anterior, é que os jovens expuseram muito similarmente aos anteriores que a juventude é uma fase de curtição, de aproveitar ao máximo; entretanto, diferem dos demais na medida em que apresentam noções de que as festas, as extravagâncias, as extrapolações têm limites. Inferem que a juventude é uma fase na qual se aproveita muito e, igualmente, existem responsabilidades, como o estudo, por exemplo.

Fizemos questão de diferenciar essas duas visões, já que as respostas, inicialmente, pareciam semelhantes, mas, ao debruçar um olhar mais atento, pudemos perceber que as diferenças estavam bem expostas e que as duas categorias se faziam necessárias ao debate.

Nesse sentido, uma proposta de pensar a nossa Geografia, a partir dessa análise seria elaborar em conjunto com os questionamentos sugeridos na análise anterior e discutir com os alunos o que é mais prudente: “curtir a vida” sem pensar no futuro ou “curtir a vida” e ter a tomada de consciência de seus limites?

Analisemos as respostas apresentadas à pergunta “o que é ser jovem?” e classificadas como “fase de transição”:

d) um jovem que considera o período da juventude como uma fase de

Transição:

- poder ser a diferença de uma geração;
- é o adolescente/adulto que está na flor da vida;
- é ter que conviver com os problemas dos adultos, sendo crianças;
- ter o desprezo e a descrença de algumas pessoas mais velhas;
- ser mais maduro;
- ter menos idade, com mente adulta;
- sair da infância. Deixar de ser visto como criança;
- descobrir o mundo, coisas novas e se preparar para a vida adulta;
- curtir a vida, pois estamos chegando à responsabilidade;
- estar adquirindo experiências. Passar por um monte de situações novas. Saber criar e preservar amizades. Buscar descobrir o sentido da vida;
- é pensar no futuro. Estar no pique para estudar, trabalhar, ir para balada e muitas vezes cuidar da casa e até mesmo de um filho. Jovem

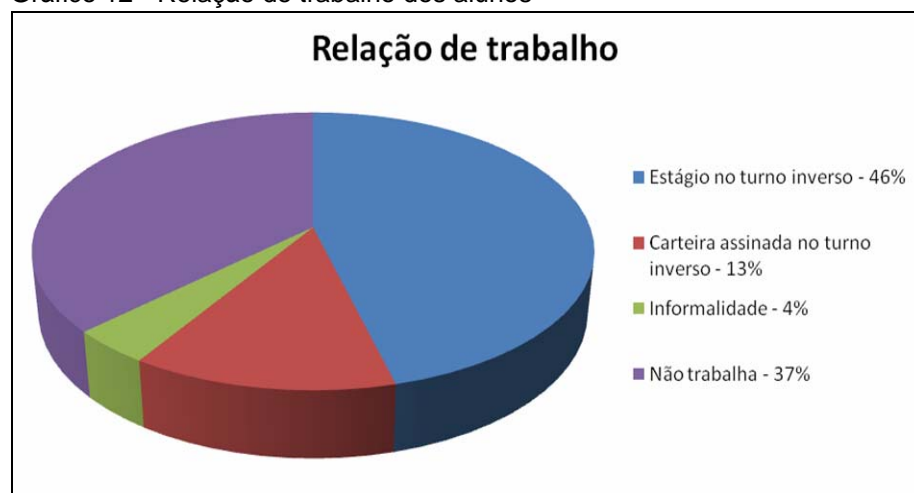
luta por um futuro melhor sem deixar de aproveitar todos os momentos bons;

- aprender coisas novas. Começar a ser responsável.

As respostas encontradas e classificadas neste bloco nos apresentam, claramente, um jovem que se vê em uma fase de transição, entre uma idade de infância para uma fase adulta. As frases apresentadas como respostas, como, por exemplo, “*É ter que conviver com os problemas dos adultos, sendo crianças*”, nos revelam que estes alunos se veem em um momento de transição, muitas vezes cumprindo ritos de passagem da meninice para a adultez, como iniciar-se no mundo do trabalho; independizar-se dos pais; andar sozinho, sem um adulto que o acompanhe; não estar constantemente vigiado.

Uma das perguntas do questionário de pesquisa era “qual a sua relação de trabalho?” e dava alternativas para a resposta. Interessante que, se somadas, todas as formas de trabalho representam incríveis 63% dos alunos, seja na modalidade de estágio, de relação formal de trabalho (carteira assinada) ou na informalidade. Apenas 37% dos jovens/alunos afirmaram não trabalhar. Aqui estamos tratando de uma importante **transição** na vida do jovem, que já se efetiva durante suas vivências escolares e ocorrem concomitantemente.

Gráfico 12 - Relação de trabalho dos alunos



Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

Particularmente, sei o que estes 67% dos alunos passam diariamente, na medida em que fui estagiário desde os 16 anos (2º ano do ensino médio), trabalhei durante todo o meu período de graduação (a parte inicial com serviços administrativos e, posteriormente, na docência). Percebi, em mim, o quão maduro a

relação de trabalho me tornou, possibilitando aprender, na prática, a administração dos próprios proventos, gastos, tomada de decisões, obediência aos superiores, entre tantas habilidades que o trabalho fornece.

Aqui há que lembrarmos que a fase de escolarização deve ser respeitada e que a prioridade, neste momento da vida do jovem, é a educação. Confirma isto a legislação brasileira, no que diz respeito ao estágio, quando afirma que:

Art. 1º - Estágio é **ato educativo escolar** supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, **que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos** que estejam freqüentando o ensino regular em instituições de educação superior, educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos. (BRASIL, 2008, p. 1). [grifo nosso].

Percebemos que, inclusive, a legislação, no tocante ao tema do estágio, infere que o mesmo **visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos**, ou seja, o estagiário (46% dos alunos) está justamente nesta importante fase de transição. Está estudando em um turno e trabalhando em outro, preparando-se para o real mundo do trabalho.

Souza (2009, p.32), por outro lado, nos alerta que a juventude não é mais um momento breve de preparação, mas é tempo de construção, de começar a exercer as mais diversas ações no mundo social. Podemos perceber claramente quem são os 13% de alunos que afirmam trabalhar formalmente, com carteira assinada, no(s) turno(s) inverso(s) ao das aulas. Há a grande maioria que está na condição de estagiário, mas também há os que já estão intimamente imersos na realidade do trabalho, através de contratos formais, muitas vezes com uma jornada semanal de 40 horas. Em sua grande maioria são os alunos do turno da noite, que trabalham durante a manhã e a tarde e vêm para a escola no turno da noite, com o intuito de complementar/finalizar sua escolarização básica, na procura de melhores empregos. Verifico isso em meu cotidiano docente, uma vez que tais alunos comentam estar trabalhando em profissões como pedreiro, ascensorista, gari, pintor, auxiliar (das mais variadas funções) e estudam no período noturno para poder ter melhores empregos e, conseqüentemente, melhores condições de vida.

Quantas temáticas relacionadas ao mundo do trabalho podemos discutir com nossos alunos, em nossas aulas de Geografia! O início, muitas vezes, pode ser o simples comentário das realidades dos alunos: estagiários, trabalhadores de carteira

assinada, informalidade, e de como estes alunos vêem sua atual condição como uma fase transitória. Vejamos algumas problematizações:

- 1) Conhecemos as diferenças entre o mundo do trabalho nos sistemas capitalista e socialista?
- 2) você conhece o sistema de produção empregado na empresa na qual trabalha?
- 3) sabemos distinguir os conceitos de mão de obra, salário, lucro, matéria-prima e setores da economia?
- 4) quem gera as riquezas? E quem se apropria delas?

Só nestes pequenos e simples questionamentos, que surgem da realidade de grande parte dos alunos, temos assunto para muitas aulas de Geografia.

Analizamos as respostas apresentadas à pergunta “o que é ser jovem?” e classificadas como “fase de estudos”:

- e) um jovem que considera o período da juventude como uma fase de **estudos**:
- estudar e especializar para o mercado de trabalho;
 - saber aproveitar a vida, estudar muito para ter uma vida boa;
 - estudar mais e tirar a nota;
 - estudar, interagir com outras pessoas para trocar experiências;
 - aproveitar o período para estudar;
 - estudar, ler livros, ouvir música e ser gentil com os professores;
 - ser alegre, estudioso e de bem com a vida;
 - significado de futuro e estudo. Momento em que você deve estudar e pensar no futuro que você vai querer quando for mais velho;
 - estudar, trabalhar, ir atrás dos seus objetivos.

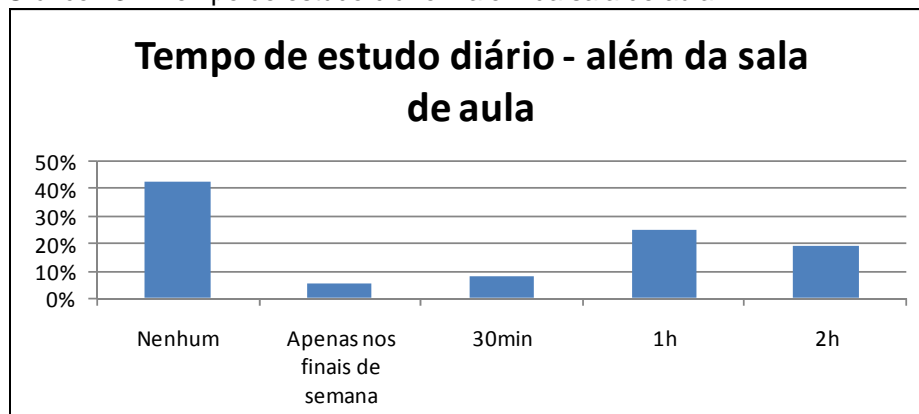
Neste bloco analítico, criamos a categoria do jovem que se vê, em sua grande parte do tempo, em uma fase plena de estudos. Acreditamos que essas respostas estejam igualmente entrelaçadas ao ambiente no qual foram aplicados os questionários de pesquisa: uma escola. Entretanto, pelo tipo de respostas infere em um jovem que se preocupa com os estudos já visando implicações/resultados em um futuro não muito distante. Um jovem que estuda para poder melhorar de vida, ascender socialmente e alcançar seus objetivos. O verbo “estudar” aparece em grande parte dessas respostas, o que nos dá a ideia de uma ação, um processo que está acontecendo inclusive no período no qual os sujeitos foram convidados.

Não nos surpreendeu, nem tampouco nos pareceu óbvio, que surgisse uma categoria do jovem que se vê em uma fase intensa de estudos. O que nos surpreende é o fato de que, pelas perguntas feitas no questionário de pesquisa, nos parece que este jovem que se nota em uma fase de estudos aparentemente vincula o estudo como se fosse unicamente frequentar os ambientes da escola. Vejamos os dados:

a) Tempo de estudo

Quando questionados sobre quanto tempo de estudo, além da sala de aula, é dedicado pelos alunos, por dia, 42% dos alunos afirmaram que não dispõem de nenhum tempo diário de estudo além do que tem na escola; 5% afirmam estudar apenas nos finais de semana; 25% afirmam estudar uma hora por dia; 19% afirmam estudar 2h por dia; e 8% afirmam estudar 30min por dia. Parece-nos claro que a grande maioria dos alunos não dedica parte de seu tempo diário para o estudo extraclasse, considerado importante no consenso do mundo da educação. De certa forma, entendemos que há uma grande porcentagem dos alunos que trabalham diariamente – seja como estagiário ou empregado formal – o que fica claro é que há uma controvérsia nos dados analisados, na medida em que muitos se veem em uma fase de estudos e não dispensam o que seria esperado no que se refere ao tempo de estudo adicional.

Gráfico 13 – Tempo de estudo diário – além da sala de aula



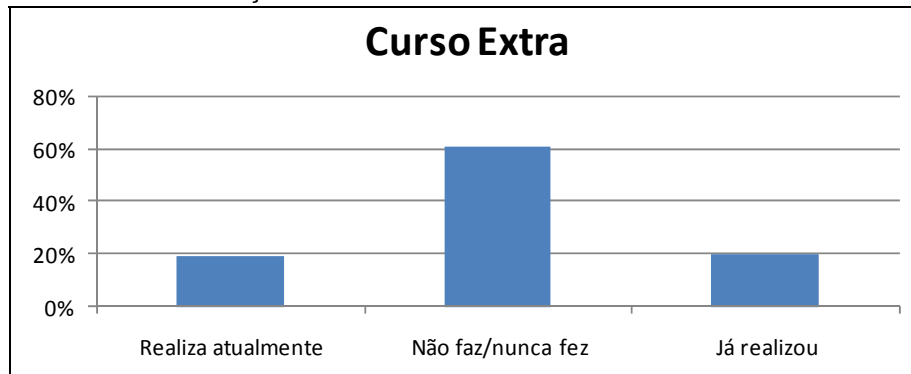
Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

b) Cursos extras

Parece-nos interessante perguntar ao jovem se ele realiza ou já realizou algum curso extra, já que isto diz respeito diretamente a dois fatores importantes: a) a formação do jovem e b) a preparação para o mercado de trabalho. Pois bem, temos uma categorização de um jovem que percebe a juventude como uma fase de estudos e

um resultado afirmando que 60% dos jovens nunca realizaram nenhum tipo de curso extra. Não queremos aqui, caro leitor, afirmar que há uma obrigatoriedade de o jovem realizar curso extra. Queremos alertar para a discrepância entre o afirmado pelo jovem e categorizado – uma fase de estudos – e o que nos é apresentado por este jovem, com dados relacionados diretamente ao tema.

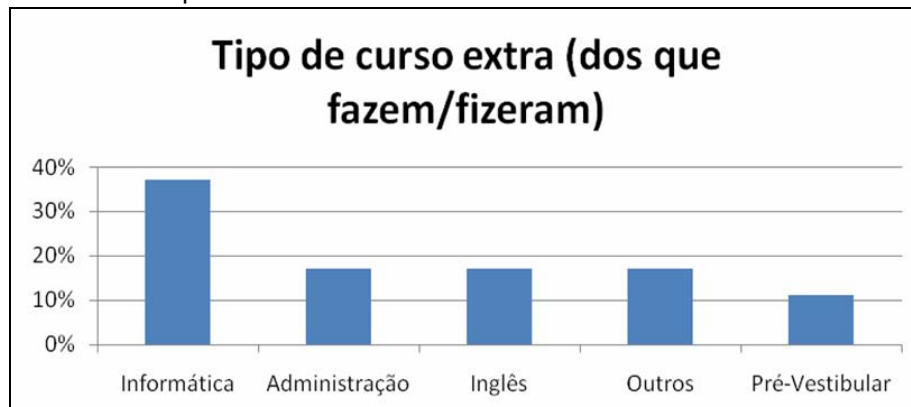
Gráfico 14 – Realização de curso extra



Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

Ainda neste tocante, quando questionamos os 40% dos alunos que quando da aplicação dos questionários realizavam cursos extras ou dos que já haviam realizado, ficou bem claro que a tipificação de cursos extras realizados pelos alunos era para: a) preparação para o mercado de trabalho: curso de informática, curso de idiomas, curso de administração; ou b) preparação para as provas de ingresso no ensino superior: curso pré-vestibular.

Gráfico 15 – Tipo de curso extra realizado

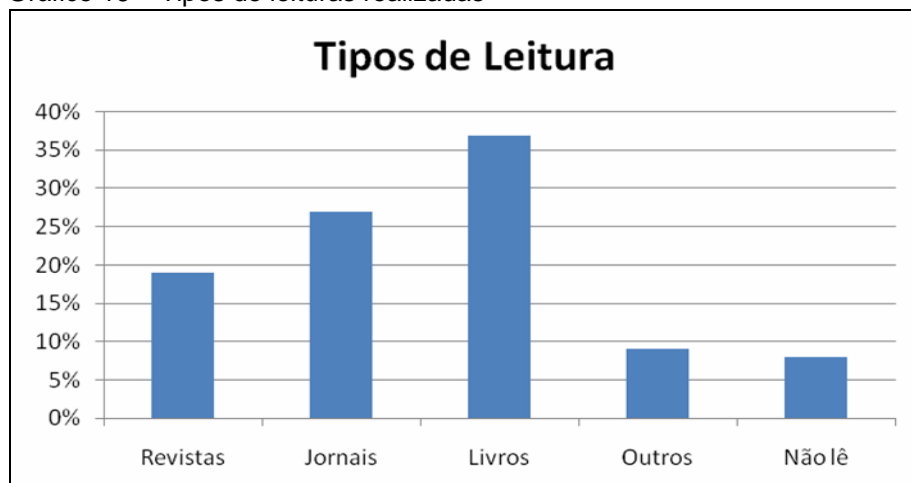


Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

c) Leitura

Neste ponto alegamos ao constatar que 98% dos alunos realizam algum tipo de leitura. Esperávamos encontrar um dado mais alarmante, se consideradas as realidades que observamos: a sala de aula e uma simples conversa com um professor de redação/língua portuguesa, quando afirmara incondicionalmente que os alunos não leem e carecem de vocabulário. Ao contrário, os dados da pesquisa revelam que os mesmos, na grande maioria, leem! O que deveríamos perguntar é: que tipo de leitura? Aí teremos diferentes eixos da literatura que afirmarão ser relevante a leitura de gêneros “*teenager*”¹², pois aproxima o jovem da leitura. O que queremos afirmar é que dos 37% dos alunos afirmaram ler livros, a massiva maioria informa que são justamente os livros “*teenagers*”.

Gráfico 16 – Tipos de leituras realizadas



Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

Mas e a Geografia, o que teria para colaborar nesta discussão do jovem que se vê em uma fase de estudos? Muitas são as propostas de problematização/trabalho em relação a este tema, a saber:

- 1) discutir com os alunos, com base nesta categorização, qual a real porcentagem de alfabetizados no Brasil, como isto mudou ao longo do tempo e qual a influência deste dado no panorama nacional;
- 2) entender a formação de dados internacionais, como o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) e como a educação colabora/interfere na formação destes dados;

¹² Livros *Teenagers* são aqueles que tem enredos adolescentes ou altamente ficcionais, como por exemplo: “A Culpa é das Estrelas” ou ainda “Harry Potter”, que tem vendas na casa dos milhões.

- 3) comparar e discutir o conceito de analfabetismo e analfabetismo funcional;
- 4) debater sobre como a educação (enquanto processo) e a leitura são ferramentas capazes de interferirem – direta ou indiretamente – na construção do espaço geográfico.

O importante aqui seria entender que a literatura, por exemplo, dialoga com o mundo simbólico do aluno! Através da leitura também podemos entender a formação da identidade desse jovem!

Analisemos as respostas apresentadas à pergunta “o que é ser jovem?” e classificadas como “fase de descobertas”:

- f) um jovem que considera o período da juventude como uma fase de **descobertas**:
- experiências novas constantemente;
 - é ter a melhor parte da vida para aprender, viajar, conhecer novas pessoas;
 - conhecer novas coisas;
 - parte da nossa vida que conhecemos o mundo;
 - viver novas experiências intensamente;
 - ser verdadeiramente você. Ser de múltiplas coisas, se socializar. Mas, acima de tudo, viver do modo que acredita;
 - viver muitos sentimentos. Se descobrir;
 - ser jovem é ter sonhos e esperança, é estar descobrindo a vida.

Por fim, mas não menos importante, verificamos que uma parcela dos alunos concebe a juventude como uma fase de (constantes) descobertas. Preferimos diferir da classificação “fase de transição” para definir a presente categorização, já que vários sujeitos utilizaram o verbo “conhecer”, o que nos levou a crer, subjetivamente, de que estamos falando de um jovem em processo de autoconhecimento e de conhecimento de seu mundo, daquilo que está ao seu redor.

Quando encontramos, nesta categorização, uma resposta como “se descobrir”, fica impraticável, neste ponto da análise, não pensar nas questões do tocante à sexualidade dos alunos. É muito óbvio e direto que a adolescência/juventude é uma fase de constantes descobertas, inclusive em relação ao corpo e como se lida com a sexualidade. Essa afirmação ainda encontra seu embasamento na música que precede este texto, quando afirma que o jovem “*só pensa em sexo, yeah!*”. Ao

questionarmos os jovens-sujeitos da pesquisa, em relação a sua orientação sexual, nos aparece o gritante dado.

Gráfico 17 – Orientação sexual



Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

É muito claro que o gráfico fala por si! 97% dos alunos se declararam heterossexuais! Seria a exposição de uma verdadeira realidade? Seria um acobertamento de uma realidade que não é socialmente aceita? Aqui, esperávamos encontrar dados que apresentassem mais de 1% de alunos autodeclarados homossexuais, dadas as realidades que vivenciamos diariamente, em nossas salas de aula. Há que ressaltarmos os 2% de abstenção quando dessa pergunta, uma vez que o silêncio também fala. De acordo com Lages (2009, p.17), há que se ressaltar:

Compreender a sexualidade na adolescência relaciona-se com a necessidade de saber que sua natureza tem a ver com transformações biológicas, mas também é reflexo de expectativas sociais e culturais, ou de padrões de comportamento aprendidos.

Deste ponto de análise e, em conjunção com o que encontramos no que diz respeito às informações/visões dos alunos em relação do CEJC, por mais que o espaço de pesquisa seja visto como um espaço no qual prevaleça a liberdade, existem ainda, sim, comportamentos de repressão e preconceito em relação ao tema da sexualidade.

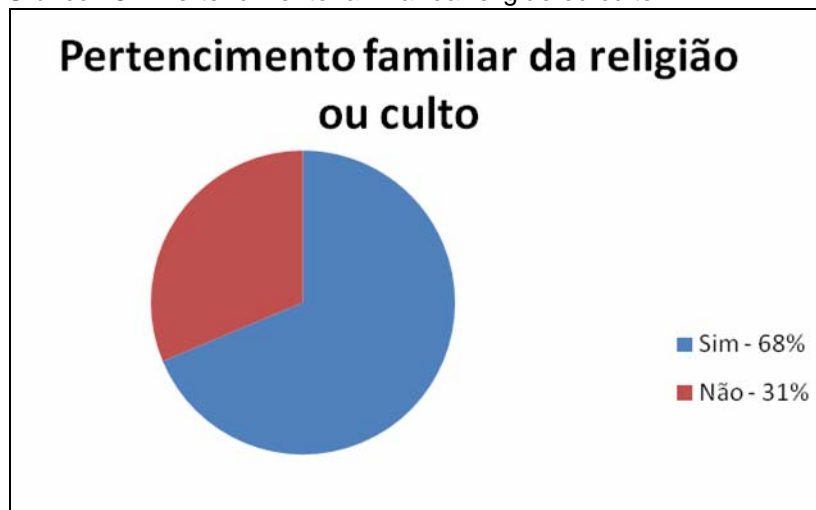
E qual a relação de Geografia com o tema sexualidade? Pois são vários os estudos e as abordagens que o professor de Geografia pode utilizar em sua sala de aula sobre a questão sexual:

- 1) a discussão sobre identidade, gênero e as implicações disto no espaço geográfico;

- 2) as territorialidades da prostituição em grandes cidades, nos diferentes meios, níveis e classes sociais;
- 3) o turismo sexual: como esta prática colabora com as economias locais e violência;
- 4) o debate e a conscientização no que diz respeito ao sexo seguro e o uso de preservativos, a discussão sobre a contaminação com o vírus HIV e como este tema foi perdendo espaço ao longo do tempo, dada a ampliação do tratamento via Sistema Único de Saúde;
- 5) os métodos contraceptivos e suas implicações na alteração de taxas como natalidade, fecundidade e crescimento vegetativo de um país;
- 6) a gravidez na adolescência.

Outro ponto que nos pareceu importante relacionar com essa categoria de juventude é a questão da religiosidade. Ao categorizar a juventude como uma fase de descobertas, também entendemos que as vivências religiosas se caracterizam como tal, dado que 31% dos sujeitos-jovens declararam-se com religião (ou prática religiosa) diferente da sua família, conforme observamos no gráfico a seguir.

Gráfico 18 – Pertencimento familiar da religião ou culto



Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

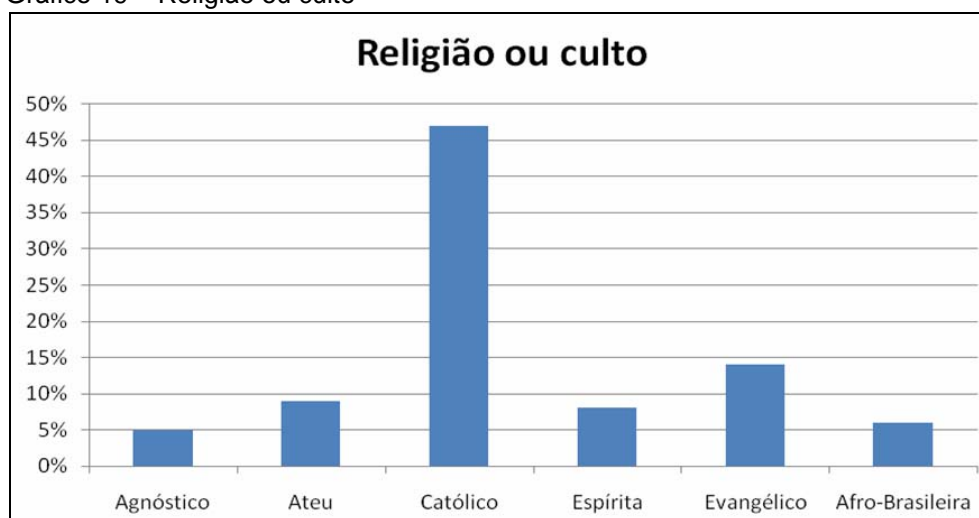
Esse dado da pesquisa pode ser interpretado sob dois ângulos: a) pelo contexto de a juventude ser uma fase de oposição, como já apresentado neste texto; e b) justamente pelo processo de descobertas pelo qual passa esta fase do desenvolvimento humano, não encontra na religião de seus pais uma prática que lhe agrade e migra para outra denominação religiosa. Almeida (2009, p.110), afirma que a religião foi apontada pelos jovens como um dos principais assuntos que gostariam

de discutir com seus pais, amigos e toda a sociedade e será que, de fato esta discussão ocorre? O interessante é que há uma atuação social desses jovens praticantes de alguma religião, como o autor destaca:

Hoje, não são poucos os jovens que desenvolvem atuações motivadas por devoções religiosas. Esses jovens não estão confinados nos salões paroquiais ou nos cultos de suas igrejas. Estão também no espaço público, trocando idéias, compartilhando vivências e, como os outros jovens, buscando sentido para a vida. (ALMEIDA, 2009, p. 108).

E, além dos espaços citados pelo autor, esses jovens estão nas escolas! Percebo, em meu cotidiano docente, que há muitos jovens-alunos que professam religiões como as neopetenconstais (pela vestimenta utilizada) ou ainda alunos que professam religiões da matriz afro-brasileira (pelas falas de aceitação); entretanto, quando questionamos diretamente qual a religião ou culto dos jovens, o dado não foge à realidade do panorama brasileiro, como é demonstrado no gráfico que segue.

Gráfico 19 – Religião ou culto



Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

A grande maioria declara-se católico – praticamente 50% dos alunos – seguidos dos evangélicos, 14%. É interessante ressaltar que o estilo musical “gospel” apareceu, muito timidamente no (gráfico 6), quando questionamos os jovens em relação às suas preferências musicais. Nesse enfoque, cabe lembrar que existem eventos que reúnem grande parte do público evangélico em várias partes do país, como o “Marcha para Jesus”, evento no qual a maior parte do público envolvido é jovem! A Igreja Católica não fica muito aquém, quando observamos o tema da participação juvenil: grupos de jovens católicos, criados no âmago da

teologia da libertação; Pastoral da Juventude; Renovação Carismática Católica são exemplos de encontros juvenis com a religião e uma prática social coletiva. No entanto, percebemos que muitos desses jovens questionam dogmas, verdades ou regramentos impostos pelas instituições religiosas às quais pertencem, como o uso do preservativo, a proibição de manter relações sexuais antes do casamento, o sacerdócio celibatário [...]. Isso pode nos revelar que essa geração juvenil parece estabelecer com a religião uma relação mais crítica, de questionamentos, sem assumir alienadamente seus dogmas e, tampouco, assumir posição radical atea de negação ao conjunto de seus preceitos (ALMEIDA, 2009).

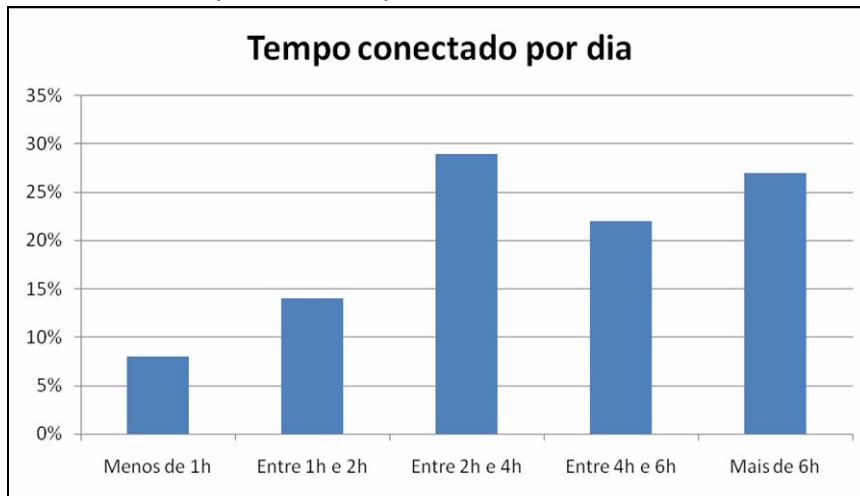
E a escola? De fato, fica difícil para a escola tratar com a questão das diferenças se muitas vezes sua prática é de homogeneização e uniformidade (ALMEIDA, 2009). Quando falamos em escolas laicas – como uma na qual trabalho agora – o tema é livre e sem demandas obrigatórias/curriculares de ser tratado. Quando falamos em escolas confessionais – como uma na qual já trabalhei, confessional católica – o tema é delicado, já que existe uma abordagem oficial e direcionada do tema religião.

E a Geografia? Muitos temas podem ser tratados nas aulas de Geografia, no que diz respeito às religiões. Na atualidade, nos parece lógico que o tema mais importante seria a intolerância e o extremismo religioso, como percebemos nos noticiários, com muita frequência, em várias regiões do mundo, encabeçados pelas ações terroristas do Estado Islâmico, que vêm alterando o uso e a ocupação do espaço geográfico do Oriente Médio. Uma grande discussão geográfica, em sala de aula, partindo do ponto da religião.

4.3 O JOVEM E A CONECTIVIDADE: TEMPOS *ONLINE*

Este subcapítulo não estava previsto para ser redigido separadamente do perfil do jovem elaborado no item 4.1. Todavia, os dados coletados e catalogados no que diz respeito às relações virtuais dos alunos fizeram reforçar minhas análises. A começar pelo gráfico, apresentado na sequência, sobre o tempo no qual os alunos permanecem conectados por dia.

Gráfico 20 – Tempo conectado por dia



Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

É massivo o tempo no qual permanecem constantemente conectados os jovens/alunos. As últimas três barras do gráfico acima nos fazem refletir o quão importante é esta análise ao compor um perfil do jovem e ousar, posteriormente, relacioná-lo com o ensino da Geografia. Em uma primeira leitura, cabe lembrar que estamos falando dos

[...] filhos da revolução tecnológica, que vivem no mundo digital: pensam e agem “em rede”, definindo virtualmente seus sentimentos e opiniões nas redes sociais, numa exposição permanente e contraditória: entendem o interesse de pais e professores em suas vidas como uma invasão de privacidade, mas promovem a evasão das próprias emoções em sites de relacionamento. (SPORLEDER-CÔRTEZ, 2009, p. 47).

E, ao mesmo tempo, concordamos com Flach (2009, p.102), quando acrescenta que

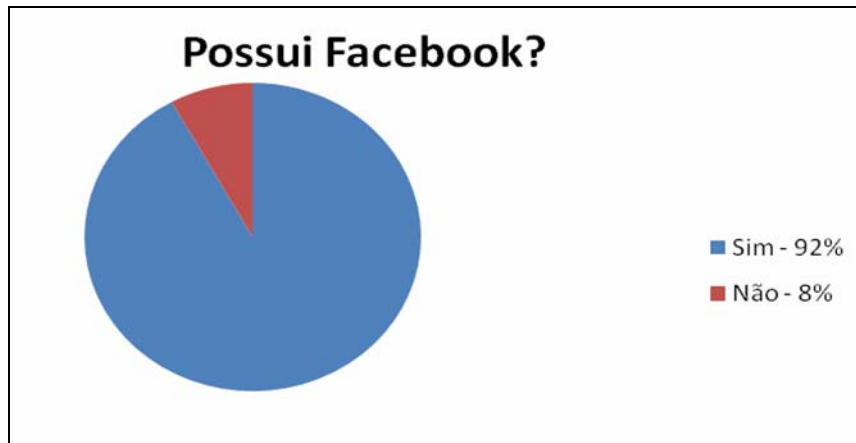
[...] neste ambiente [virtual] emergem meninas e meninos representantes da geração da ansiedade: uma geração pressionada pela constante necessidade do desnecessário, para estar conectada o tempo todo, ligeira, “online”, acelerada, “por dentro” de muitas informações, “full time” de tudo o que possa ser produzido, para logo em seguida descartar. [grifo nosso].

Ao entendermos que o jovem contemporâneo pensa e age em rede, define virtualmente seus sentimentos e opiniões, é automático inferir, igualmente, através de qual plataforma estas ações são executadas. A resposta é óbvia: **Facebook**¹³!

¹³ Facebook é uma rede social que conecta pessoas ao redor do mundo. Neste ambiente virtual os signatários podem postar fotos, notícias e textos. Podem também expressar opiniões e idéias. Foi um dos elementos que proporcionou levantes populares, como a “Primavera Árabe” ou as manifestações de junho de 2013 no Brasil.

Quando questionamos os jovens-sujeitos em relação ao fato de possuírem uma conta nesta rede social, massivos 92% assinalavam positivamente, dado que não nos surpreende, sendo o Brasil um dos campeões no uso do aplicativo: oito em cada dez *internautas* brasileiros estão no *Facebook*! (G1, PORTAL GLOBO..., 2015).

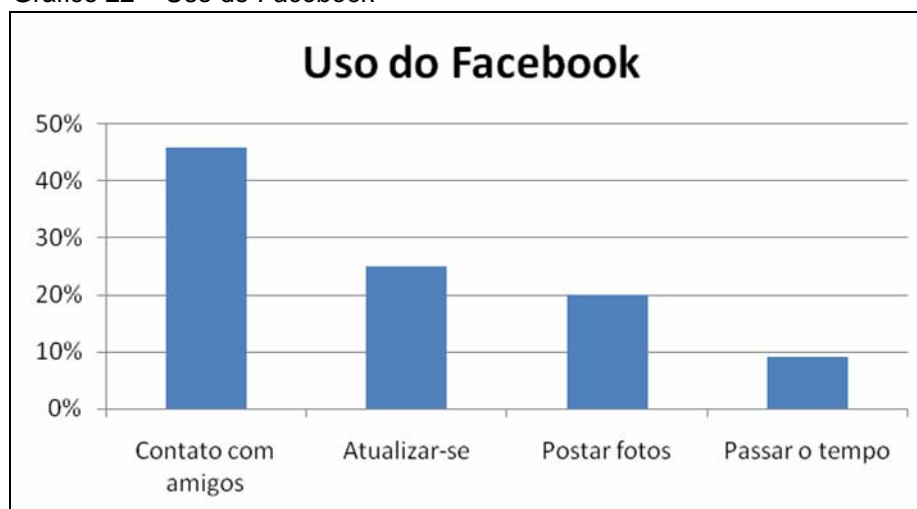
Gráfico 21 – Possui *Facebook*?



Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

Ao questionar o que mais fazem ao utilizar o *Facebook*, não houve nenhuma resposta a qual pudéssemos relacionar, diretamente, com o estudo ou uma relação direta com este. Os dados encontrados foram justamente dados de sociabilização, como contato com amigos, postar fotos ou ainda passar o tempo, conforme observamos no gráfico que segue.

Gráfico 22 – Uso do *Facebook*



Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

Dois estudos, de colegas egressos deste Programa de Pós-Graduação, já destacaram a importância das redes sociais na constituição identitária dos alunos

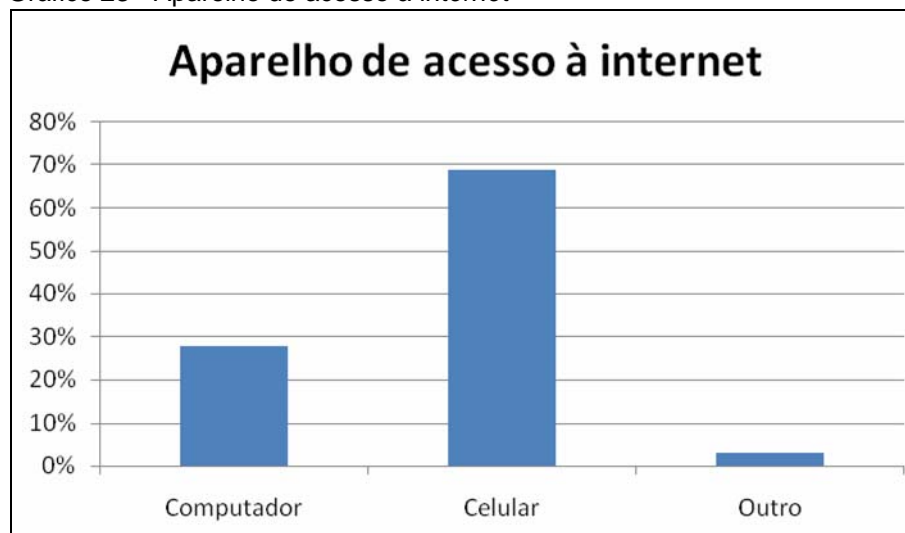
(VALLERIUS, 2011) e na reivindicação de melhorias para uma cidade, por exemplo, (TONETTO, 2013). Não há como negar a emergência e a importância da utilização dessas ferramentas como forma de atrair a atenção dos alunos para o que está sendo demonstrado em aula e, ao mesmo tempo, colaborar positivamente na construção de um espaço com intervenções sociais que de fato se efetivem.

Entre toda essa efervescência causada pelas redes sociais e seus impactos na formação do jovem contemporâneo, há que se ressaltar que deste considerável tempo no qual os alunos passam conectados à *internet*, em grande parte dele os mesmos estão dentro da escola, conforme referencia Flach (2009, p.103) fica evidente que

[...] não é possível falar de tudo isso sem lembrar que os potenciais e até privilegiados usuários de muitas inovações tecnológicas são jovens, crianças e adolescentes. Isso nos obriga a trazer todas as questões um pouco mais para dentro da escola, onde a maioria passa extensa fração de seu tempo.

E, por falar em escola, não deixemo-nos ignorar ao pensar que os jovens-alunos não estão conectados em nossas aulas! Praticamente 70% dos sujeitos da pesquisa afirmaram acessar a *internet* a partir do celular, o *smartphone*.

Gráfico 23 - Aparelho de acesso à *internet*



Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

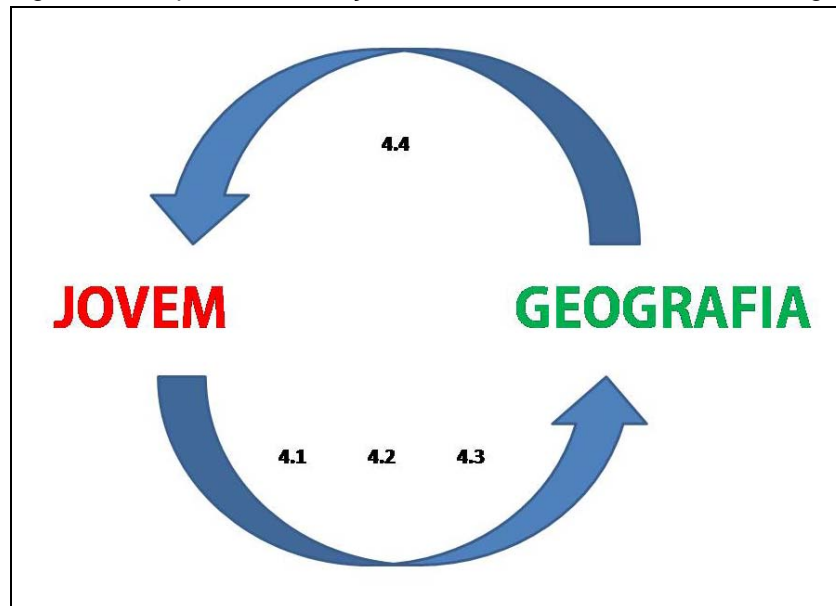
E por que não pensarmos em aulas que possam interagir com essa realidade tão presente para nossos alunos? E por que não discutir essa realidade posta com nossos alunos? Eis algumas pistas para o debate e suas relações com os conteúdos programáticos da Geografia:

- 1) a *internet* e como a vida e o cotidiano foram alterados com sua chegada: será que nossos alunos (jovens) têm a real dimensão do impacto que a *internet* causou? Observemos que eles já são nativos digitais, portanto, já nasceram imersos nesta cultura;
- 2) a globalização e como os lugares ficaram mais próximos, sem diminuir as distâncias! Como é fácil, hoje, comunicar-se com pessoas em qualquer parte do planeta, em tempo real, e através do celular, por exemplo;
- 3) as redes sociais e como elas movimentaram multidões para sair às ruas pedindo justiça social, liberdade de voz e vez, mais democracia.

4.4 O JOVEM E A GEOGRAFIA: TÃO PERTO E TÃO LONGE

Nos três subcapítulos anteriores nos dedicamos a apresentar o perfil do jovem, a visão do jovem por ele mesmo e as relações cibernéticas destes sujeitos, relacionando estes tópicos com algumas das potencialidades oferecidas pelas aulas de Geografia. Neste ponto de nosso texto, queremos aprofundar as discussões de como esses sujeitos-jovens-alunos enxergam a Geografia e o que há de culturas juvenis nas trilhas geográficas, ou seja, fazer o caminho inverso do que já fizemos, conforme o esquema que podemos observar.

Figura 5 – Esquema das relações entre o Jovem e o ensino da Geografia



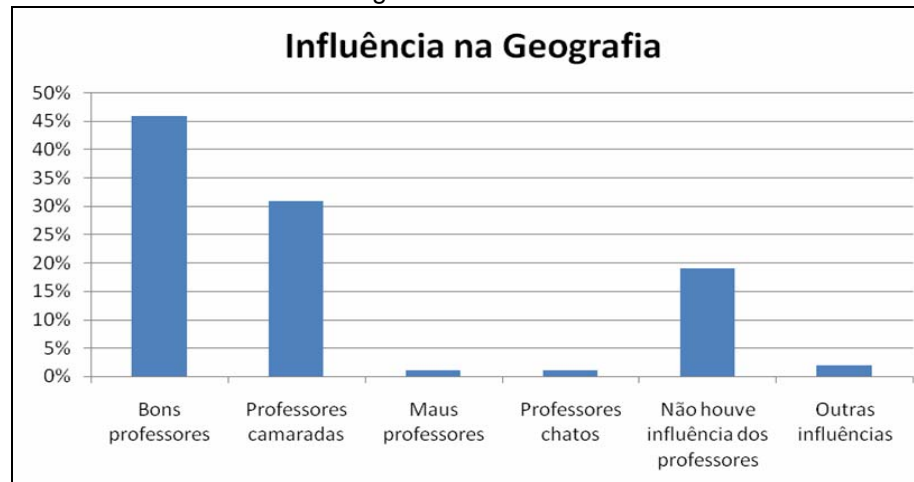
Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

Sobre este ponto questionamos os sujeitos da pesquisa para responder a seguinte questão: Com relação à disciplina de Geografia, você pode dizer que: e com cinco afirmativas, a saber, já com as porcentagens de respostas:

- a) gosta mais de Geografia do que qualquer outra disciplina – 6%;
- b) gosta de Geografia – 65%;
- c) é indiferente (nem gosta nem antipatiza) – 26%;
- d) não gosta de Geografia – 3%;
- e) detesta Geografia 0%.

De posse desses dados, nos parece muito claro que os alunos, de maneira geral, possuem uma visão positiva em relação à disciplina de Geografia e que esta relação próxima se deu, *a priori*, pela influência de bons professores (que sabiam a matéria) ou por professores camaradas (que eram amigos da turma), conforme podemos observar no gráfico que segue.

Gráfico 24 – Influência da Geografia



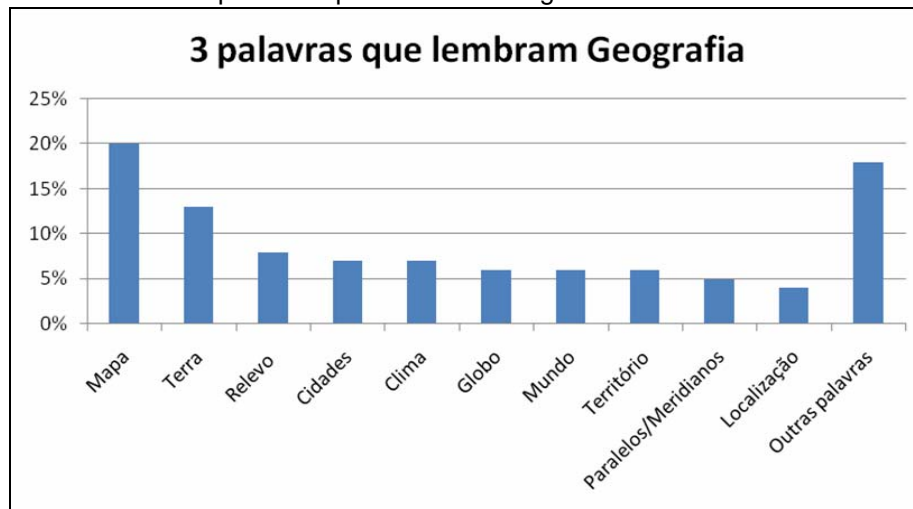
Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

Sob essa ótica, entendemos que a primeira aproximação que o aluno tem em relação à disciplina de Geografia se dá através de seu professor e este dado apenas reforça a tese de que é, sim, o professor que propicia o encantamento do aluno em relação à disciplina a qual está ministrando! Entendemos que o encantamento ofertado pelos professores de Geografia se dá, em um primeiro momento, **pelo seu encantamento** em relação a esta ciência que tanto nos apaixonamos!

Ora, em meu caso e em muitos dos casos que conhecemos, a escolha pelo curso de Geografia se deu justamente por esse encantamento, por gostar muito da Geografia e, de fato, passamos isto aos nossos alunos. O que pesa (e daí afirmamos derivar tantas pesquisas em ensino de Geografia – como a presente) é que, por vezes, trata-se de uma paixão individual pela ciência geográfica, que pouco ou nada é compartilhada com alunos por meio de nossas práticas docentes!

Se formos realizar um apanhado geral e baseado em uma metodologia simples, porém, muito clara, das percepções dos alunos em relação ao ensino de Geografia e de como percebem esta ciência, encontraremos dados que, de fato, refletem dois aspectos: a) a realidade de muitas escolas brasileiras – públicas e privadas; e b) o senso comum das pessoas em relação à Geografia, enquanto ciência presente no âmbito escolar. Pois bem, provocamos nossos jovens-sujeitos da pesquisa a escreverem as três primeiras palavras que lhes viessem à cabeça quando escutavam a palavra “Geografia”. Observemos o gráfico de respostas que segue.

Gráfico 25 – Três palavras que lembram Geografia



Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

Preferimos classificar as respostas dos alunos desta forma, a dar clareza ao leitor das palavras mais repetidas que, em nosso entendimento, formam o senso-padrão-comum da amostra entrevistada em relação à Geografia.

Não nos surpreendeu, de forma alguma, que a palavra mais citada seria MAPA! Ora: o que seria da Geografia sem mapas? Não queremos entrar no mérito da resposta que acabamos de elencar, já que desviaríamos o foco deste trabalho por longas páginas [...]. Mas há que se admitir que a Geografia esteja – intrinsecamente – relacionada ao estudo do mapa, do globo, da Terra. Esse é um pensamento que herdamos de nossos pais, avós e bisavós, e que, por mais que **tentemos** formar alunos de ensino fundamental e médio com uma visão mais crítica da realidade e do espaço geográfico, dificilmente nos desligaremos dessas visões em relação à Geografia. E, de fato, não podemos nos desligar! Afinal, o mapa, por exemplo, é um instrumento de espacialização de dados importantes (por exemplo: IDH, violência urbana, fome, etc.).

O que estamos postulando aqui é que deixemos de ser a Geografia única dos topônimos – aquela Geografia que apenas dá nome aos espaços ou que ainda tem seus nomes próprios, como o mapa, por exemplo – e que passemos a ser a Geografia real, aquela que possa levar os alunos a uma dimensão crítica e atuante em suas realidades. Mas como? Acreditamos que o primeiro momento é este: conhecer o aluno, o jovem, quem está na minha frente! Para depois pensarmos na Geografia ensinada-aprendida por esses jovens!

Concordo com Kaercher (2014, p. 230) quando afirma que não podemos cair no **automatismo** da Geografia:

Se o professor não fizer as relações entre o de que está tratando e a Geografia o aluno tende a se dispersar. Corolário: Geografia fala de tudo, Revista de variedades. Leve. Leva a uma aprendizagem pouco eficaz. Há pouco o que pensar nas aulas de Geografia.

Percebemos essa Geografia “leve”, quando observamos que mais da metade das palavras citadas pelos alunos inferem-se em temas físicos, pontuais e introdutórios da ciência geográfica, como: mapa (*por supuesto!*), Terra, relevo, clima, paralelos, meridianos, localização... Mas, nos falta algo, não?! Onde está a dita **Geografia Crítica**? Por que não nos aparecem palavras como sociedade, política, ambiente, cidade X campo, segurança pública, transporte, mobilidade urbana, código penal, Nações Unidas, Amazônia [...]? Por que, se passados mais de três décadas após a “revolução” na Geografia brasileira, o que nos vem ainda é o tradicional, o físico, o emblemático da Geografia? Encontro amparo (e apoio emocional!) em Kaercher (2014, p.231) quando afirma que: “[...] a Geografia, independentemente de chamá-la de ‘crítica’ [...] possa ajudar os alunos a olharem o mundo em que vivem de forma mais plural, complexa, contraditória e dinâmica. Sim, de forma crítica”.

Aí sim podemos afirmar que não é apenas de temas físicos, por exemplo, que vive a Geografia escolar! Na sociedade contemporânea existem temas tão emergentes que podem justamente ser tratados de forma *plural, complexa, contraditória e dinâmica, sem deixar de seguir os currículos!* E que envolvem, diretamente, as vivências desses sujeitos jovens, como já apresentamos em tópicos anteriores a este, neste texto, como, por exemplo, as relações dos jovens com seus estudos.

Fica evidente que a Geografia tem se mantido esta revista de variedades, quando observamos as palavras mais relacionadas com a ciência (mapa, Terra, relevo, cidades, clima [...]) e, ainda mais, quando verificamos as principais utilidades da Geografia para os jovens, no momento em que questionamos os alunos: Qual é a utilidade da Geografia para você?, obtivemos as seguintes respostas:

- a) conhecer mais sobre o mundo: 45%;
- b) saber se localizar: 24%;
- c) saber sobre os outros países: 11%;
- d) localizar países: 4%;

- e) saber fusos horários: 4%;
- f) outros (várias utilidades citadas): 12%.

A partir dessas observações interpretamos, num primeiro momento, que os alunos que veem na Geografia a potencialidade de **conhecer mais sobre o mundo** (expressiva quantidade de respostas) estão, justamente, relacionando a ciência geográfica com esta temática livre, que fala de tudo (do mundo), mas com pouca aprendizagem efetiva. Veja bem, caro leitor, não estamos afirmando que conhecer mais sobre o mundo não seja aprendizagem (porque de fato o é!), mas o que queremos destacar aqui é a fragilidade com que os alunos percebem a Geografia escolar:

Depois de percorrermos cerca de três milhas, chegamos a uma espécie de edifício comprido, construído de troncos fincados no chão e entrelaçados; o teto baixo e coberto de palha. Comecei a sentir-me então algum tanto confortado e tomei de alguns brinquedos, que trazem habitualmente os viajantes a fim de presentear os indígenas selvagens da América, e de outras partes [...]. (SWIFT, 1952, p. 193).

É, caro leitor, a primeira sensação, quando constatamos que para 45% dos jovens a Geografia é unicamente conhecer mais sobre o mundo, é que somos os contadores das histórias de Gulliver, ao desbravar e conhecer novos espaços, relatando, minuciosamente, estes espaços viajados, conhecidos e explorados. Rico! Sim, isto é muito rico! O que ocorre é que analisamos essa resposta sob a égide de um professor-pesquisador que entende que a Geografia escolar deva ser muito mais do que apenas a descrição – toponímia – dos espaços! Não nos serve nem nos basta apenas “conhecer mais sobre o mundo”, se não damos valor/importância/criticidade àquilo que está a nossa frente: nossa cidade, por exemplo!

Da mesma forma, questionamos as outras respostas mais verificadas: saber se localizar, saber sobre os outros países, localizar países, saber fusos horários. É óbvio que, para nós, geógrafos (professores e bacharéis), nos parece muito claro o porquê de estudar estes temas da Geografia. É importante saber se localizar sim! É importante saber onde estão os países no mundo sim! Mas [...] é importante só porque nos diz respeito? Como essa importância pode ser reflexionada com os alunos? Se soubermos responder estas perguntas, já temos muito assunto para discutir com os jovens-alunos, a importância daquilo que fazemos em nossas aulas!

Questionamos também os alunos para nos relatarem como fazem para aprender ou para estudar Geografia. As duas respostas mais citadas (assistindo às

aulas – 45% e lendo o livro didático – 30%) já nos eram esperadas, pois se trata do óbvio! O que de fato nos surpreendeu foi a terceira resposta apresentada: 20% dos alunos afirmaram que, para aprender ou estudar Geografia, utilizam **vídeoaulas!** Claro, reflexo daquilo que já afirmamos no ponto anterior, quando tratamos do jovem e sua conectividade (em tempos *online*). Basta realizarmos uma breve pesquisa no *site YouTube* com o texto “vídeoaula geografia”, que encontraremos mais de 13.000 (treze mil!) vídeos relacionados com o tema pesquisado.

Figura 6 – Exemplo de Vídeoaula no YouTube



Fonte: YouTube (2015).

Parece-nos muito claro que a maior parte – se não a totalidade – das vídeoaulas apresentadas no *YouTube* sejam destinadas à preparação de alunos para provas de vestibular, para o ENEM ou ainda para concursos públicos em geral. Percebo, em meu cotidiano docente, que muitos alunos se utilizam deste instrumento de aprendizagem, se assim podemos classificá-lo, como forma de revisão – urgente – para quando da aplicação de provas ou atividades avaliativas.

O dado que nos apareceu durante nossa análise e tabulação das respostas do questionário de pesquisa nos assombrou na medida em que perguntamos como fazem para aprender ou estudar Geografia e que, em nosso entendimento, a presença – real – do professor e as possibilidades de se abrir uma discussão – real – sobre o que está sendo tratado é muito mais rica, fiel e satisfatória do que o simples “despejar” de conteúdos que acontece no âmbito das aulas virtuais supracitadas.

Relacionado a este tema questionado, perguntamos aos jovens/alunos onde mais, além da sala de aula, é possível aprender Geografia, e obtivemos as seguintes respostas, apresentadas no gráfico.

Gráfico 26 – Onde mais é possível aprender Geografia



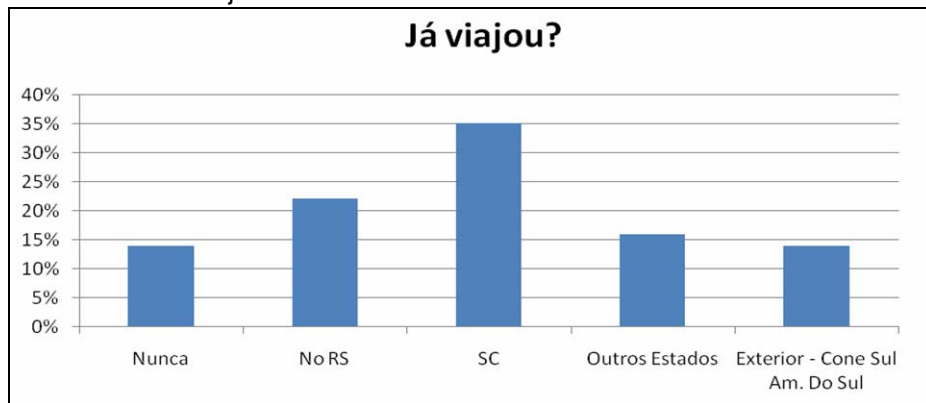
Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

A resposta mais elencada (documentários de televisão) sugere-nos que ainda persiste a visão da Geografia como “revista de variedades”, já apresentada neste capítulo. *Globo Repórter*, *National Geographic*, *Discovery Channel* são exemplos de onde o aluno-jovem encontra “Geografia”.

No *YouTube*, como já apresentado, o aluno cita que é possível aprender Geografia igualmente, e, pelo visto, uma Geografia repleta de “decorebas” e macetes para o ingresso em instituições pelo vestibular.

O terceiro dado analisado, através de viagens, nos é de interessante análise e, para isto, questionamos os alunos sobre: qual foi a viagem mais longa que tu fizeste?

Gráfico 27 – Já viajou?



Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

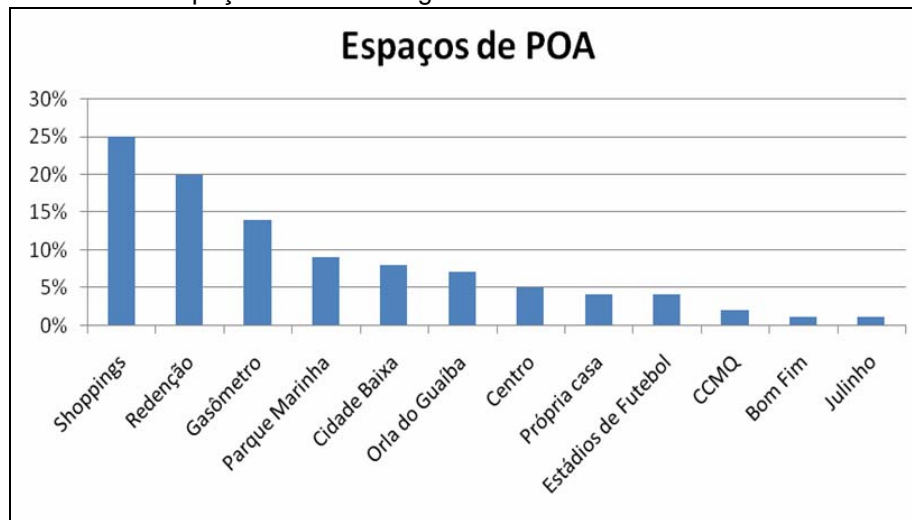
O fato de 14% dos alunos responderem que nunca viajaram (sequer saíram de Porto Alegre) nos faz refletir sob alguns aspectos: a) a situação econômica de muitas das famílias dos alunos, como já apresentado no perfil geral dos sujeitos da análise; b) a necessidade da realização de saídas de estudos com os alunos, que, de alguma forma, mesmo dentro de sua cidade, podem expandir seus horizontes.

Uma parcela de 22% já viajou para o interior do Estado do RS, afirmando que foram visitar familiares que moram nestas regiões. Já 35%, a maioria dos sujeitos da amostra de pesquisa, inferiu ter viajado para o Estado vizinho de Santa Catarina, e, mais especificamente, para a região das praias, litoral muito cobiçado em épocas de férias e veraneio.

Cerca de 30% dos alunos declararam ter saído para outros estados (16%) ou exterior – Cone Sul da América do Sul (14%). Tal quadro é típico de escola pública. Não nos surpreenderia, caso a pesquisa fosse realizada em uma escola privada, cujos alunos possuam alto padrão financeiro, que a quase totalidade dos mesmos já tivessem viajado para o exterior.

Por fim, no que se refere ao aproveitamento da Geografia nas vivências de nossos jovens-alunos-sujeitos, questionamos sobre os espaços de Porto Alegre (sua cidade) que mais gostam de frequentar e nos deparamos com as seguintes respostas, conforme analisamos no gráfico a seguir.

Gráfico 28 – Espaços de Porto Alegre



Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

Dos doze espaços inferidos nessa pergunta, gostaríamos de dar destaque aos dois primeiros, quando classificados por ordem de aparecimento: *shoppings* (Praia de Belas, o mais elencado) e o Parque Farroupilha (a conhecida Redenção). Escolhemos falar desses dois espaços por serem, de certa forma, um resumo das vivências juvenis na cidade, para além de sua própria casa, sua escola e seu trabalho, quando o há.

Falar em *shopping* é, em um primeiro momento, marcar a necessidade de um sistema capitalista, de pensar, arquitetar, construir e manter “templos de compras”. Não quero aqui ficar criticando o sistema, até porque vivo nele, frequento *shoppings* e, superficialmente, não enxergo tantos problemas que mereçam destaque neste tipo de trabalho. O fato é que o *shopping* se tornou um espaço de vivência não só juvenil, mas também destes que são os mais assíduos frequentadores destes espaços. Em Porto Alegre, o *Shopping Praia de Belas* é o mais frequentado pelos alunos-sujeitos da pesquisa, pois é um entre-caminho no trajeto entre suas casas, a escolas e seus locais de trabalho (como será explicitado e visualizado no próximo subcapítulo).

Figura 7 – *Shopping Praia de Belas*



Fonte: *Shopping Praia de Belas*, digital (2015).

Criado em 1992, o Praia de Belas foi um dos primeiros *shoppings* da capital gaúcha, juntamente com o Iguatemi, o qual atualmente é o administrador deste *shopping*. Recentemente passou por obras de ampliação, formatando o espaço em três andares de lojas e com a construção de um prédio externo de estacionamento e de uma torre comercial ligada ao prédio principal do *shopping*.

O *shopping*, nesse sentido, torna-se espaço de sociabilização desses jovens, na medida em que o frequentam e que nele realizam performances sociais, como a do ultimamente conhecido “rolezinho”. Esse é o termo designado para a junção de jovens em um *shopping*, que muitas vezes é agendada via *online* (*Facebook*, por exemplo). A seguir, podemos observar uma imagem de um “rolezinho”, que nos esclarece nossa visão sobre a proposta.

Figura 8 – Formação do “rolezinho” em um *shopping*



Fonte: Portal UOL de Notícias (2015).

Ao chegar neste ponto do texto o leitor poderia se perguntar: mas o que há de Geografia nisto? A resposta é imediata: tudo! Em primeiro lugar cabe ressaltar que, nesta performance social do “rolezinho”, o jovem territorializa o espaço do *shopping*, muitas vezes causando indisposições com a segurança e os lojistas. Há o recente caso de outro *shopping*, em Porto Alegre, que, nos finais de semana, barrou a entrada de menores de 16 anos se não estivessem acompanhados dos pais ou responsáveis. Sobre o ato de o jovem territorializar o espaço do *shopping*, se faz mais do que necessário retomar o conceito de território proposto por Haesbaert (2004, p. 1), quando afirma que

[...] território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional “poder político”. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação.

Nesse sentido, percebemos que esses jovens, ao estarem em um espaço da cidade, estão exercitando uma tentativa de apropriação deste espaço, no caso, um *shopping*. Quão rico isto é para a Geografia! Particularmente, busco explorar estas discussões em minhas aulas, de como estas vivências de meus alunos (jovens contemporâneos) formam parte, por exemplo, da materialidade de conceitos geográficos, conceitos estes que estão sendo cobrados cada vez mais em avaliações externas, como o ENEM.

Outro espaço vivenciado pelos alunos-jovens da amostra da pesquisa é o Parque Farroupilha (Redenção).

Figura 9 – Parque Farroupilha



Fonte: Clic RBS (2015).

Espaço da antiga Vila de Porto Alegre, o Parque Farroupilha já foi área de Várzea, que ficava fora dos muros e dos portões da cidade. Espaço de criação de gado, de embates da Revolução Farroupilha, de comemorações – precoces – da abolição da escravatura, apenas em 1927 foi declarado parque e, muito depois, em 1997, tombado pelo Município de Porto Alegre como patrimônio histórico-cultural da cidade.

O Parque Farroupilha é um espaço de convivência e manifestações das culturas juvenis presentes em Porto Alegre. Não nos surpreendeu essa resposta no questionário de pesquisa, quando perguntamos sobre os espaços da cidade que são utilizados/ocupados/vividos pelos jovens urbanos contemporâneos.

Pereira (2011) já nos aclarava da importância do estudo das vivências do jovem urbano, justamente no Parque Farroupilha, espaço de pesquisa da Tese intitulada “Domingo no Parque: notas sobre a experiência do ser jovem na contemporaneidade”. A autora destaca de maneira clara as vivências desses jovens e das formas com que ocupam o Parque Farroupilha nos mais variados moldes, por exemplo:

- a) vivências semanais de grupos (tribos);
- b) a exibição dos corpos e os expectadores que os estão assistindo;
- c) a diversidade sexual e a “pegação” no parque;
- d) a diversidade musical e o encontro dos jovens;
- e) os jovens que se embriagam com vinho;

- f) a performance de grupos homossexuais;
- g) a performance de várias tribos;
- h) os eventos que ali acontecem, como a parada *gay*.

Figura 10 – Um domingo qualquer no Parque Farroupilha



Fonte: Clic RBS (2015).

E a Geografia? Se tivermos grupos juvenis oriundos de diferentes tribos, ocupando um único espaço (Parque Farroupilha), nos parece claro que volta à tona o conceito de território e territorialidades, no qual os jovens vão exercer suas noções de poder sobre os espaços. Interessante como Pereira (2011) coloca-nos a refletir sobre o quão suscetível e dinâmica são essas manchas de jovens de diferentes grupos que se movem nos espaços do Parque durante um domingo, por exemplo. Se isto não for Geografia, há que se rever então o que ela de fato é.

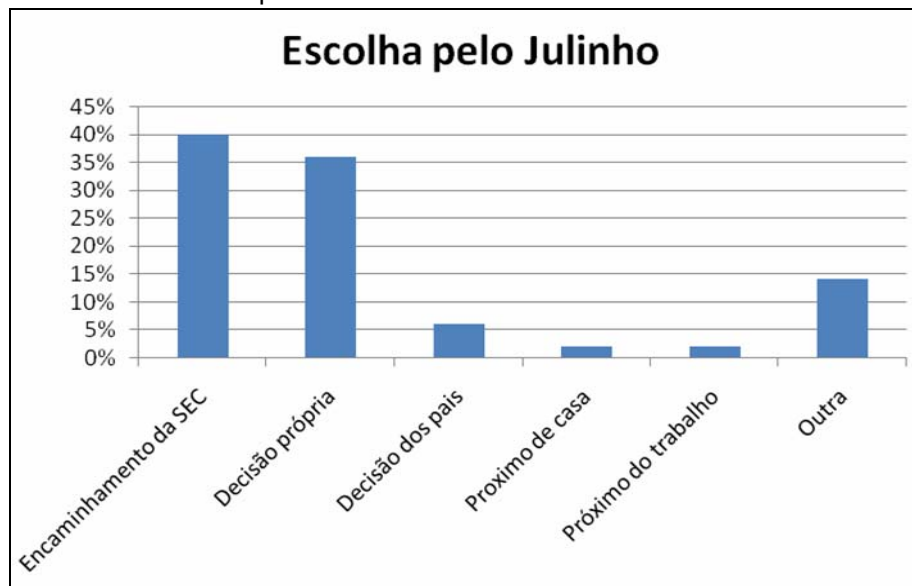
Veja bem, caro leitor, o que realizamos aqui foi uma pequena amostra do quão variado é o universo de nossos jovens-alunos, quando colocamos suas práticas sociais relacionadas a alguns dos conceitos da Geografia e o quão ricas seriam nossas aulas se utilizássemos estas vivências para discutir temas e formar conceitos nestes jovens, ademais, formar cidadãos que saibam realizar leituras – críticas, por que não – do mundo no qual estão inseridos. Vamos verificar, na sequência, algumas das relações desses jovens com sua escola.

4.5 O JOVEM E SUA ESCOLA: ENTRE GOSTOS E DESGOSTOS

Seguimos nossas discussões sobre os resultados da pesquisa, divididos nos três grandes pontos deste texto: jovem, ensino de Geografia e o próprio espaço da pesquisa – o Colégio Estadual Júlio de Castilhos. Gostaríamos de realizar algumas discussões da relação desse jovem-aluno com sua escola. Sabemos que o Julinho é uma escola apreciada pela comunidade porto-alegrense e gaúcha; entretanto, a imagem desta escola é realmente boa?

Numa primeira análise, cabe ressaltar a divisão no que se refere à escolha desse jovem em estudar no CEJC. Dos sujeitos da pesquisa, 40% afirmam terem sido direcionados/encaminhados via Secretaria Estadual de Educação, ou seja, foram designados para estudar no Julinho. Ainda assim, 36% afirmaram ser escolha própria o fato de estudar no Julinho. Percebemos que aí temos uma categoria importante das respostas mais citadas: não há uma homogeneidade na escolha pelo Julinho como escola. Assim, podemos observar no gráfico que segue, juntamente com outros motivos elencados, como decisão dos pais ou ainda proximidade de casa ou trabalho (respostas menos expressivas na análise).

Gráfico 29 - Escolha pelo Julinho



Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

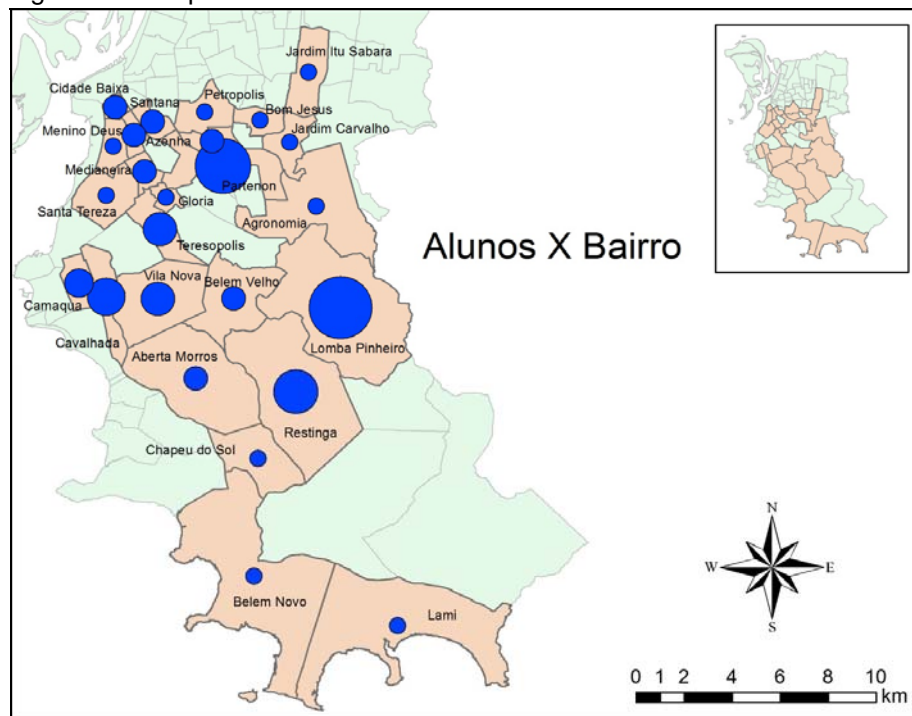
Elaboramos, da mesma forma, um levantamento dos bairros dos quais provêm os alunos que estudam no Julinho, com base na amostra da pesquisa. Constatamos que não há uma proximidade geográfica expressiva no que diz respeito à cercania da

escola em relação às residências dos alunos. Constatamos, ainda, que a maioria dos alunos é proveniente das zonas central, leste e sul e muito poucos alunos originam-se de bairros da zona norte da cidade de Porto Alegre.

Cabe destacar o fato de que existem dois bairros nos quais há maior número de alunos residentes: Partenon e Lomba do Pinheiro. Sabemos que nesses bairros é grande o número de comunidades cujo padrão socioeconômico é baixo, fato que podemos perceber, claramente, em nosso cotidiano docente, através da falta de material didático e das roupas utilizadas pelos alunos.

É importante afirmar que os alunos que compuseram a amostra estão localizados nas mais variadas partes das zonas de Porto Alegre. Assim, o CEJC não se configura como escola de comunidade, que atenderia prioritariamente alunos de suas cercanias. O CEJC trata-se de “escola de passagem”, confirmado por amostragem através da interpretação do mapa.

Figura 11 – Mapa do Bairro de residência dos alunos



Fonte: Geóg. Marcelo Nunes Antunes Filho (2014).

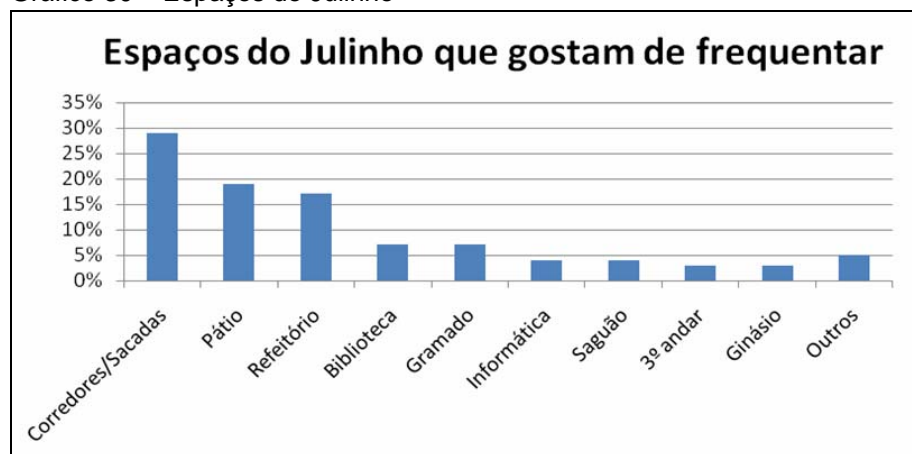
Tendo uma prévia do que encontraríamos no que se refere aos bairros de procedência dos alunos, questionamos os mesmos sobre o que, efetivamente, significa para os alunos sair de seu bairro para estudar no Julinho, uma vez que nos pareceria importante ter conhecimento do que representa – subjetivamente – este deslocamento geográfico pela cidade para estudar.

Das respostas, 35% – a maioria – afirmam ser uma viagem longa. Entendemos essa resposta, uma vez que nos é sabido que muitos alunos enfrentam viagens, em coletivos, diariamente, em condições precárias, **por mais de uma hora**, para chegar a sua escola. Na sequência, constatamos que 30% dizem que essa viagem, mesmo sendo longa, muitas vezes simboliza uma mudança de vida, e, de fato, muitas vezes, assim o é. Sabemos hoje do quanto a escolarização básica completa (incluindo o ensino médio) é importante na vida do trabalhador, por exemplo. Haver finalizado o Ensino Médio – nesta ou naquela instituição – representa uma mudança de vida, de possibilidades de emprego, de salários.

Ainda constatamos que 20% dos alunos afirmaram que sair do bairro para vir estudar significa “monotonia”, um simples cumprimento de uma tarefa e 10% afirmou ser caminho ou passagem. Questionamo-nos: o que faz um jovem afirmar que sair de seu bairro para estudar – muitas vezes enfrentando longa viagem, desconfortável – é algo monótono, “para cumprir uma tarefa”? Não queremos aqui responsabilizar o professor por essa resposta. O fato é que há culpa no processo como um todo! Não estamos conseguindo motivar nossos jovens para que frequentem, com ânimo, a escola! Pouco sabemos deles! Acreditamos que conhecê-los, em um primeiro momento, ajude a caminhar na reversão desse processo!

Ainda na construção deste dossiê sobre a relação do jovem com sua escola, perguntamos aos jovens/sujeitos quais espaços no Julinho os mesmos mais gostavam de frequentar ou estar. Obtivemos as seguintes respostas.

Gráfico 30 – Espaços do Julinho



Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

Queremos tecer algumas considerações sobre os dois espaços mais apontados pelos alunos: os corredores/as sacadas (29%) e o pátio (19%). Seguiremos com uma pequena reflexão sobre a relação entre o jovem e os espaços de sua escola:

a) Corredores/sacadas

Com a maior porcentagem de respostas, os corredores e as sacadas do Julinho são o principal ponto de encontro dos alunos-jovens nos seguintes momentos: entradas, trocas de períodos, saídas. A arquitetura do prédio da escola é de autoria do renomado arquiteto Demétrio Ribeiro, e as sacadas foram justamente planejadas para que fossem espaço de convivência dos alunos, para que os mesmos pudessem respirar um ar fresco, dialogar, fazer amizades e até namorar. Pela expressividade nas respostas dos questionários, nos parece que as mesmas cumprem muito bem essa função.

Figura 12 – Sacada do Julinho



Fonte: Acervo do autor (2015).

Figura 13 – Corredor do Julinho



Fonte: Acervo do autor (2015).

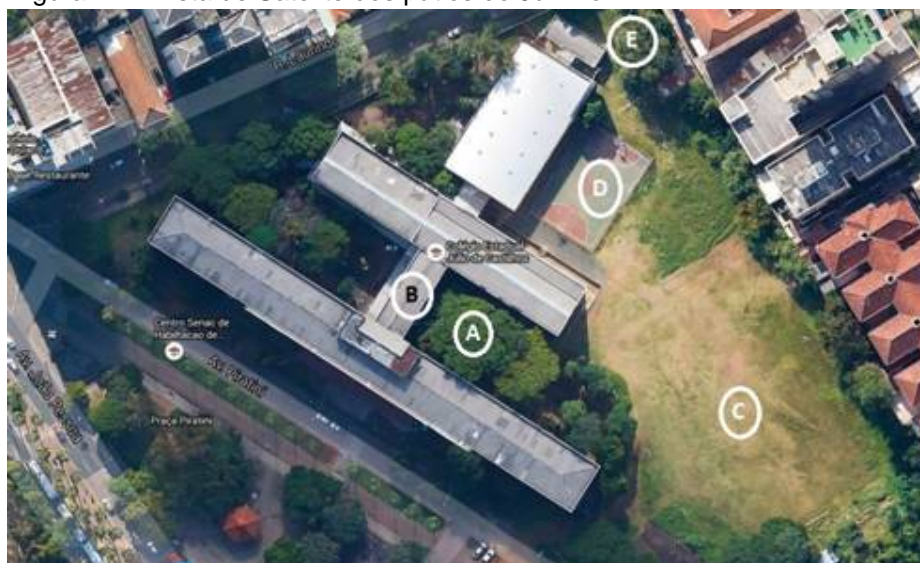
b) Pátio

Com a segunda maior percentagem, o pátio aparece igualmente como lugar de convivência dos alunos, já que é espaço de passagem, de ficar ao ar livre, de se expor ao sol – quando autorizado – de paquerar, de praticar esportes, por exemplo. O pátio em uma escola é um importante espaço de sociabilização dos alunos. No Julinho, existem várias seções/partes do que podemos chamar de pátio:

- pátio entre os dois blocos;
- o saguão que interliga estes dois blocos;
- campão verde-gramado;
- quadras abertas e
- os “fundos”.

Vejamos essa dispersão na imagem de satélite.

Figura 14 – Vista de Satélite dos pátios do Julinho



Fonte: *Google Maps* (2015).

O que fica claro é que, muitas vezes, o pátio é lugar para matar aula, para se esconder da direção, para utilizar drogas e até para manter relações sexuais. A parte conhecida como “fundão” é a mais propícia para cometer esses atos ilícitos, já que não está às vistas da direção e há pouca circulação de funcionários por este local.

Por outro lado, o pátio também serve como espaço no qual há a livre circulação de alunos e o aproveitamento, por exemplo, em um dia de sol, para realização de exercícios – prática autorizada em muitos outros espaços escolares.

Figura 15 – Foto dos pátios do Julinho



Fonte: *Jornal Sul21* (2014).

O ponto importante a ser discutido, como já sinalizamos anteriormente, é que foram citados vários espaços da escola (sacadas, pátio, refeitório, biblioteca, informática [...]) quando questionamos os alunos sobre quais os mesmos gostavam de estar ou frequentar, mas um espaço **não foi citado** por nenhum dos alunos: a **sala de aula!**

Os espaços citados são os que os alunos menos permanecem ou pouco frequentam, durante o tempo em que estão na escola. A sala de aula é o espaço no qual os alunos mais permanecem! Mas, por que ela não foi citada por **nenhum dos alunos** como um espaço que dá gosto de estar? O que acontece, de fato, que faz os alunos criarem ojeriza por esse espaço? Penso que aqui temos a oportunidade de refletir sobre nossas aulas e de como potencializamos este como um espaço de criatividade, liberdade, autonomia e reflexão dos alunos. Voltamos a nos questionar: conhecemos nossos alunos? Se conhecêssemos talvez pensaríamos em melhores momentos com eles neste espaço que não lhes é agradável!

Também é importante refletir sobre a fase da adolescência/juventude como de oposição à cultura dominante, como já apresentamos aqui. Não queremos responsabilizar, novamente, o professor, ao encontrarmos esse dado da análise. Há que se refletir sobre como esses jovens percebem o espaço escolar, uma vez que lhes é “privada” a possibilidade de frequentar/estar nos espaços os quais gostam de estar porque precisam assistir às aulas ministradas – em sua massiva maioria – na sala de aula. Podemos entender, assim, que a sala de aula surge como uma espécie de sentença para o aluno: “tu vais à escola, conviverás com teus amigos, farás amizades, paquerarás, mas, por isso, pagarás um preço: deverás estar na sala de aula!”, conforme demonstrado nas próximas Figuras 16 e 17.

Figuras 16 – Sala de aula do Julinho



Fonte: Acervo do autor (2015).

Figuras 17 – Sala de aula do Julinho



Fonte: Acervo do autor (2015).

Veja bem, caro leitor, o Julinho possui salas de aula tão normais quanto qualquer outra escola pública possuiria! Não há nada de aparato tecnológico. Quadro branco, classes, cadeiras, estante, livros e um mapa-mundi, estes são os elementos que estão presentes nas mais de quarenta salas de aula que a escola possui. Agora, podemos refletir no que diz respeito àquilo que acontece dentro desse simples espaço.

Para se dar uma boa aula não precisamos de grandes artefatos: a) um professor, que conheça seus alunos, que saiba do que irá falar, que tenha paciência, que entenda do processo de aprendizagem em sua ciência, e (b) um grupo de alunos que admire seu professor. Nada de utopias aqui, caro leitor. Esses nos parecem requisitos básicos e elementares dentro de uma escola, mas, será que de fato eles existem? Por exemplo: interesse em interagir, educar!

Ainda questionamos nossos alunos se os mesmos gostam de estudar no Colégio Estadual Júlio de Castilhos, com o intuito de verificar o quão estreita é – ou não – a relação afetiva dos estudantes com sua escola. Massivos 97% dos jovens/alunos afirmaram gostar de estudar no Julinho, sendo os principais motivos para gostar de estudar nesta escola: os amigos que ali constituíram e constituem; os professores, os quais afirmam que, com raríssimas exceções, são muito camaradas; a diversidade encontrada na escola; a liberdade fornecida pela escola.

Montamos um infográfico para explicitar as três palavras que nossos alunos sentiram em seu primeiro dia de aula no Julinho. Optamos por armar uma forma diferente de visualização que pode nos auxiliar na interpretação dos dados: quanto maior a palavra, mais vezes ela foi citada, quanto menor a palavra, menos vezes ela foi citada. Vejamos as primeiras impressões dos jovens-alunos sobre sua escola.

Figura 18 – Palavras que representam o primeiro dia de aula dos alunos no Julinho



Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

Perceba, caro leitor, as quatro palavras maiores nesse gráfico são: vergonha, nervosismo, timidez e ansiedade. No geral, não são palavras de conotação positiva, a nosso olhar. Podemos imaginar que essas palavras estão diretamente relacionadas com o fato de que esses jovens nunca haviam se encontrado – quando da constituição da turma, no primeiro ano do ensino médio – e que estão em um momento de real timidez e vergonha.

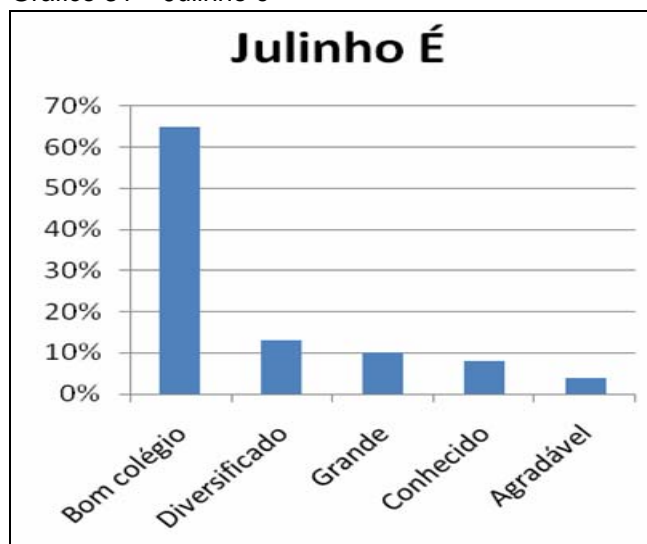
Mas também nos aparecem palavras interessantes como curiosidade, alegria, conhecimento! Entendemos que, ao se referirem ao seu primeiro dia de aula no Julinho, os alunos efetivamente estavam iniciando uma nova etapa em suas vidas, o ensino médio, uma etapa repleta de descobertas e aprendizados, etapa esta no qual, realmente, este perfil e esta identidade juvenil que tratamos ao longo deste texto irão aflorar, reverberar e se autoafirmar nestes jovens-alunos.

Por fim, como última análise desta pesquisa, propusemos que os alunos-jovens trabalhassem com relações de antíteses, sobre sua escola. Pedimos que os mesmos completassem dois pares de frases, a saber: O Julinho é/O Julinho não é; O Julinho tem/O Julinho não tem. Nossa intenção aqui foi perceber a visão desse aluno em relação às qualidades e possíveis dificuldades da escola. Alegrou-nos a sinceridade que os alunos responderam, pois muito do que foi dito por eles é a mais pura percepção vivida pela escola. Por outro lado, pudemos constatar como todo ser

humano é crente, um crente que acredita que seu espaço pode ser o melhor de todos, quando há muito que fazer para melhorar e atingir níveis de um bom padrão de qualidade.

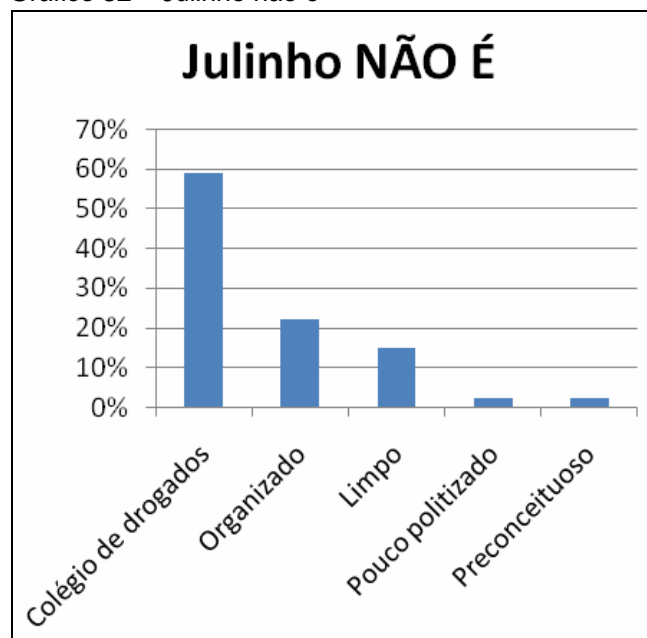
Sobre a antítese “o Julinho é/o Julinho não é” encontramos as seguintes respostas.

Gráfico 31 – Julinho é



Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

Gráfico 32 – Julinho não é



Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

Na demonstração das figuras apresentadas se confirmou a ideia de quão crente nosso aluno é, quando 65% dos alunos afirmaram que o Julinho – espaço da

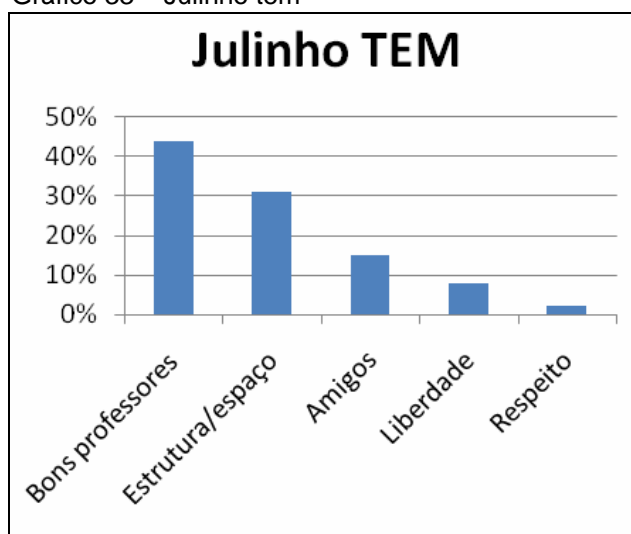
pesquisa – é um bom colégio! Já anunciamos no capítulo inicial deste texto o quão “massacrado” o Julinho foi e vem sendo nos últimos tempos, dado o descaso com a educação pública. Mas nosso aluno acredita em nós, acredita em sua escola, acredita que sua escola é, de fato, um bom colégio! Afirmam ainda que o Julinho é diversificado (o que provou esta pesquisa), grande (o que de fato é – maior escola pública do Estado do RS), conhecido (grande parte das mídias procuram o Julinho para noticiar sobre educação) e agradável.

Por outro lado, nos aparece que o Julinho não é um colégio de drogados. Aqui, um ponto delicado a ser tratado. Sabe-se que a maioria dos alunos do Julinho não tem relação alguma com qualquer tipo de droga. Mas se sabe, também, que, há algumas décadas, o Grêmio Estudantil da escola vem sendo ocupado por alunos que utilizam este espaço para o consumo de drogas (principalmente maconha), o que dá a fama de a escola ter muitos alunos drogados ou ser uma escola de drogados, quando são pouquíssimos os que cometem estes atos ilícitos no ambiente escolar. O que nos alegrou aqui foi que nossos alunos se colocaram, firmemente, na posição de que eles não são esses drogados! São alunos que estudam e buscam o melhor para si e para os seus!

Duas palavras que revelam uma triste realidade: o Julinho não é organizado e limpo. E de fato não é! Percebemos, nos últimos anos, que a gestão da escola pública vem enfrentando sérias dificuldades para administrar uma escola, o que dá a real impressão de desorganização no ambiente escolar. Faltam também funcionários suficientes para dar conta da limpeza de um espaço tão grande como o Colégio Júlio de Castilhos. Duas palavras que revelam uma alegre realidade: o Julinho não é pouco politizado e preconceituoso. E, de fato, também não o é! Existem muitas correntes políticas no âmbito da escola e a tolerância/respeito com a diversidade é fator que vem aumentando cotidianamente.

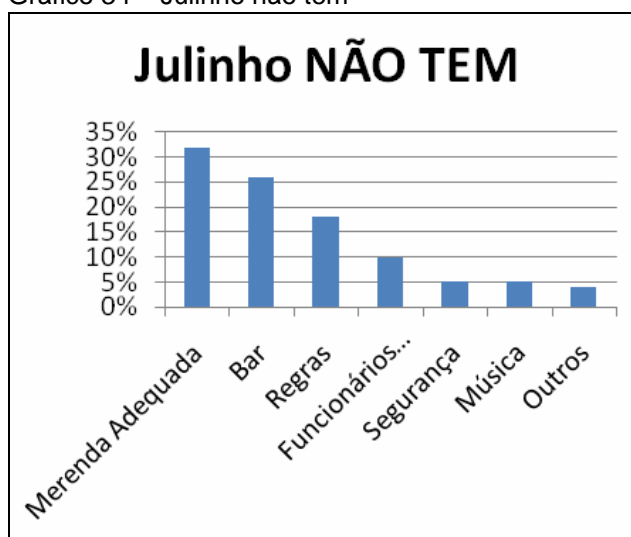
Sobre a antítese “o Julinho tem/o Julinho não tem” encontramos as seguintes respostas.

Gráfico 33 – Julinho tem



Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

Gráfico 34 – Julinho não tem



Fonte: Elaborado pelo autor (2015).

Nossos alunos afirmaram que o espaço da pesquisa tem bons professores (porque gostam dos mesmos, em sua maioria), tem estrutura/espaço, tem amigos, tem liberdade e tem respeito. Pontos muito positivos para a escola! Por outro lado, nos revelam tristes fatos, ao declara que o Julinho não tem merenda adequada, bar, regras, funcionários suficientes, segurança e música, por exemplo. Tentemos entender porque nos apareceu cada um destes dados:

a) Julinho não tem:

- **merenda adequada:** as licitações para a merenda escolar estão ficando cada vez mais complicadas e delicadas, o que faz com que muitas vezes a merenda seja bolacha e suco artificial;

- **bar:** a licitação para o bar da escola venceu e os inquilinos ficaram mais de dois anos sem pagar o aluguel para o Estado, o que fez com que este barrasse a entrada de um novo inquilino para o bar antes que o anterior quite sua dívida;
- **regras:** existe um cartão informativo com as regras da escola, elaborado em parceria com a Fundação de Apoio. Parece-nos que os alunos inferem em não ver as regras porque não as põem em prática e não há fiscalização adequada sobre o tema;
- **funcionários suficientes:** de fato não há. Atualmente existem quatro funcionárias da limpeza, para limpar uma estrutura gigante, com mais de 40 salas de aula, mais de 10 laboratórios, mais de 40 salas entre direções e coordenações, tudo isto funcionando em 3 turnos;
- **segurança:** frequentemente os alunos são assaltados ao sair da escola e atravessar a Praça Piratini para ir à parada dos ônibus;
- **música:** são raros os recreios em que tem música.

5 DAS DISCUSSÕES, DAQUILO QUE SURPREENDEU E AS CENAS DOS PRÓXIMOS CAPÍTULOS...

“Todos yiran y yiran, todo bajo el sol, se proyecta la vida [...]”.

Entre os mares e ventos pelos quais navegam as escolas públicas deste país, as últimas constatações da pesquisa não são as mais favoráveis. Não se pode deixar de lutar por uma escola pública gratuita, laica e de qualidade! Entretanto, muitos outros resultados da pesquisa nos mostram um cenário bom, um cenário no qual existem muitas coisas a serem melhoradas, mas pelo qual não perderemos a esperança.

Queremos discutir, nesta última parte, sobre dois pontos importantes: algumas constatações realizadas a partir das análises proporcionadas pela realização da pesquisa e algumas perguntas que nos ficaram a partir da pesquisa. Ao pesquisar buscamos encontrar respostas. E acrescentaríamos: e a partir destas respostas, encontramos novas perguntas! Por isto o ciclo da pesquisa não se acaba, estamos constantemente pesquisando sobre nós e nosso meio.

Voltemos à pergunta inicial da presente investigação: **Quem são os jovens alunos de Ensino Médio de escola pública e quais sentidos atribuem ao ensino de Geografia!”**

O perfil do jovem contemporâneo, abordado nos subcapítulos 4.1, 4.2 e 4.3 nos dá a ideia e a dimensão de quem são os jovens alunos do Ensino Médio da escola pública. Mas, ainda alerta a escola que, por muitas vezes, não conhece esse perfil e pouco se abastece dos conhecimentos dos alunos para pensar sua prática pedagógica. Em suma, temos um jovem-aluno:

- a) em sua maioria acima da idade prevista para a série em que se encontra;
- b) identificado em diversas tribos;
- c) que escuta diferentes estilos musicais e é eclético;
- d) que utiliza seu tempo livre – quando dispõe – para praticar diferentes atividades de lazer;
- e) que pode ser categorizado em diferentes perfis de jovem e de juventude;
- f) que pensa e se preocupa com seu futuro;
- g) que, em sua maioria, utiliza bebidas alcoólicas;
- h) que, em sua massiva maioria, já trabalha, mesmo estando estudando;

- i) que pouco ou nada estuda além da sala de aula;
- j) que lê (independentemente de que tipo de leitura seja);
- k) que, em sua maioria, é heterossexual;
- l) que, em alguns casos, tem uma vivência religiosa;
- m) que passa considerável tempo diário conectado à *internet*, em sua maioria acessado via *smartphone*;
- n) que possui *Facebook* e mantém uma rede social sólida de contatos;
- o) que, em geral, gosta de Geografia;
- p) que vincula a palavra Geografia com os conhecimentos físicos da ciência;
- q) que está aprendendo (ou buscando aprender) também pela *internet*, *YouTube*, vídeoaulas;
- r) cujos espaços públicos que frequenta são os parques e *shoppings*;
- s) que gosta de sua escola, mesmo sabendo de suas fragilidades.

Esse extenso resumo do que foi apresentado ao longo de toda esta pesquisa nos faz refletir sobre a característica principal e marcante desse público entrevistado, os jovens: as **múltiplas identidades** e os **múltiplos pertencimentos** nos quais consegue facilmente se encaixar, transitar e vivenciar!

Percebemos que, para responder a primeira parte da pergunta de pesquisa, o trabalho de encontrar perguntas e analisar as respostas de quem é esse jovem é extenso! São muitos os questionamentos a serem feitos para se ter ideia de quem é esse jovem e arriscar montar um perfil geral do mesmo.

Estamos cientes de que falamos de uma realidade específica: alunos de terceiro ano do ensino médio, do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, no ano de 2014, de três turmas, uma de cada turno, foram os que responderam nossos questionários. O que nos parece interessante é o fato de que esses dados podem ser muito similares a outras realidades que não a nossa. Percebemos que o jovem contemporâneo possui características fundamentais, marcantes e se repetem em outras realidades. Como afirmamos isso? Pois vivenciamos outras realidades, temos contatos com colegas professores de outras escolas que inferem em práticas de seus alunos muito similares as que aqui foram ressaltadas.

Em relação à segunda parte da pergunta de pesquisa, nos pareceu muito claro que as relações efetuadas entre esse jovem contemporâneo e o ensino de Geografia estão ligadas aos temas físicos da ciência. Quando questionamos os mesmos sobre a “serventia da Geografia”, nos são oferecidas como respostas as

temáticas físicas (duras) da ciência geográfica, como localizar países ou saber fusos horários, por exemplo. Se perguntarmos ainda quais são as palavras que mais lembram a Geografia, os mesmos inferem, em sua maioria, em palavras da ordem da Geografia física.

Essa constatação nos faz refletir sobre como vem sendo dada a condução de nossas aulas e sobre como vem sendo pensados os currículos escolares e os programas de ensino. Vejamos alguns questionamentos importantes:

a) sobre nossas aulas:

- Estamos dando a verdadeira importância ao conceito de Espaço Geográfico e suas relações entre os temas sociais e naturais?
- Estamos contextualizando as realidades locais dos alunos, de maneira a termos uma abordagem das diferentes escalas geográficas, partindo do local e chegando ao global (e vice-versa)?
- Estamos tendo espaço para discutir com os alunos as temáticas dos movimentos sociais, das cidades, das populações, de maneira com que eles se sintam participantes destas questões?
- Não estaríamos frisando em demasia o tema físico da Geografia, uma vez que, no imaginário popular, o mesmo dá mais “validade” à ciência geográfica?

b) Sobre os currículos escolares e os programas de ensino:

- Estamos balanceando as temáticas físicas com as temáticas humanas da Geografia, ao planejarmos nossos planos de ensino?
- Estamos conseguindo efetuar a devida defesa da permanência da Geografia nas grades de currículos, quando sabemos que em muitas escolas não há mais Geografia nos três anos do ensino médio?
- Estamos cientes das propostas dos órgãos competentes (Ministério e Secretarias de Educação) no que diz respeito ao ensino de Geografia?

Caro leitor, são muitas as perguntas! Encontramos respostas para elas? Nesse sentido é que nos referimos ao afirmar que a busca por responder uma pergunta nos abre espaço para outras tão urgentes quanto a primeira.

Gostaria de elencar, também, alguns de meus aprendizados, com a realização da presente pesquisa:

- pude ter o privilégio de conhecer a fundo quem é meu aluno, de refletir sobre minha prática docente, encontrar minhas fragilidades e buscar alternativas para consolidar meus movimentos dentro do ambiente escolar;
- aprendi que o jovem é muito parecido, independente da realidade social na qual se encontre. Constantemente, no decorrer da pesquisa (sejam nas leituras, nos questionários, nas análises e em minhas aulas) efetuei comparações entre os meus sujeitos da pesquisa – alunos de escola pública – e meus alunos da escola privada (de alto padrão) na qual presto serviços atualmente. Pude perceber o quão parecido esses jovens são, o quanto sonham e o quão múltiplos são;
- pesquisei mais sobre mim, sobre este jovem professor de 25 anos, que iniciou muito cedo, não somente na docência, mas nas responsabilidades da vida adulta, quase que “pulando” muitas das etapas dessa juventude agora pesquisada e descoberta;
- vi que a pesquisa é um trabalho solitário, mas que requer boas companhias para trocar experiências, dores, angústias e alegrias;
- vivenciei o quão complicado, delicado e trabalhoso é fazer pesquisa (no nível de uma dissertação de mestrado) e trabalhar como docente (com mais de 40 horas-aula semanais) ao mesmo tempo!

Acredito ser importante lembrar, neste espaço, Meirieu (2006, p.25), em sua “Carta a um Jovem Professor”, sobre uma visão importante do professor: “Não há nada de extraordinário, então, em considerarmos nosso ofício como um meio de possibilitar a outros que vivam a alegria das descobertas que nós próprios vivemos”.

E, ainda, uma visão importante sobre o conhecimento, ainda conforme as palavras do autor (2006, p.19): “O professor deve possibilitar a cada aluno confrontar-se com um saber que o ultrapassa e, ao mesmo tempo, fornecer-lhe a ajuda necessária para se aproximar deste saber”.

Pois a mim me interessa justamente isto que fora citado! Dividir as alegrias das minhas descobertas, com meus alunos e meus colegas, para que os mesmos possam se identificar ou não. O importante é dialogar, conversar, falar sobre estes achados de pesquisa. E ainda quero, cada dia mais, confrontar meu aluno com os saberes geográficos por mim conduzidos em sala de aula ou vivenciados em seu cotidiano!

Ainda gostaria de explicitar, daquilo que foi visto, algumas pistas para futuras análises e futuras pesquisas. O mestrado é um momento muito rápido de nossa vida acadêmica e muitas vezes nos faltam tempo e espaço para realizar tudo o que deveríamos fazer para uma pesquisa. Nesse sentido, sinto que, para o futuro, seria interessante avaliar:

- um método que vá além dos questionários: grupo focal, por exemplo. Necessito ter mais dados subjetivos de vários jovens, para poder aclarar dados que aqui ainda requerem maior lapidação. Necessitamos de mais tempo para pôr em prática este método, uma vez que há degravações e análise do discurso;
- as comparações entre os jovens de escola pública e privada: como já dito, esta foi uma comparação particular e paralela à pesquisa. Nosso foco de pesquisa foram os alunos de escola pública, mas seria interessante também avaliarmos as diferenças para além das aparências, entre estas duas realidades;
- as comparações entre jovens urbanos e jovens do interior: como as identidades juvenis são formadas em outros espaços, que não o urbano?
- as comparações entre jovens de diferentes nacionalidades: estariam os jovens brasileiros, por exemplo, com perfis semelhantes a outros jovens do MERCOSUL? Como as diferenças de colonização histórica produzem diferenças na constituição destes jovens?

As palavras finais de um texto nos fazem refletir sobre o quanto crescemos, amadurecemos e passamos a ter novos olhares sobre o mundo, sobre a ciência e sobre nossa realidade: escola, jovens, alunos...

Esta pesquisa buscou, além dos objetivos já afirmados, refletir sobre nossa condição de professor-pesquisador-aluno, refletir sobre nossa prática docente e como atingimos nossos jovens, refletir sobre quem é meu aluno e quem sou eu.

Avante, companheiros! Há muito trabalho a ser feito! Mais pesquisas, mais aulas, mais jovens e mais reflexões virão! Obrigado!

REFERÊNCIAS

ABARCA, Humberto; SEPÚLVEDA, Maurício. Barras Bravas, pasión guerrera. Territorio, masculinidad y violencia en el fútbol chileno. *In*: FERRÁNDIZ, Francisco; FEIXA, Carles. (Orgs.) **Jóvens sin trégua**: culturas y políticas de la violencia. Barcelona: Anthropos, 2005.

ALMEIDA, Renato Souza de. Juventude e Religião: o que a escola tem a ver com isso? *In*: CAVALCANTE, Márcia Koboldt. (Org.) **Culturas Juvenis**: dinamizando a escola. Porto Alegre: Edipucrs, 2009.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 2012.

BONATO, Taís Nicoletti; SARRIERA, Jorge Castellá; WAGNER, Adriana. O lazer na adolescência. *In*: SARRIERA, Jorge Castellá; PARADISO, Ângela Carina. (Orgs.). **Tempo livre e lazer na adolescência**: promoção da saúde, intervenção e pesquisa. Porto Alegre: Sulina, 2012.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei 11.788, de 25 de setembro de 2008**. Dispõe sobre o estágio de estudantes. Brasília, 2008.

CACCIA-BAVA, Augusto; COSTA, Dora Isabel Paiva da. O lugar dos jovens na história brasileira. *In*: _____; FEIXA PAMPOLS, Carles; CANGAS, Yanko. (Orgs.). **Jovens na América Latina**. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.

CANEVACCI, Massimo. **Culturas eXtremas**: mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. Mudanças na prática docente: a aprendizagem em espaços não formais. *In*: REGO, Nelson *et al.* **Geografia**: práticas pedagógicas para o ensino médio. Porto Alegre: Penso, 2011.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. Diferentes conceitos nas complexas práticas de Ensino em Geografia. *In*: TONINI, Ivaine Maria *et. al.* (Orgs.). **O ensino da geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas: Papirus, 2008.

_____. A Geografia Escolar e a Sociedade Brasileira Contemporânea. *In*: TONINI, Ivaine Maria *et. al.* (Orgs.). O ensino da geografia e suas composições curriculares. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

_____. Aprender sobre a cidade: a geografia urbana brasileira e a formação de jovens escolares. **Revista Geográfica de América Central Número Especial EGAL**, Costa Rica II Semestre 2011.

CLIC RBS. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/almanaquegaucho/files/2012/03/julinhoricardoduarte12042002.jpg>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

CORTI, Ana Paula. Uma diversidade de sujeitos: juventude e diversidade no ensino médio. *In: Juventude e escolarização: os sentidos do Ensino Médio. Programa Salto para o Futuro – TVE/Escola/Brasil*, São Paulo, ano XIX, Boletim 18, nov./2009.

COSTA, Marisa Vorraber. Uma agenda para jovens pesquisadores. *In: COSTA, Marisa Vorraber. (Org.). Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

ESTEBAN, María Paz Sandín. **Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FEIXA PAMPOLS, Carles. A construção histórica da juventude. *In: _____; CACCIA-BAVA, Augusto; CANGAS, Yanko. (Orgs). Jovens na América Latina*. São Paulo: Escrituras, 2004.

_____. La ciudad invisible: territorios de las culturas juveniles. *In: MARGULIS, Mario; CUBIDES, Humberto; VALDERRAMA, Carlos. Viviendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*. Santa Fé de Bogotá: Universidad Central; Siglo Del Hombre, 1998.

FERREIRA, Débora Schardosin. **Canoas como lugar: o mundo dos jovens contemporâneos a partir de suas representações sociais**. (Dissertação de Mestrado), Pós-Graduação em Geografia. Instituto de Geociências. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. *In: COSTA, Marisa Vorraber. (Org.). Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

FLACH, Gilberto. Tecnologia, escola e juventude: uma sociedade de indivíduos. *In: CAVALCANTE, Márcia Koboldt. (Org). Culturas Juvenis: dinamizando a escola*. Porto Alegre: Edipucrs, 2009.

FREIRE FILHO, João. Retratos midiáticos da nova geração e a regulação do prazer juvenil. *In: BORELLI, Silvia. (Org.). Culturas Juvenis no século XXI*. São Paulo: EDUC, 2008.

GARBIN, Elisabete Maria. Conectados por um fio: alguns apontamentos sobre internet, culturas juvenis contemporâneas e a escola. *In: Juventude e escolarização: os sentidos do Ensino Médio. Programa Salto para o Futuro – TVE/Escola/Brasil*. São Paulo, ano XIX, Boletim 18, nov./2009.

_____. Diferentes de alguns, iguais a outros! As culturas juvenis invadem a escola. *In: CAVALCANTE, Márcia Koboldt. (Org). Culturas Juvenis: dinamizando a escola*. Porto Alegre: Edipucrs, 2009.

GARBIN, Elisabete Maria; TONINI, Ivaine Maria. “Geografando” práticas juvenis que (de)marcam a metrópole: uma questão de currículo escolar? **Revista Geograficidade**, Rio de Janeiro, v.2. Número Especial, Primavera, 2012.

GOOGLE *Maps*. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

GREEN, Bill & BIGUN, Chris. Alienígenas na sala de aula. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org). **Alienígenas na sala de aula** – uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

GASTALDO, Márcio Zoratto. *Rock and roll: o jovem faz a sua música*. *In*: CAVALCANTE, Márcia Koboldt. (Org). **Culturas Juvenis: dinamizando a escola**. Porto Alegre: Edipucrs, 2009.

HAESBAERT, Rogério. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. *Revista do PET* (<http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>). Porto Alegre: PET/GEA, 2004.

JORNAL Sul21. Bernardo Jardim Ribeiro (Jornalista). **Foto dos pátios do Colégio Julinho**. Porto Alegre/RS. Disponível em: <<http://i1.wp.com/www.sul21.com.br/jornal/wp-content/uploads/2013/10/20131025por-bernardo-jardim-ribeiro-7115.jpg?resize=720%2C481>>. Acesso em: 12 maio 2014.

KAERCHER, Nestor André. **Desafios e utopias no ensino da geografia**. 3.ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

_____. Das coisas sem Rosa uma delas é o Pessoa: as Geografias do Manoel e do Nestor na busca do bom professor. *In*: TONINI, Ivaine Maria *et. al.* (Orgs). **O ensino da geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

_____. **A geografia escolar na prática docente: a utopia e os obstáculos epistemológicos da geografia crítica**. (Tese de Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004.

_____. **Se a Geografia escolar é um pastel de vento o gato come a geografia crítica**. Porto Alegre: Evangraf, 2014.

KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico**. São Paulo: Contexto, 2010.

LACOSTE, Yves. **A Geografia** – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Campinas: Papyrus, 1988.

LAGES, Mariana Nunes. **Sexualidade na adolescência: intervenção em contexto educativo, para a promoção do autocuidado**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, PUCRS, Porto Alegre, 2009.

MARTINS, José Clerton. Perspectivas do tempo livre na contemporaneidade. *In*: SARRIERA, Jorge Castellá; PARADISO, Ângela Carina. (Orgs.). **Tempo livre e lazer na adolescência**: promoção da saúde, intervenção e pesquisa. Porto Alegre: Sulina, 2012.

MEIRIEU, Philippe. **Aprender... sim, mas como?** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

_____. **Carta a um Jovem Professor**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MICHALSKI, Marion Fassina. **Identidade do aluno Juliano**: liberdade e identidade no ensino médio. Porto Alegre: Colégio Estadual Júlio de Castilhos, 2010.

MUNDO JOVEM (org.). *Funk*: som da nova geração. *In*: CAVALCANTE, Márcia Koboldt. (Org). **Culturas Juvenis**: dinamizando a escola. Porto Alegre: Edipucrs, 2009.

OLIVEIRA, Elisete dos Santos. *Hip Hop*: uma experiência cultural na escola. *In*: CAVALCANTE, Márcia Koboldt. (Org). **Culturas Juvenis**: dinamizando a escola. Porto Alegre: Edipucrs, 2009.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

_____. **Nos rastros da solidão**: deambulações sociológicas. Porto: Âmbar, 2006.

PEREIRA, Angélica Silvana. **Domingo no Parque**: notas sobre a experiência de ser jovem na contemporaneidade. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2011.

PIRES, Cláudia Luiza Zeferino; SIMÃO, Ana Regina Falkembach; POZZER, Kátia Maria Paim. Representações Espaciais, Juventude e Periferia: Guajuvira/Canoas/RS e seus desafios urbanos. **Revista FSA**, Teresina, v.10, n.1, art.7, p. 118-38, jan./mar. 2013.

PORTAL UOL de Notícias. Disponível em: <http://imguol.com/c/noticias/2014/01/13/11jan2014---usuarios-do-facebook-marcam-um-rolezinho-no-shopping-itaquera-na-tarde-deste-sabado-11-o-shopping-reforçou-a-segurança-e-pediu-apoio-a-polícia-militar-lojas-fecharam-as-portas-1389627068680_956x500.jpg>. Acesso em: 20 abr. 2015.

PRAIA de Belas Shopping. Disponível em: <<http://www.iguatemi.com.br/praiadebelasshopping>>. Acesso em: 23 maio 2015.

SCHUTZ, Fabiane; CALZA, Tiago; HOWES, Gabriella. Protagonismo Juvenil e o tempo livre. *In*: SARRIERA, Jorge Castellá; PARADISO, Ângela Carina. (Orgs.). **Tempo livre e lazer na adolescência**: promoção da saúde, intervenção e pesquisa. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SERRANO, José Fernando. 'Somos el extremo de las cosas': o pistas para comprender culturas juveniles hoy. *In*: CUBIDES, Humberto J., TOSCANO, María Cristina Laverde, VALDERRAMA, Carlos Eduardo H. "Viviendo a toda" – Jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades. **Série Encuentros**, Fundación Universidad Central, Santafé de Bogotá: Paidós, 1998.

SILVA, Rosimeri Aquino da. **Sexualidades na escola em tempos de AIDS**. 1999. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A entrevista na pesquisa em educação – uma arena de significados. *In*: COSTA, Marisa Vorraber. (Org.). **Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SOUZA, Rui Antônio de. Além dos muros: razão ou razões na escola? *In*: CAVALCANTE, Márcia Koboldt. (Org.). **Culturas Juvenis: dinamizando a escola**. Porto Alegre: Edipucrs, 2009.

SPORLEDER-CÔRTEZ, Helena. Mídia e Juventude: reflexões (educacionais) sobre a cultura contemporânea. *In*: CAVALCANTE, Márcia Koboldt. (Org.). **Culturas Juvenis: dinamizando a escola**. Porto Alegre: Edipucrs, 2009.

STECANELA, Nilda. **Jovens e Cotidiano: trânsitos pelas culturas juvenis e pela escola da vida**. Caxias do Sul: Ediuucs, 2010.

SWIFT, Jonathan. **Viagens de Gulliver**. Rio de Janeiro: Globo, 1952.

TONETTO, Élda Pasini. **Redes Sociais e práticas escolares: plataformas para uma Geografia online**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Porto Alegre: IGEO/UFRGS, 2013.

VALLERIUS, Daniel Mallmann. **Identidades (nem tão) virtuais assim: um olhar sobre a construção de identidades territoriais no ciberespaço**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Porto Alegre: IGEO/UFRGS, 2011.

VEIGA-NETO, Alfredo. Paradigmas? Cuidados com eles. *In*: COSTA, Marisa Vorraber. (Org.). **Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

XAVIER, Maria Luísa Merino de Freitas. A construção da categoria social aluno: aprendizagens, socialização e disciplinamento em questão. **Currículo sem Fronteiras**, Porto Alegre, v.14, n.2, p. 97-108, maio/ago. 2014.

YOUTUBE. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sQewkYR4_sg>. Acesso em: 20 abr. 2015.

APÊNDICE A - Termo para Instituição

Instituto de Geociências
Programa de Pós-Graduação em Geografia
Mestrado em Geografia

Ilmo. Antônio César dos Santos Esperança
Diretor do Colégio Estadual Júlio de Castilhos

Senhor Diretor,

Ao cumprimentá-lo, venho por meio desta, solicitar permissão a essa direção, educadores, alunos, e familiares de três turmas, conforme tabela anexa ao projeto original, para efetuar aplicação do questionário com alunos, observações de atividades culturais, recreios, ambientes extraclasse onde se desenvolvem atividades relacionadas com o ensino de Geografia, no período de abril do corrente até outubro do corrente.

O registro deste trabalho tem o objetivo de problematizar o ensino de Geografia e os jovens contemporâneos. Trata-se de pesquisa de mestrado intitulada: "Somos jovens: o ensino de Geografia e a escuta às Juventudes", sob a orientação e supervisão do Prof. Dr. Nestor André Kaercher, da Faculdade de Educação da UFRGS.

Os jovens serão entrevistados e eventualmente fotografados dentro do espaço escolar. Comprometo-me a respeitar os valores éticos que permeiam este tipo de trabalho, efetuando pessoalmente as pesquisas e entrevistas. Em anexo, segue um formulário no qual cada aluno ou familiar deverá firmar seu acordo e permissão.

Na certeza de poder contar com o apoio dessa Instituição e da sua comunidade de alunos, pais e educadores, antecipo agradecimentos.

Victor Hugo Nedel Oliveira
Aluno do Programa de Pós-Graduação em Geografia (UFRGS)

victornedel@hotmail.com
(51) 9343.3839

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA MESTRADO EM GEOGRAFIA

Dados de identificação

Título do Projeto: Somos tão jovens: o ensino de Geografia e a escuta às juventudes

Pesquisador Responsável: Victor Hugo Nedel Oliveira

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Telefones para contato: 3223.3411

Nome do voluntário: _____

Idade: _____ anos

R.G.: _____

Responsável legal (quando for o caso): _____

R.G. Responsável legal: _____

O Sr.(ª) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa “**Somos jovens: o ensino de Geografia e a escuta às juventudes**”, de responsabilidade do pesquisador **Victor Hugo Nedel Oliveira**.

Para alcançar o objetivo deste estudo irei efetuar entrevistas semi-estruturadas com alunos, observações de atividades culturais, recreios, ambientes extraclasse onde se desenvolvem atividades relacionadas com o ensino de Geografia, no período de abril do corrente até outubro do corrente ano.

O registro deste trabalho tem o objetivo de problematizar o ensino de Geografia e os jovens contemporâneos. Trata-se de pesquisa de mestrado sob a orientação e supervisão do Prof. Dr. Nestor André Kaercher, da Faculdade de Educação da UFRGS.

Os jovens serão entrevistados e eventualmente fotografados dentro do espaço escolar. Comprometo-me a respeitar os valores éticos que permeiam este tipo de trabalho, efetuando pessoalmente as pesquisas e entrevistas.

Eu, _____, RG nº _____ declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Ou

Eu, _____, RG nº _____, responsável legal por _____, RG nº _____

declaro ter sido informado e concordo com a sua participação, como voluntário, no projeto de pesquisa acima descrito.

Porto Alegre, _____ de _____ de _____

Assinatura

APÊNDICE C - Modelo de questionário aplicado

Prezado aluno/Prezada aluna,

Me chamo Victor, sou professor de Geografia do Julinho e aluno de mestrado em Geografia (UFRGS). Gostaria que me ajudasse em minha pesquisa, que visa entender um pouco mais sobre quem são os alunos do Julinho e suas relações com a Geografia. Esta pesquisa busca qualificar o ensino em nossa escola e contribuir com as aulas de Geografia. Lembro que este você não precisa identificar-se e que as respostas deste questionário servirão unicamente para o desenvolvimento desta pesquisa, basta ser sincero! Agradeço antecipadamente se responderes às seguintes questões:

Parte I – Com relação a você:

1. O que é ser jovem para você?
2. Sexo:
 - a) Masculino
 - b) Feminino
3. Qual o turno em que você estuda no Julinho?
 - a) Manhã
 - b) Tarde
 - c) Noite
4. Qual sua idade?
 - a) Menos de 14 anos
 - b) 14 anos
 - c) 15 anos
 - d) 16 anos
 - e) 17 anos
 - f) 18 anos
 - g) Mais de 18 anos
5. Você trabalha?
 - a) Sim, faço estágio no turno inverso.
 - b) Sim, trabalho com carteira assinada no turno inverso.
 - c) Não.
6. Você faz algum curso extra?
 - a) Não.
 - b) Sim. Qual? _____
7. Qual sua religião ou culto?
 - a) Agnóstico
 - b) Ateu
 - c) Budista
 - d) Católico
 - e) Espírita
 - f) Evangélico
 - g) Igrejas neopentecostais
 - h) Islamita
 - i) Protestante
 - j) Religiões Afro-Brasileiras
 - k) Outra. Qual? _____

8. Assinale a alternativa que indica sua cor ou raça:

- a) Branca
- b) Preta
- c) Parda
- d) Amarela
- e) Indígena
- f) Outra. Qual? _____

9. Qual sua orientação sexual?

- a) Heterossexual
- b) Homossexual
- c) Bissexual
- d) Transexual
- e) Outra. Qual? _____

10. Pertence a alguma "tribo"?

- a) Pagodeiros
- b) Funkeiros
- c) Rockeiros
- d) Metaleiros
- e) Hippes
- f) Outra. Qual? _____

11. Bairro onde mora?

12. Quais são teus sonhos? O que queres estar fazendo em 5 anos?

13. O que fazes no teu tempo livre? (fora estudo/trabalho).

14. Tens *Facebook*?

- a) Sim
- b) Não

15. Como acessas a *internet*?

- a) Em casa
- b) Lan House
- c) Trabalho
- d) Outro. Qual? _____

16. Quantas horas você fica conectado na *internet* por dia?

- a) Menos de 1 hora
- b) Entre 1 e duas horas
- c) Entre 2 e 4 horas
- d) Entre 4 e 6 horas
- e) Mais de 6 horas

17. Que tipo de música tu gostas?

18. Qual a viagem mais longa que tu já fizestes? Para onde foi? Como foi?

19. Você fuma?

- a) Sim. Por que? _____
 b) Não

20. Você bebe bebidas alcoólicas?

- a) Sim. Quantas vezes na semana? _____
 b) Não

21. Que tipos de leituras você realiza?

- a) Revistas
 b) Jornais
 c) Livros
 d) Outros. Quais? _____
 e) Não leio

22. Quanto tempo de estudo, além da sala de aula, você dedica por dia? _____

23. Qual espaço em Porto Alegre tu mais gostas de freqüentar? _____

Parte II – Com relação a Geografia:

24. Com relação à disciplina de Geografia, você pode dizer que:

- a) Gosta mais de Geografia do que qualquer outra disciplina.
 b) Gosta de Geografia.
 c) É indiferente (nem gosta nem antipatiza).
 d) Não gosta de Geografia.
 e) Detesta Geografia.

25. Com relação a resposta anterior, você pode dizer que foi influenciado principalmente por:

- a) Bons professores (sabiam da matéria) de Geografia.
 b) Professores camaradas (amigos, simpáticos) de Geografia.
 c) Maus professores (não sabiam da matéria) de Geografia.
 d) Professores chatos (antipáticos) de Geografia.
 e) Não foi influenciado pelos professores de Geografia.
 f) Outras influencias. Cite: _____

26. Ao lembrar a palavra Geografia quais são as três principais palavras que lhe veem a cabeça?

27. Qual é a utilidade da Geografia para você?

28. Como você faz para aprender/estudar Geografia?

29. Onde mais – além da sala de aula com o professor – é possível aprender Geografia?

30. O que é Geografia para você?

Parte III - Com relação ao Julinho:

31. Por que escolheste estudar no Julinho?

- a) Decisão própria
- b) Decisão dos pais
- c) Encaminhamento da SEC
- d) Próximo de casa
- e) Próximo do trabalho
- f) Outra. Qual? _____

32. O que representa para ti, sair do teu bairro e vir até o Julinho para estudar?

33. Quais espaços do Julinho, além da sala de aula, tu mais freqüentas?

34. Tu gostas de estudar no Julinho? Por que?

35. Resuma, em três palavras, o que sentistes no teu primeiro dia de aula aqui no colégio.

36. O Julinho é: _____

37. O Julinho não é: _____

38. O Julinho tem: _____

39. O Julinho não tem: _____

ANEXO A - Pesquisa de Interesse, realizada pela Fundação de Apoio
ao Colégio Estadual Júlio de Castilhos em 2012

FUNDAÇÃO DE APOIO AO COLÉGIO ESTADUAL JÚLIO DE CASTILHOS
Departamento de Ensino

Enquete realizada com os primeiros anos, nos três turnos, em março de 2012.
INTERESSE EM ESTUDAR NO JULINHO

Total de alunos matriculados por turno, nos primeiros anos, em 2012
Manhã – 608 Tarde – 436 Noite - 225

Turmas da manhã	Total de alunos que participaram da enquete	Total de alunos que não desejavam estudar no Julinho	% dos que não desejavam estudar no Julinho		Turmas da tarde e noite	Total de alunos que participaram da enquete	Total de alunos que não desejavam estudar no Julinho	% dos que não desejavam estudar no Julinho
11 A	27	16	59,2		12 A	20	12	60,0
11 B	28	16	57,1		12 B	27	10	37,0
11 C	33	11	33,3		12 C	29	21	72,4
11 D	33	19	57,5		12 D	19	9	47,3
11 E	32	12	37,5		12 E	26	10	38,4
11 F	30	15	50,0		12 F	23	08	34,7
11 G	24	02	08,3		12 G	25	13	52,0
11 H	25	08	32,00		12 H	22	10	45,4
11 I	31	14	45,1		12 I	20	08	40,0
11 J	25	10	40,0		12 J	25	11	44,0
11 K	34	13	38,2		12 K	24	09	37,5
11 L	30	14	46,6		12 L	25	07	28,0
11 M	28	17	60,7		12 M	15	08	53,3
11 N	29	18	60,0		TARDE	300	136	45,3
11 O	24	06	25,0		NOITE			
11 P	25	11	44,0					
11 Q	23	11	47,8		13 A	22	10	45,4
MANHÃ	481	213	44,2		13 B	23	05	21,7
					13 C	16	03	18,7
					13 D	21	09	42,8
					13 E	20	08	40,0
					13 F	08	01	12,5
					NOITE	110	36	32,7
TOTAL GERAL	891	385	43,2					